ANTÓNIO DA SILVA PIMENTA

SACO DE PAPEL VELHO

-3Pimenta

C.M.B.
Biblioteca

À Biblioteca Pública
de Barcelos

ofte

António Fimenta

Maio de 1964

C.M.B.
Biblioteca

Saco de Papel Velho

Composto e Impresso nas:
Oficinas Gráficos Reunidos, Lda.
Rua de Cedofeita, 654 — Porto

ANTÓNIO DA SILVA PIMENTA

C.M.B.
Biblioteca

SACO DE PAPEL VELHO

(CONTOS E OUTRAS COISAS MAIS)

F 82.6.12
C. N.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 6394

S. MAMEDE DE INFESTA - 1964

DEDICATÓRIA

AOS MEUS SOBRINHOS

NOTAS

— *Se, nos contarelos aqui descritos, houver quaisquer nomes, factos históricos ou crenças populares que porventura tenham alguma semelhança com os reais—É pura ficção.*

— *Numa página final colocou-se as soluções de alguns inocentes passatempos comtidos neste livréco.*

— *A capa deve-se à Amizade dum novo que não acredita no seu talento —*
— Fernando Pinto

CÂMARA MUNICIPAL
BARCELOS

AO JEITO DE PREFÁCIO

No meu tempo de rapaz — a alma a reflorir na Primavera da vida — fiz versos. Quem, aos dezoito anos, não faz versos?! Nessa idade, quando o arrebol da madrugada é fulvo e promissor e todo o Céu se abre serêno e limpido num horizonte sem fim, não há alma moça que não seja Musa de cada moço! O verso é então como que o extravasar da matéria que fervilha no seio da Natureza para irromper depois em caudal volumoso a regar a seiva do fruto em sazão! É a puberdade que se anuncia, em gorgeios canoros, a tecer Hossanas em louvor desta coisa maravilhosa que é a Vida!

Aos dezoito anos todos somos Poetas. Todos pagamos dessa forma o tributo merecido à Mãe-Natureza, cantando-lhe Hinos de agradecimento com toda a nossa alma a transbordar de afectos os mais puros e dos mais altos sentimentos da espiritualidade humana.

Também fiz versos. Versos maus, sem jeito, sem métrica, sem rima e sem música; versos que só a minha alma os entendia e com eles vibrava daquela ressonância com que

vibram as almas aos dezoito anos! Mas que versos aqueles, meu Deus! Incandescentes como a lava do vulcão; sentimentais como se fôssem trinados de rouxinol; e doridos, e meigos, e sinceros! Versos meus dos meus dezoito anos — ai! que saudades eu tenho de vós e do tempo distante que nos separa!...

Mas a vida caminhou; os sóis foram-se escondendo quotidiana, um apoz outro, sucessivamente e vós, versos meus da minha mocidade, ficastes sempre jovens enquanto que por mim os invernos foram passando a deixar nos cabelos as marcas indeléveis da sua passagem!...

Versos meus da minha infância! Ai que saudades! Quantas!...

Tive também a tola vaidade de ensaiar uns pequenos contarelos que para serem pobres nem sequer lhes falta a ausência de imaginação e que por lá foram ficando, em papéis soltos, metidos numa velha gaveta. De longe a longe, quando a pachorra me chega para isso, vou vê-los. E hoje, terça-feira de Carnaval, tarde pardacenta e à qual uma chuva miuda dá uma nota de infinita tristeza, cá vim ao meu Saco de Papel Velho *rever recordações. Li também alguns versos. E nota curiosa: apezar do tempo*

passado e da vida vivida me ter dado alguns conhecimentos, acho que não seria hoje capaz de fazê-los melhores.

— Fazê-los melhores, disse eu?...

— Nem parecidos!... — era o que devia dizer.

E tive então uma ideia: — compilar tudo isto, esta amalgama de escritos, esta rapsódia de coisas em prosa e em verso num pequeno e despretencioso opúsculo, que dedicaria à paciência de meus sobrinhos para que algum dia pudessem vir a dizer, com vaidade, que tiveram um tio das «letras» — o que seria mais ou menos exacto por ser comerciante e ter lidado muito com elas...

Mexer no que está escrito, seria uma asneira e uma traição: — traição do moço de quarenta e alguns anos, quantos conto hoje, ao moço dos dezoito que então fui; asneira, porque seria mudar um estilo para uma coisa sem estilo algum. Como nasceram — e se nasceram

tortos — assim ficarão para honra e glória de tudo o que não é perfeito.

A toda a minha sobrinhada — grande rancho garboso que fez velhos os Pais e a mim também — aqui fica a pobre herança do

Tio Tone

S. Mamede de Infesta — 1964

SONETO

À minha mulher — recordando um aniversário distante

Publicado em "O Telégrafo"
— Horta — em 1942

DIA DE ANOS

Dum ano e outro após, continuamente
Se forma a vida; primo a mocidade,
Qual manhã de arrebol resplandecente
Que deixa em rasto as núvens da saudade!

Uma outra idade vem, seguidamente,
Com ilusões e risos de vaidade
Enchendo as almas daquele amor ridente
De beijos, flores e simplicidade.

A neve cai depois, mui demansinho,
A mostrar como foi longo o caminho,
Vincando frontes, afastando enganos...

E velhinhos já, cansados de lutar,
Como deve ser grato recordar
Da juventude os nossos dias d'anos!

Continhos

CÂMARA MUNICIPAL BARCELOS

O GALO

(*continho*)

Conta-se a história de muitas maneiras. A versão, porém, que me parece mais ajustada à realidade dos factos, ouvia-a contar ao povo do seguinte modo:

Na rua do Quartel, ali mesmo nas vizinhanças da Matriz — a mais linda Colegiada que ainda se ergueu por todo este maravilhoso Minho em louvor de Deus — vivia um pobre sapateiro remendão, homem rude, boçal, que a natureza houvera moldado pela rama comum. Toda a sua convivência não passara jamais daquela magreza de palavreado tôsco, o suficiente para receber ou entregar a obra consertada e brunida. E as mais das vezes, sem levantar a cabeça da tripeça, mal via as pessoas que lhe procuravam a sua arte — arte em que era mestre e mestre de nomeada. Naquele seu feitio bronco, escondia-se, contudo, um carácter franco, bondoso mesmo, homem de dar ao semelhante aquilo que a si próprio poderia fazer falta. Milagres da natureza, ou defeitos,

se acharem melhor. Eu opto por ambos para poder ficar de bem com gregos e troianos. Amargou, desde verdíssimos anos aquele pão amassado pelo diabo por môr duma orfandade precoce que o deixou abandonado de tudo neste mundo. Agasalhado por um velho casal da vizinhança, gente humilde mas santa gente, o rapaz breve aprendia a arte do benfeitor. Cresceu. Amparou na velhice aqueles que lhe serviram de pais e com o trabalho humilde do seu mister não deixou que a fome algum dia tivesse entrado naquela casa pobre. Vendera o pouco que ficara para amortalhar os velhinhos que uma tarde acompanhou, sentidamente choroso às campas rasas onde deixou, mais valiosas que as flores mais raras, as suas lágrimas puras, daquela alma justa e dum coração bondoso. Herdara a banca, a tripeça e umas esboroadas fôrmas, a quem o caruncho prometia breve vida. Tudo o mais, que pouquíssimo era, havia trocado ele pelo entêrro dos seus benfeitores. Ficou pobre e ficou só. Mas tinha em si aquela fortuna que só sabe avaliar quem alguma vez, como ele, tiver sentido a felicidade que vem duma consciencia tranquila pelo dever bem cumprido. O tempo foi passando e o nosso bom do sapateiro sentiu que a casa estava demasiado vazia consigo apenas dentro dela. E lembrou-se de casar. Mas como? Namorar? Isso sim, que era p'ra ele! Raparigas não faltavam, não; mas que lhes havia de dizer? Nada, não senhores! A coisa não podia ser assim... E vai daí lem-

brou-se de falar à Sr.ª Joaquina do Canto (do Canto era o apelido que lhe vinha de ter na esquina do Apoio um lugar que era simultâneamente de venda de hortaliça e de murmuração) mulher já entradota nos anos e nos costumes. Como a sua casa era lugar obrigatório de paragem daquela sopeirada toda dos arrabaldes, bem podia a Sr.ª Joaquina inculcar-lhe mulher à sua feição. Era sabido que não lhe convinha moça espevitada e arisca — isso sim, que p'rós seus pecados bem lhe bondava já a vida amarga que levava! Mas coisa a modos p'rá sua posição e, o mais que importava, p'ró seu feitio. Pois havia de falar-lhe e a Sr.ª Joaquina, a troco dumas meias solas nas chinelas domingueiras, decerto se não furtaria a tal favor. «Que diabo — dizia — ele era pobre mas sério, sossegado, mas homem de trabalho e de vergonhas. Havia de falar-lhe, sim, senhores; e sabem que mais? — não era obra do outro mundo o facto dum homem precisar de companheira!»

Aquela ideia remoeu no seu acanhado cérebro por algumas semanas. À medida que o tempo passava, mais natural lhe parecia a conversa que havia de ter com a Sr.ª Joaquina do Canto. E um dia, catrapuz! a coisa aconteceu.

— Raios te partam, home! Pois porque mo não disseste há mais tempo? Lembraste daquela Josefa que estava na casa do Sr. Alferes? Sim, João, essa mesma? Olha que essa sim, é que te estava mesmo a matar! Com seu

pèzinho de meia, sim senhores, muito arranjada, governante duma casa como se quer, oh! home que essa é que te calhava como sopa no mel!...

E a Sr.ª Joaquina trazia até perto do nariz o beiço inferior, acenando de alto a baixo com a cabeça, naquele jeito e modo de quem acabava de dar a mais acertada sentença deste mundo.

O nosso mestre remendão fitava os olhos bogalhudos e coruscantes na sua interlocutora e dizia que sim, que a Josefa lhe calhava mesmo como a sopa no mel!

— Essa sim, essa é que era! Mas foi-se. E p'ra onde? Casaria, ou teria ido ela p'ra criada de Convento? Que um raio o partisse por não ter falado há mais tempo!...

— Mas não te aflijas, home, que a coisa não está perdida. Eu vou botar as minhas inculcas e hei-de achá-la. Ora se hei-de! Mas, olha-me cá uma coisa — disse de fito a Sr.ª Joaquina — tu... é mesmo p'ra casares?... Olha que me não faças o ninho atrás da orelha, que eu tenho já estes anos todos em riba da carcassa e nunca ninguém me cuspiu na cara!... Está a ouvir ou quê?!... Já sei que és sério, rapaz, ninguém te bota nada à cara! Mas uma coisa é ser a gente séria e outra é a gente ser tola... Bem, bem eu vou descansada porque sei quem tenho...

Ficou o nosso homem pensativo. A Josefa! Ora como lhe não lembrou a Josefa! Mulher

de recato, religiosa, um raio duma mulher que lhe estava mesmo na conta!

E naquele dia o trabalho não lhe rendeu.

A Sr.ª Joaquina do Canto, matrona manhosa e sabida, foi dali direita à casa do Alferes. Por artes, por manhas e por jeitos depressa farejou a pista da Josefa. Para lá do rio, no lugar do Areal de Cima, antes do caminho que carregava para a Escola de Tiro, ela ali estava a servir fidalgos. Botou-se à fala com a sua amiga e, após alguns rodeios necessários à sondagem do terreno que pretendia pisar, endireitou ao assunto:

— Má mês p'ra si, tia Joaquina! Então eu ia lá agora casar! O raio do home é que se lembrou de mim, ou foi vocemecê que me alumiou?

— Fala baixo, criatura, que ninguém precisa de saber ao que vim! Pois tu não vês que te venho trazer a tua sorte? Tu conhece-lo muito bem e de mais não precisas dos meus conselhos. Mas olha que sempre te quero dizer que fazes mal se não aproveitas, rapariga! Ocasiões destas não nas há muitas vezes. Atenta bem, moça! Tu pensa, que isto não é sangria desatada e estou como o outro que diz: — no aproveitar é que vai o ganho.

— Olhe que eu nem sei que lhe diga, tiazinha! Tenho cá aquelas minhas quanto a casamento, e sabe vocemecê que mais? — não me cheira esta coisa...

— Bem tola me saíste, Josefa! Quem me manda a mim sair do meu negócio p'ra vir apanhar uma estafa destas e ainda por riba levar com esta pelas ventas abaixo! Ora vai-te, Joaquina, que ficaste bem ensinada!...

— Olhe, ó tia Joaquina, parece que me estão a chamar... Deixe que eu vou malucar esta noite no negócio e na Missa das Almas do Domingo já lhe levo uma resposta... Vocemecê vai à das Almas, pois não vai?...

— Então lá te espero, rapariga... Mas olha que tu não me deixes fugir esta aquela — estás a perceber-me, rapariga? Abre bem esses olhos e atenta no teu futuro...

E chegando-se mais para os ouvidos da Josefa, rabo do olho prescutando ao redor, a tia Joaquina reforçava:

— Tu achas que eu te vinha precurar p'ró pecado? Achas-me capaz duma coisa dessas, moça?... Olha que ele é bom, tem o seu módinho de vida e bem lhe bonda a gente saber o que fez pelos seus velhinhos que o criaram. Aquilo é carne da perna, moça!

— Está bem, tia Joaquina, está bem. Na das Almas lá lhe levo a reposta... Vá-se, vá-se que se chega a fidalga...

E sumiu-se, meia enfiada, endireitando à porta dos bezerros, julgando que atinava com a porta da casa...

*

* *

Deixemos a tia Joaquina ir na piugada da cidade, naquele seu passo curto e ligeiro tão peculiar nas matronas da sua laia, e vamos nós agora no encalço da Josefa para bisbilhotar um pouco da sua vida.

Esta moça, dos seus andados quarenta anos, não pertence ao número daquelas que, depois de mortas, vão parar ao registo celestial de Santo Hilário. De tal honra a libertou o clérigo de... terreola ali p'ras bandas de Lamêgo, onde serviu por anos dilatados até à reforma física e intelectual do bom abade, que depois a despachou metendo-lhe na bagagem um pé de meia chorudo que a Josefa viu engrossado por meio de artes e engenhos, que criadas de servir conhecem. Veio a rapariga por aí fora recomendada a casa do Alferes, ali à rua de S. Francisco, tão chegada ao Apoio como se do Apoio não fosse outra coisa que um dos seus membros principais. A dois passos do Quartel, não faltavam à Josefa olhos cubiçosos dos militares que a miravam gulosos — não fosse ela vermelhaça e roliça como os presuntos que fumara e comera na bela região donde viera.

A rapariga, no entanto, passava indiferente aos coriscos e raios que a cruzavam, se-

guindo avante sem a beliscadura cupidiana a que parecia invulnerável. Tinha um defeito, a Josefa: gostava muito do seu dedo de cavaco! Isto em mulheres — com a devida vénia — claro que não chega a ser defeito por ser coisa da sua própria natureza. Antes será defeito o contrário...

Mas na Josefa, era demais! Ali em dois padre-nossos punha toda a vida inteirinha no escalpêlo, que era um deleitar-se a gente ouvi-la a discretear! E conselhos? Sim, senhores, dava-os ali a preceito que era um regalo escutá-los! E com exemplos, pondo em destaque passagens desta e daquela Santa, cujas vidas conhecia como ninguém! Pudera, não conhecesse ela outras coisas, ora com quem!... Nos serões abadaciais, enquanto se esmoía o presunto gordo que adubava a sopa e a galinha do apresigo, ouvia a Josefa, toda regalada, as histórias de muitas santinhas que primeiro pagaram bem pago ao mundo o tributo de não sei que lhes diga, mas que depois ganharam as honras dos altares por arrependimentos e outras heroicidades dignas de tais remates. Ela conhecia-as todas. E sabia-as de cor, até. Quantas vezes emendava o bom do clérigo quando o sono, já mais forte que a sua verbosidade, fazia com que misturasse factos com histórias em sequência...

Pois a Josefa era, ali no lugar, uma conselheira muito procurada. Os seus ditados e as suas sentenças tinham nomeada. No fim

da Missa das Almas, ainda o sol nem rompera na madrugada, era vê-la, frente ao chafariz da Câmara, rodeada de consulentes que lhe contavam a vidinha toda, tim-tim por tim-tim, àvidas de colherem da Josefa a melhor forma de resolverem os seus pecados.

— Ah! Porcalhonas! — dizia a Josefa entre dentes, a caminho de casa. — Vocês com essas carinhas de santidade... sim, senhoras, bem vos entendo eu!... — E acenava p'rós lados com a cabeça, os beiços apertados e os olhos num olhar vago, indefinido...

Até que chegasse a casa — os patrões que esperassem, queria lá saber! — ainda fazia mais dois ou três grupos. Num deles apareceu a Francisca da Rosa, mocetona desempenada dos quatro costados, que servia já há anos na casa da Snr.ª D. Mariquinhas, que era naquele tempo a mais afreguezada mercearia do lugar.

— Ó Josefina! Sabe, eu queria-lhe duas palavrinhas, mas havia de ser a sós... Sim, a gente vai depois paulatinamente porí arriba, que eu não me importo de ir até à sua porta...

— Pois filha, não tas havia eu de dar? E mais não fosses tu, a Francisquinha da minha afeição particular... Vamos indo, vamos. E para as restantes:

— Vocês são uns amores mas tenho o café p'ra servir aos amos. Depois conversaremos... Adeuzinho.

E logo três passos dados, voltou-se ao grupo que ficara:

— Olha lá, ó Fina!

A rapariga a quem chamou veio dois passos onde a ela. A Josefa retrocedeu um. Bisbilhotou o que quer que fosse aos ouvidos da môça, a modos que esta ficou avermelhada.

— Credo! A Snr.ª Josefa sempre tem coisas!... Vocemecê então cuida...

— Eu não cuido nada, rapariga; mas olha-me bem por isso e não te atrazes...

E chegando-se mais para perto dos seus ouvidos:

— Depois, depois... sabes que o remédio é mais difícil. Falaremos, falaremos... Vais tu ao Terço, logo? Pois se vais, rapariga, conversaremos mais a preceito... Não te atrigues, moça... E foi juntar-se à Francisca que a esperava uns passos mais adiante e que, pelo sim, pelo não, sempre havia rondado uma orelha p'ras bandas da conversa...

— Então que me contas, Francisca? Não me venhas dizer que o Furriel te deixou! Agora cá!... Nem sequer te acreditava...

— Sabe, Josefina, eu tenho cá uma coisa p'ra lhe botar, mas sempre sinto alguns escrupos em lhe dizer!...

— Deixa passar aquela Jenoveva do Tamanqueiro — disse a Josefa atenta à aproximação da Jonoveva — que aquilo é uma língua que Deus nos defenda a todas, dela! E disfarçando:

— Pois muito me contas, rapariga, do teu irmão lá no Brasil! Aquilo é que ele deu um home como se quere, sim senhores!...

E à passagem da Jenoveva:

— Adeus Jenoveva. Então, ao cafézinho, não é assim? Pois claro, pois claro que tem de ser... Adeuzinho...

Para a Francisca:

— Viste? viste como ela deitava para nós o rabo do olho e a campanula das orelhas?!... Eu não te dizia? Línguas, línguas danadas, moça, digo-te eu!... Mas vamos lá ao assunto. Dizias tu que tinhas os teus escrupos... Quais escrupos nem meios escrupos, rapariga! Conta, desembucha que tu sabes bem quem sou eu: Um poço! Segredo na minha boca é cadávere que foi p'ra cova!...

— Eu sei, eu sei, Josefinha... Mas... como assim sempre tenho de desabafar...

E desabafou.

História longa e triste história que ela era. Coisas do tal Furriel. O amor — más raio partam o amor! — enfeitiçou-a. Promessas e mais promessas e agora — como dizer?— e agora já lhe era quasi impossível esconder os resultados. Dali a dois dias vinha a saber-se; a patroa dava fé e o patrão — que os diabos levassem o home, de tãos ruins fígados! — iria falar com os pais. E depois?... O quê?! O Furriel? — Então não via ela, a Josefinha, que ele foi há uma semana fazer a diligência p'ra Mafra e por lá se demoraria p'ra riba dum

C.M.B. Biblioteca

mês, que nunca p'ra menos?... Ai! que se ele estivesse cá... Bem podia ser, sim, que tudo remediasse, em casando. Mas assim, com ele lá longe... Sim, porque ele lho havia jurado! E ele era bom. Talvez casasse antes de tudo isto se descobrir.

— Fia-te nessa, rapariga! Tu então estás a ler, heim? A diligência em Mafra bem lha entendo eu!...

— Pelo santo nome de Jesus, tia Josefa! Não me bote veneno na alma! Pois ele era lá capaz duma coisa dessas!...

— Era lá capaz, dizes tu? — e a Josefa olhava de soslaio, meio de perfil, pondo a ponta do dedo indicador a puxar para baixo a palpebra do olho até lhe mostrar a vermelhidão interior:

— Era lá capaz? Olha que eu conheço-os a todos!... Tu que me dizes, moça? Se ele era lá capaz?...

— Mas o meu, não, Josefinha! Olhe que ele até me queria tirar de servir e ir falar c'oa minha mãe... Deus lhe defenda a sua alma, tia Josefa, se estiver a pecar com esses juizos... Nem me diga, santo Deus, que eu rebentava como uma castanha!...

— Não hás-de rebentar, rapariga. Mas olha-me cá uma coisa: — Tu já escreveste ao home? Ele já sabe disso? Ah! não sabe? Não escreveste? Pois olha que era por onde devias ter começado por môr de saber com o que podes contar... Daqui até ele se descozer, eu

não sou chamada p'ra nada, percebes?... Escreve, moça, escreve. Queres, tu que eu te note a carta? Pois se queres, logo depois do Terço vens direita à casa da tia Francisca do Canto que eu lá te apareço p'ro negócio. E nada de ralações ouviste? E vou-me, moça, que tenho lá em casa aquela gente a granzinar pelo café. Que esperem, que esperem! Então não havemos de tirar um migalho de tempo p'ra môr de distrair? Ora!

*

* *

Depois do Terço lá estava a Josefa a dar despacho aos seus negócios, como lhe chamava. Ora ditando conselhos, ora ouvindo novas histórias, ora ainda aguçando a língua no maldizer comum. Mas ela tinha uma novidade — e que novidade! — p'ra dar às suas amigas. O seu amo fora transferido. Ia p'ra Lamego, p'ra outro Quartel. Mas ela não ia, não! Olha que já foste! Era o que faltava — dizia — ir agora p'ra Lamego! De lá tinha vindo ela, roída de saudades e de desgostos... Mas já tudo passara, tudo esquecera...

— P'ra onde vou? Isso é cá comigo! Já tenho casa — e boa casa que ela é! Não me faltam. São assim!... — e agrupava os dedos da mão direita, naquele jeito popular de quem quer indicar um rôr de coisas.

Ficou como que estarrecido o auditório ao ouvir a má nova. Que falta lhes ia fazer a Josefa! E depois?

— E depois? — repetia — Depois? Olhem, meninas, não falta quem. O que é preciso é saber precurar... E demais eu não vou p'ro fim do mundo... À das Almas, cá estarei sempre. Os vagares é que podem ser poucos. Pudéra! Sempre será uma caminhada que não é para comparar com isto de ir daqui ali... Mas tudo se há-de arranjar... Tudo há-de ter remédio...

E a Josefa puxava p'ra frente o cachiné que lhe escorregava do coruto da cabeça.

*

* *

Batia sola o nosso mestre sapateiro. Raiava já esperta a madrugada quando lhe entrou sorrateira pela baiúca dentro a Snr.ª Francisca do Canto. Despegou da obra entalada nos joelhos mal a viu entrar e esfregou as mãos encodoadas nas perneiras das calças, o que produziu um som incomodativo como o da fricção de duas lixas.

— Trás-me boas novas, tia Francisca?

A Snr.ª Francisca ainda volveu atrás, à soleira da porta, para desandar uma espreitadela de sonda pela viela, como a certificar-se da ausência de intrusos:

— Olha, meu rapaz! A coisa, p'ra já, não me parece bem aviada. A moça tem lá as suas

aquelas — estás a ouvir? — e não me parece muito inclinada ao negócio do casamento... Mas espera aí, home! Não estejas já a dar à casca! Sabes lá tu o trabalho p'ra descobrir o diabo da rapariga!... Safa! Olha que só por ti faço isto, acredita. Por mais nada deste mundo seria capaz de andar nestes arranjos... assim me Deus salve, como é verdade o que te estou a dizer!... Mas tu és bom home, e mereces, mereces... Mas escuta bem o que te quero dizer: Eu fui onde a ela e falei-lhe na coisa. Abespinhou-se a moça! A falar a verdade, ela tinha a sua razãozinha e olha lá tu — até gostei daqueles escrúpos! Bom sinal, moço, bom sinal!... Mas vamos ao caso: depois de mais isto e mais aquilo — sim, que eu sei por onde se lhe pega, ou que julgas tu?! — ela ficou de falar-me no fim da das Almas, de ontem. Lá veio. Bem ajeitada, aquela Josefa! Boa saia de bom merino, bô cachiné chinez, uma blusa que era uma riqueza e então de chinelas nem se fala!

Um luxo! Oh! rapaz, que boa conta te fazia o diabo da rapariga!... Mas vamos nós ao que interessa... Dizia eu... Ah! Dizia eu que lá apareceu ela. Perguntou-me como eras, como não eras, do teu génio, do teu feitio, dos teus arranjos, enfim, a moça quiz saber tudo! E eu lá lhe fui dizendo, tim-tim por tim-tim o que sabia a teu respeito. Não te aflijas, home, que não me esqueceu de lhe botar o que fizeste pelos teus velhinhos — que

Deus tenha! — e sabes tu uma coisa? — a rapariga ficou banzada, de boca aberta!... Acenou c'oa cabeça, remoeu lá umas aquelas que não entendi e disse-me: —

— Olhe, tia Francisca: eu já cá vou nos meus quarenta bem andados. Assim com'assim, quem não foi até aqui, também fará asneira ir agora. E demais a mais, sabe a Snr.ª uma coisa? — eu tenho os meus segredos de mulher que conto levá-los comigo p'ra cova. Se o raio do home lhe dá para escarafunchar a minha vida? Nada, tia Francisca! Acho melhor botar as suas inculcas p'ra outro lado... Eu, como diz o outro, fico-me p'ra tia ...

— Rapariga — disse-lhe eu — tu estás bem enganada a respeito do João! Olha que ele é home desprendido dessas coisas do mundo e acho eu que te não ia puxar por passos andados...

E a Snr.ª Francisca deitava o rabo do olho na direcção do sapateiro para sondar o efeito da conversa...

— Pois claro, tia Francisca! Se a mulher tem lá o seu defeitozinho das toleimas da mocidade, isso que conta faz? O que andou, andou...

— Bom. Isso é outro falar. Discreto és tu, rapaz, não haja duvida! O pior é que a moça está lá daquela banda, mas vou ver se a trago ao rêgo... Mas escuta, João: Vai eu disse-lhe assim:

— Josefinha! isso de ficar p'ra tia, como tu dizes, não tem jeito nem feitio. A gente a embarcar é embarcar enquanto pode. E esta maré está de feição, rapariga! Aquilo é lá home p'ra reparar nesses pecados? O que lá vai, lá vai; e agora vida nova é o que se quere. Então que vou dizer ao rapaz? Olha que ele não é p'ra andar daqui p'ra li! Ou sim, ou sopas!... Queres tu pensar mais uns dias?... Vê lá!... Tu é que sabes aquilo que te convém... mas sempre te quero dizer que isto de andar a servir amos é bom enquanto a gente tem dois dedos de força. Em entrando o caruncho c'oa gente, adeus minhas encomendas! É vê-los a despachar na gente que nos leva um diabo!... e depois? Quem olha por nós? O Asilo?... Boa está ela!... Olha o Asilo!... Má mês p'ra tal velhice, rapariga! Mas enfim, tu é que decides. Fica-te a pensar nisto, que lá p'ra semana précuro-te. Mas pensa, mulher, pensa bem e até pensa duas vezes... Não me atires depois à cara que estás bem ou que estás mal!... Lá diz o povo: quem boa cama fizer, nela se há-de deitar... E tu é escolher: — ou casar, ou ficar. Decide!

— Não sei que lhe diga, tia Francisca — continuou a moça — Mas sempre fico a cismar nessa do Asilo. Vocemecê sempre tem uns raçocinos!... Não que ele é p'ra gente pensar, não há dúvidas... Eu vou tornar a malucar no assunto e sempre lhe hei-de dar uma reposta por estes dias... P'ra já nada feito.

Eu lho direi depois... Falaremos... falaremos... Mas ouça uma coisa, tia Francisca: — pelo sim, pelo não, sempre será melhor vocemecê nada dizer ao home, por enquanto... Deixe-me malucar mais uns dias no negócio...

— Oh! rapariga! Fica-te com Deus.

E a tia Francisca continuava para o sapateiro:

— Sabes tu que mais, rapaz? Eu se fosse a ti sempre lhe aparecia. Assim com'assim a sorte está lançada e candeia que vai na frente, alumeia duas vezes... O pior, moço, está feito. Fiz-to eu! Desbravei-te o caminho e agora p'ra frente com'a Santiago aos mouros!...

— Isso não, tia Francisca! Vamos nós que a moça lhe dá p'ra me despachar? E depois? Com que cara fico eu? Nada. O melhor é o negócio ser levado até ao fim por vocemecê... se me faz esse favor, claro. Porque se a coisa se não ajeitar eu sempre fico mais airoso — não lhe parece?

— Por mim, rapaz, tudo está bem.Lá p'ra quinta feira, ela deve vir à feira, pelo costume, e vou-lhe aparecer. E logo te trago a novidade. Se for, foi; se não for, acabou-se. Olha rapaz, sabes tu que mais? — Moças não faltam! São assim, com'a grilos pelo S. João!...

E desandou porta fora.

*
* *

Malucou — no dizer dela — a Josefa, na proposta da Snr.ª Francisca do Canto. Aquilo sempre lhe alvorotou o sono e andava enfiada a antiga serviçal do abade. Ela conhecia, ainda que muito pela rama, o João sapateiro. Grande partido, assim com'a quem diz coisa de primeira, não era. Mas na verdade os anos iam andando e aquela coisa do Asilo ficou-lhe a queimar as entranhas como caustico de sinapismo!... Era mesmo como dizia a Franciscquinha... Em a gente começando a enferrujar — quem nos quer depois p'ro serviço?... E que diabo! Ela já servia amos desde tenra idade e bem podia agora ter uma casa sua, os seus arranjos, o seu homem também... Não era de todo tola a ideia, não! E depois, quem sabe? O João era um rapaz arranjado, não era de tabernas, trabalhador daquela casta, enfim, boa asneira deixar fugir a coisa...

— Acho que sim — pensava ela — que vou arrumar o negócio. Amos? — que os leve uma bréca! Que um raio os parta!—Deus me perdõe... Falarei com ele, claro que sim, não vá ele depois atirar-me à cara coisas, etc. e tal... Nada. Falarei com ele. Coisinhas nos seus lugarinhos, que assim é que é bonito. E ao resto — isso que tem? Aconteceu, aconteceu!

Está feito! Mas também lhe levo um bô pé de meia, bragal asseado, roupinha que lhe não hei-de gastar nem uma de dez nestes anos mais chegados... emfim, nada terá a perder e tudo a ganhar.

Raciocinava a Josefa nestes termos, naquela madrugada chuvosa; o vento lá fora a fustigar os vidros e ela volta que volta sem o sono chegar...

— Amanhã — continuava — é a feira. Vou-me num pulo à loja da Tia Francisca. Com'assim estou resolvida e não adianta perder mais tempo... Amanhã arrumo esta coisa. Mas quero falar ao home! Isso é que não dispenso! Primeiro, pôr as coisinhas nos seus lugarinhos, que é muito bonito, e depois venham lá os banhos... Sempre me hei-de regalar toda em ver algumas coiras a estoirar como foguetes!... Ora se hei-de!... Aquela Custódia do Quim da Mãe, essa porca, essa mijona — que eu era mancebia de padres?!... Ai era? Pois então hás-de ver com'elas se pintam! Espera-lhe pela volta!... Vais ter muito que contar, minha porcalhona! E ela ? Casou?... É o casaste! Então não casaste!?... A fraca, o tráste! Aquilo é filho de cada pai, a cântaros!... E porrada p'ra riba do lombo, que fica barato criá-los assim...

Pudéra! E há mais ... há mais... Elas hão-de rebentar que há-de ser um louvar a Deus!...

Bateram horas. Quantas? A madrugada devia estar de volta. O melhor seria começar a lida, pois assim com'assim o dormir já não era para ela naquela noite.

E se melhor pensou, melhor o fez, sem contudo não deixar de assustar os fidalgos que não atinavam com a razão por que a criada se levantara a meio noite!...

Realmente!...

*

* *

Casaram. Não foi impedimento a isso aquele aleijão que a Josefa trouxera de Lamego. Numa manhãzinha de Março, o sol ainda lá muito rente com as montanhas e a passarada no hino matinal da Primavera, casaram.

A casa do sapateiro levou uma volta dos diabos! A coisa não era para menos, pois aquilo nunca tinha visto mãos de mulher. E então com a Josefa! Olha com ela!... Que volta!...

Andava varado, o bom do sapateiro!

Tira daqui, põe ali, arruma pr'acolá, lava deste lado, esfrega daquele, cacos p'ró lixo — uma roda viva!

— ó João! Olha que esta cómoda precisa duma pintura. Isto não tem jeito nenhum, home! E aquele Sãojosézinho — olha p'raquilo como ele está!... Deus me perdõe pelo que digo, mas aquilo até me parece o Zé do Telhado e não uma image de santo!... Todo sujo, todo bor-

rado, todo preto!... Que jeito de santidade tu tinhas nesta casa, João!...

E a louça! Aquilo era lá louça ou coisa parecida! E as roupas? Então das roupas, nem se fala! Trapos! Farrapos! Farrapada!

— Tudo isto p'ra fazer duas mantas, que na feira de amanhã já as vou encomendar à tecedeira de Airó...

E para o marido:

— Tu não me vistas essas calças! Ó home do diabo! Isso é uma nojeira, uma vergonha! Quem te vir assim há-de dizer que não tens mulher!... Quero lá ver-te mais nesse preparo!...

E limpa p'raqui, e varre p'rali, e sacóde, e escova, e pinta a manta!

Andava varado o bom do sapateiro!

A grude fazia-a ela, em pote asseado que era um gosto vê-lo. Ficava ali uma papada com um goluso cheirinho a vinagre que até era pecado botar aquilo na solaria!...

— E reformar estas fôrmas, João! Isto até assusta a freguesia... Onde raio se vende esta ferramenta? No Macedo da sola? Pois hás-de ir mais eu, onde a ele, e toca de trazer coisa asseada. Isto tem lá algum jeito, home!...

No decurso de duas semanas estava outra a baiúca do João. E até ele já cheirava a lavado e luzia de limpeza!

Mulher arranjada amanhara ele, não havia que duvidar. Que o Céu carregue de Bençãos

a Snr.ª Francisquinha do Canto por lhe ter inculcado a sua Josefa.

Andava varado, o João!

Aos Domingos, Missa ouvida — sim, que as obrigações da santidade tinham de andar em dia e a horas! — lá iam ambos dar a sua passeata. Muito do seu vagar, mira para ali, olha para acolá, paulatinamente, eles lá iam umas vezes até Vessadas, outras para o Casal de Nil e muitas delas até à Franqueira. Farnel na cesta — bom fango e a de litro ao lado — lá se regalavam os dois, ali na frescura convidativa dos Frades. Mas logo p'ra baixo a tempo do Terço! — sim, porque a Josefa já tinha retomado aquele seu lugar de mordoma da farta confraria das suas comadres...

Se chovia — as tardes dos Domingos eram graúdas que as levava a bréca! E então a Josefa lá entretinha o marido a contar-lhe vidas, coisas etc. e tal e não raro o instruía também nas passagens mais dramáticas das suas santinhas... Esta instrução não era a que mais quadrava ao feitio do sapateiro, porque aquilo — aquilo cheirava-lhe muito à convivência passada da Josefa com o Snr. seu abade! E, embora não o dizendo, sempre remoía lá por dentro uns aqueles escrupos... Mas o passado era passado e ele foi-se habituando e remediando da melhor maneira. Era um bom, o nosso sapateiro. Porém, no que remoía mais amiudadas vezes era na vida que a Josefa levava

fora de portas... muita mexericada, muita sanzonice, muita coisa que não lhe cheirava lá muito bem. Que no arranjo de casa — Deus o livrasse! — era ela um mimo! Mas... aquele comadrío... aquele comadrío!... Não podia ter tudo perfeito — dizia consigo o pobre João! E a vida corria — sem desavenças nem maleitas, para o casal amanhado pela Snr.ª Francisca do Canto.

*
* *

Toldou-se um dia aquele céu limpido no viver do casal. Foi o caso daquela Fina, que deixamos aí p'ra traz a contas com o grave problema de amor com o seu Furriel, ter procurado a Josefa em ocasião mais aflita que nunca. A conversa não podia ser ali na tenda — que coisas de mulheres não são p'ra homens ouvir — e logo a Josefa lhe pegou do braço e se encaminharam para o interior da casa. O mestre sapateiro — que aquilo era como quem lhe fazia ninho atraz da orelha! — ainda resistiu por algum tempo à curiosidade que o mistério lhe aguçava. A moça, a modos que havia de ter grandes segredos com ela (e com a sua Josefa, já se vê!...) porque a cada passo a romaria era certa e sabida na sua casa. Nada! Havia que averiguar! Não eram p'ró seu feitio estas parlapatices... E agora se alembrava ele de uns ditos e contos que tais, que de vez em

quando escutava de algumas vizinhas!... Aquilo seriam raivas — pensava — dessas linguareiras duma figa! Mas começava agora a juntar as coisas e ao fim e ao cabo sempre havia jeitos de nem tudo ser por môr das raivas!...

Nada! Havia que averiguar!... A modos — continuava o João a pensar — a modos que a moça era então uma das tais!... Daquelas que procuravam a sua mulher p'ra se desfazer de sarilhos. Nada! Havia que averiguar!... Isto assim não se quadrava lá muito bem com o seu feitio... e mais dia, menos dia, a coisa tinha que dar de si!...

Cogitava o nosso bom do sapateiro nestes episódios — os raios dos prégos a entortarem e os dedos a pagarem! — quando lhe pareceu ouvir lá dentro assim a modos de suspiros e gemidos...

— Que diabo de paleio será aquele que dá para choradeira e suspiranço?!... Mau! Mau!... Andaria a patrôa a meter-se e a metê-lo a ele em trabalhos?...

O melhor seria averiguar... porque a conversa começava a cheirar-lhe a esturro. Os gemidos aumentavam... e eram «ais» e sempre «ais»... e «Josefinha veja lá!»... e «Josefinha veja bem!»... e o raio dos diabos que ele arrumava com aquilo já duma vez para sempre, que se acabava ali o mundo!... Pousou a obra. Limpou as mãos à rodilha que tinha ali ao pé — que a Josefa não queria vê-lo a passar as mãos nas calças — porcaria! — e, com mal fingida

calma, endireitou na piugada da reunião. Tossiu uns frouxos de tosse disfarçada — sempre seria cauteloso dar sinal! — mas logo à porta da salêta contigua à oficina assomou a Josefa com ares de espavorida:

— Que vens fazer, João?

— Eu não venho fazer nada, Josefa! O que quero é saber o que se passa nesta casa! Isto não anda a jeito de coisa descomedida mulher, e tu vais acabar com estas porcarias, ou eu rebento aqui uma bomba que a há-de levar os diabos!...

— Crédo, Home! Mas que é que se passa aqui que mereça esse espanto todo?!...

— Que gemideira é essa que vai aí p'ra dentro? Que negócio é esse em que estás metida, Josefa?!...

— Deus te defenda, João! Pois tu queres botar a perder esta rapariga? Isto são coisas de mulheres, home, e lá te avenhas tu c'oa tua arte que te bonda bem p'ra te ocupar a vida!... Deixa-me cá, João, deixa-me que eu sei bem o que faço!... Vai-te p'rós sapatos, home, e faz de conta que isto nada tem a ver contigo...

De dentro do quarto a Fina chamou: —

— Josefinha!... Vocemecê deixa-me?!...

— Eu já vou p'raí, moça...

E para o marido:

— Tu prantas-te aí, João, a modos de quê?!... Olha-me que tu não me venhas cantar lérias, ouviste?...

E preparava-se para penetrar na salêta quando o sapateiro a segurou brandamente pelo braço e lhe falou desta sorte:

— Eu sempre te quero dizer uma coisa, Josefa! Manda-me essa rapariga embora e toma tento na mioleira, mulher! Que seja a última vez que tenha de te dizer isto! Acabou-se! Bem razão têm as visinhas da murmuração a teu respeito... Más raio partam a hora em que me lembrei de ti!... Acabou-se, já disse, ouviste?!... Isto que não volte a acontecer porque eu faço a minha aquela que leva um diabo isto tudo!...

— Olha lá... que têm as visinhas que dizer a meu respeito? Vá, anda, diz lá o que é que têm elas a dizer de mim?... Desembucha, caramba!...

E a Josefa tomava umas atitudes de muita dignidade que surpreenderam o marido. E continuou:

— Diz lá, home... diz!... É por eu ajudar esta probe gente a desembaraçar-se de sarilhos?... É?... Será por eu te tratar com o mimo todo que tu conheces?... É por eu ser arranjadeira da minha vida?... Diz lá o que dizem essas porcas, home!... Diz!... Sabes tu o que elas queriam, João? Não sabes?... Pois digo-to eu... O que elas queriam era que eu andasse p'raí sabe Deus como, a envergonhar-te, sabes agora, home?!... Pois fica-te com esta! Tu então estás a lêr, João! Queres fazer a vontade a essas coiras — Deus me perdõe! — e andar ás guerras cá em casa?

E a Josefa subia o tom da voz: —

— Eu sei bem o que elas queriam!... Ora se sei!... Mas não lhes hei-de fazer a vontade, não! E olha lá — sabes tu que mais?!.

— Acabou-se, mulher! Eu só quero que acabes com estas poucas vergonhas e mais nada! É o que quero! Manda a rapariga embora e depois falaremos...

E o nosso bom do sapateiro — caso raro no seu modo de viver! — desandou porta fóra para tomar o frêsco. Foi dali acasa da Snr.ª Francisca do Canto, a quem pediu umas falinhas — que era rápido o que tinha p'ra dizer... Que era rápido!...

— Tu vens a modos de transtornado, João! A Josefa adoeceu, ou quê?

— Não, não senhora. Era só p'ra saber se a tia Francisca conhecia alguma coisa do que se dizia aí p'ra fóra da sua mulher... É que andam por'i uns zums-zuns que me não agradam, e a tia Francisca tenha paciência mas vai dizer-me a verdade...

— Ó home! Pois eu sei lá?... Que raio saberia ela da Josefa que o não saibas tu também?!... A modos que duvidas da tua mulher, ou quê?!...

— A coisa é outra, tia Francisca... A coisa é outra! Ouça-me cá: a minha mulher é précurada que nem alveitar! A minha casa é assim a modos de feira! A visinhança murmura... e vocemecê não sabe coisíssima nenhuma?!... Isto aqui anda tramoia, tia Francisca, anda, anda!...

E o sapateiro rodava sobre si mesmo, coçando a gadelha numa evidente aflição.

— Ouve-me cá, moço! — e a Snr.ª Francisca puxava-o mais p'ró fundo da tenda. — Há coisas, entre mulheres, que vocês, os homes, não devem meter o bico! Deixa correr o marfim que por esse lado nada de mau ha-de vir ao mundo... digo-te eu, rapaz!... P'ra que has-de tu andar assim a consumires-te, João, se aquilo não tem nada a ver com a tua honra?!...

— Isso não é bem assim, Francisquinha! Isso não é bem assim! Eu tenho as minhas aquelas do meu escrupo — e hà coisas que mexem c'o meu interior e com que não aguento!...

— Pois fazes mal, digo-to eu! Tu, como nunca saíste do teu buraco, não sabes nada do mundo, João!... E de mais a mais, que tens tu a ver com o que a tua mulher faz ou deixa de fazer? Desde que não brigue c'oa tua honra...

— Isso não é bem assim, tia Francisca! Pois eu não hei-de olhar pelo que faz a minha mulher?!... Essa é de cabo de esquadra! Vocemecê não me cante lérias, tiazinha, que eu não sou dessa conta!... Hom'essa! Pois eu não tenho que ver com o que faz a minha mulher?!... Boa vai ela!... Isso não é de gente católica, digo-lhe eu!... A modos que vocemecê já sabia disso tudo quando ma inculcou, não?!...

— E o home a dar-lhe e a burra a fugir!... Pois sabia — e daí?

— E daí, diz vocemecê? Essa é boa! Pois então vocemecê não sabe que é uma vergonha p'ra mim?... Que o meu nome anda por aí nas bocas do povoleu?!... Ai, tia Francisca, tia Francisca! Aquilo foi uma desgraça o que vocemecê me impingiu! Eu rebento, com trinta raios de diabos!...

— Não has-de rebentar, João!... Faz de conta... faz de conta... e deixa andar o mundo com'anda que anda bem...

— Pois fique sabendo nesta horinha sagrada: — eu acabo com aquilo ou eu não seja mais João!

— Tu vê lá o que vais fazer, rapaz Não te vá dar p'ra alguma tolice, home!...

— Eu sei bem o que hei-de fazer!... Deixe isso por minha conta, tia Francisca...

E o sapateiro desandou porta fóra, deixando a tia Francisca a cogitar no assunto.

*

* *

Travaram-se de razões o sapateiro e a mulher.

Alvoroçou-se a visinhança com aquele alarído que vinha da casa do mestre João e o espanto era tanto maior quanto era conhecido o viver socegado do casal. E afoitaram-se algumas curiosas a espreitar à baiúca do sapateiro o acontecimento, anciosas de dar à lingua uma apetecida refeição...

— Que quer vocemecê daqui, ó Snr.ª Joana?!... Faz-lhe alguma conta o que se passa na minha casa?... Ora desande lá p'ra sua vida, que não lhe há-de faltar que fazer, se quizer...

— E tu ó Micas, que tens aqui que cheirar?! Também vens ás novidades?... Tóca a andar, tóca a andar que não morreu ninguém!...

E assim o mestre João furtou à curiosidade da visinhança a questiuncula que tinha com a mulher. Encostou um pouco mais a porta da rua e reatou a discussão: —

— ó mulher dum diacho que nem sei que te diga! Pois tu não vês que essa vida não nos fica bem? Entretem-te tu com a lida da casa?! Não te chegam os afazeres do caldo e mais da capoeira e o amanho das roupas e o diabo que te carrégue?!...

— Más raios te partam, criatura, c'o esse teu pensar!... — retrucava, chorosa, a Josefa — Mas que mal te faz a ti o andar eu a dar umas trélas a esta gente?!... Sim, que mal te faz?!... Cômo-te algum pedaço? Falta-te a comida a horas, home?...

— E ela a dar-lhe! Mas eu não quero essa vida de portas a dentro da minha casa, e pronto! Não te disse já?!...

— Olha, sabes uma coisa? — Má hora aquela em que aceitei casar contigo! Antes ambas as pernas partidinhas pelos jarrêtes, criatura!... Ah! que se eu adivinhava!... Não era a filha da minha mãe, não!... Mas agora, assim com'assim, já não tem remédio... Acabou-se!

— Olha, Josefa — dizia o João, a modos de quem tudo arriscava para uma das melhores reconciliações. — Olha, mulher, anda aqui para dentro que estas coisas são só para nós... Não precisamos de dar a conhecer à visinhança o que aqui vai!... Tu és religiosa e sei que nesse capitlo és sincera. Pensa bem que o que andas a fazer não é de pessoa crente e temente de Deus. Tu vais acabar com tudo isso duma vez p'ra sempre e vais jurar que acabas mesmo! Escuta, Josefa: não te ponhas p'raí a manear a cabeça que não adiantas nada! Vamos conversar ás boas, que p'ra vergonha já bondou! Eu não sou p'ra estas coisas de andar a entreter a visinhança com falatórios!... Tu sabes bem disso mulher!... Pois se sabes, então, escuta...

— Mas, ó home, tu não vês...

— Eu vejo, Josefa, vejo até muito bem!... Mas isto acaba, ou não acaba?!... Isso é o que eu quero saber — e já!

— Mas tu não vês, home...

— Já te disse que vejo. E depois?... Mau, mau, que o diabo tece-as. Respondes ou não respondes? Acaba, ou não acaba?...

— Conversaremos, João... Conversaremos...

E a Josefa baixava seràficamente a cabeça, puxando p'ró peito o cachiné decaído.

— Pois seja. Conversaremos.

— Bonda por agora, João! Isto não vai a

matar!... Faço ideia o falatório que não vai ser aí p'ra fora... Ai! Línguas danadas!

Não houvesse ele agora mais em que falar!...

— Vamos ao caldo, mulher. Ele não há-de passar daqui nem na metade, pois sinto um nó no caroço que nem sei que te diga!...

E apertava os gorgomilhos na esperança de desfazer aquilo a que chamava o nó.

*

* *

Depois do almoço a Josefa foi á Snr.ª Francisca do Canto. Mal que entrou na lojeca logo a tia Francisca veio pressurosa ao seu encontro:

— Oh! mulher! Que tanto que eu te queria encontrar! Conta-me lá o que foi isso, rapariga!... Olha que eu estou banzada — assim me Deus salve como isto é a pura da verdade!...

— Deixe-me, tia Francisca! Vocemecê há-dè ir p'ro inferno vestida e calçada e tudo, tão certinho como ser eu que lho diga! Um raio parta o home que vocemecê me amanhou!... Sim, senhora, bonito fim de vida vai ser este meu!...

— Tu estás doida, ou quê, rapariga?!... Pois eu hei-de ir p'ró inferno por te ter alumiado um home p'ra casares?... Ora vai...

— Pois ele!... Vocemecê o que fazia era só dizer as virtudes do João, mas quanto ao resto — nicles!

— Pois qual é o resto, rapariga?

— Ah! Vocemecê, então não sabe?!... Faça-se de nórinha, tia Francisca! Então não sabe?!...

E puxando a velhota mais p'ró fundo do mostrador:

— Vocemecê não sabia que ele era home capaz de matar uma pessoa? De ruis figados?...

— Crédo, Josefa! Isso é lá ele!... Não me venhas p'ra cá com tretas!...

— Ai ele é isso?! Pois então quer saber? Esta manhã — depois do barulho que vocemecê já deve saber pelas catramundeiras! — ele veio onde a mim c'oa faca dos cabedais! Ai! Snr.ª Francisca, que malvado! Se me não boto ali aos seus pés, de mãos erguidinhas e a morrer de mêdo — ele tinha-me acabado ali com a casta!...

— Ó rapariga! Mas tu estás a falar a sério, ou isso é flato? Tu não me digas que o João... Home, eu dou em doida!... Então tu dizes que o João...

— É o que lhe estou a contar, criatura!...

E a Josefa embiocava os olhos ao céu — que ali por acaso era um tecto pôdre a deixar ver as entranhas de palha triga — e trejeitava uns sustos, que nem sabia onde meter-se!

— É tal como lhe conto, tia Francisca! Ele veio p'ra mim c'oa faca e nos olhos dele — ai! os olhos que ele tinha, tia Francisca! — havia lume neles que nem no inferno!

— Mas se ele é isso, bô remédio tens tu, rapariga! Safa-te! Diz-me uma coisa: — não andavas tu a servir? Pois volta p'ra onde estavas e ficas arrumada!

— Isso vou eu agora, tia Francisca! Que diria o Zé povo? Olha com estas cadelas!... Haviam de ladrar até mais não! Isso não quero fazer...

— Eu estou varada, Josefa! Acreditava alguem isso do João?!... Só por tu mo contares, moça, que de resto nem sequer consentia que me dissessem isso! Credo! Boa vai ela! E de faca, heim?! Olha um rapaz socegado metido na sua vida, limpeza de moço, sim senhores;... E de faca p'rá mulher!... Préga-me com esta pelas barbas abaixo! Ora tóma, Francisca, que é p'ra saberes! Digo-te eu isto, Josefa: o mundo está rôto! E não me venham dizer que tem conserto!... É o tens!... Ora o João, o João!... Oh! mulher!... mas isso da faca foi assim mesmo? Tu não estarás enganada?...

Neste comenos entrava na loja da Snr.ª Francisca, a Joana — aquela Joana corrida pelo sapateiro da sua porta a quando da discussão com a Josefa. E logo para a tia Francisca:

— Ai! Snr.ª Francisquinha que o mundo anda perdido!...

— Olha, filha, isso mesmo acabava eu de dizer aqui à Josefinha. Ora se anda!

— Vejam lá que nem sequer reparava que estava aqui a nossa boa Josefinha!...

Que bom marmeleiro estava a pedir esta

coscovilheira! Pois ela foi à loja da Francisca por ver para lá entrar a Josefa!

— Olhe, Snr.ª Josefinha, vocemecê desculpe de eu ter ido lá onde à sua porta, mas o barulho era tanto que até supuz fosse precisa ajuda... Ele sempre estava mau, o Snr. João!...

— Se estava, filha! Eu estou banzada com o que a Josefa me tem estado a contar!...

— O raio do home — Deus me perdôe! — sempre lhe botava uns olhos, ó Snr.ª Josefa!...

— Está vocemecê a ouvir, tia Francisca? Agora diga outra vez que não acredita! Conte, conte, vizinha, que é p'ra que se saiba...

— Não que ele sempre me saiu torto, não haja duvidas!...

— Pois é p'ra que vocemecê saiba! E digo-lhes mais: eu é que não quero estar agora a desapertar os meus corpêtes, porque senão haviam de ver as nódoas negras que tenho aqui nas costas, dêle me botar de encontro à cómoda!... Haviam de ver!... Até me vou esfregar toda com vinagre! Um bruto, é o que é!... Um bicho! Um malvado! Ai! meu rico S. Sebastiãozinho, onde eu fui parar!...

— E eu que ouvi esse estrondo, Josefinha! Ouvi, sim senhora! Ai ele então era isso?!... Má mês p'ró home!... Ai, que se fosse comigo, outro galo lhe cantaria!... Olá, se cantava!...

E ferrava os dentes, a Joana, como quem seria capaz de pôr outro galo a cantar ao João sapateiro.

— Vê, tia Francisca, vê?! Olhe que vocemecê ha-de ir inteirinha p'ró inferno... digo-lhe eu! Amanhou-me um bonito assado, não haja duvidas!...

— Cála lá essa boca, rapariga! Sabes lá tu o que estás a dizer! Ora o raio da rapariga! Não querem lá ver o despropósito?! Que tenho eu a ver contigo e com o teu home? Lá se avenham!

— Vocemecê é que me meteu nisto; Eu estava muito quêda nos meus patrões... Deixa-se-me estar que estava muito bem!

— Pois tu, Josefa, não terás a mioleira desarranjada? Eu é que te trouxe de rastos? Não vieste pelo teu pézinho? Não és tu maior e vacinada? Sabes tu que mais?... E olha lá? Quem te manda a ti meteres-te em sarilhadas do mulherío? Se calhar sou eu, não?... Ora vai-te, rapariga, que me estás a ensinar!... Sim, senhora, boa me saíste mai'lo casamento que te amanhei!...

— Pois eu sei bem o que faço, tia Francisca! Sei, sim senhora!

— Então que queres agora que te faça?...

— Quero que desfaça o que fez, que havia eu de querer?

— Que desfaça o quê, moça?!... Tu estás escorreita, Josefa? Vocemecê está a ouvir, ó Joana?

E a Joana, que estava a ouvir muito bem, de braços cruzados a aproveitar aquele pratinho do meio, acenou com a cabeça e respondeu:

— Ele sempre há cada uma que parecem duas! Então ouça lá uma coisa, ó Jesefinha? Isso são coisas de desfazer, assim com'aquem ata e desata o nó duma taleiga? Olhe que a Sr.ª Josefa sempre tem cada ideia!...

— Pois tenho, tenho. E daí?! Vão vocemecês p'ra lá agantar c'oa faca! É o foste!

— Mas ó Josefa! — dizia a tia Francisca — Mas olha-me cá uma coisa: porque não fazes tu o que eu te disse?... Põe-te ao fresco! Deixa ficar o home! Mas sempre te quero avisar que isso são querelas de amor, rapariga!... Depressa passam!... Sabes tu que mais? Arrufos de casamento novo! É o que é e mais nada! Isso passa... Vais ver que passa, Josefa!...

— Não que já passaste! Fie-se nessa, tia Francisca! Vá-se vocemecê fiando nessa!... Olhe que o cesteiro que faz um cesto, faz um cento...

— Se lhe der vime e tempo. Já cá se sabe isso, moça! Mas o cesteiro não é aqui chamado p'ra nada. O que interessa é remediar as coisas ó bem...

— Bem sabemos que o comer e o coçar vai do começar — sentenciava a Joana, em modos de boa conselheira — e a coisa já começou, tia Francisca!...

— Começou mas acaba. Tenha a Josefa paciência p'ra aguentar um tempo mais e... e olha, rapariga, deixa essas lides do mulherio!... Faz a vontade ao home e tornará o céu

a luzir em tua casa!... Verás. Tu verás se é ou não como te digo.

— Mas não deixo, mas não deixo, mas não deixo! — dizia raivosa a Josefa, batendo com o punho da mão direita na palma da esquerda, ao tempo que com o pé marcava o compasso das palmadas.

— Faz vocemecê muito bem, Josefinha! — apoiava a Sr.ª Joana — É muito bem feito que ele encontre pela proa quem lhe saiba bater o pé! Ora toma que já cantaste! Então isto é só bater e puxar de faca, e fazer a vida negra a uma pessoa?!... Nada! Havíamos de ser assim todas, que depois já eles não se arvoravam em donos do mundo! Eu queria ver depois como era! Ai não, que não era!...

— Ó mulher! Então se vocemecê há-de ajudar-me a convencer a Josefa a levar a coisa às boas, ainda por riba se põe p'raí a cantar lérias?! Que boa que ela está, não há dúvida!... Mau, mau que eu estou a ver o barco a meter água!... Ouça, ó Joana, desampare-me a loja e deixe-me cá com a Josefinha!...

— Não se atrigue, tia Francisca, que não vale a pena... Cá me vou.

E para a Josefa:

— Tenha você cuidado, vizinha! E já sabe: é só berrar cá p'ra fora que eu logo lá estarei num pulo e enquanto o diabo esfrega um olho...

— Obrigada, Sr.ª Joana!...

Depois da Joana sair a Sr.ª Francisca cha-

mou a Josefa para dentro do mostrador. E aconselhou:

— Olha, Josefa, tu não te fies nas cantigas destas catramundeiras que elas o que querem — sabes tu? — elas o que querem é mexericos! Olha com quem! A Joana! Não fosse ela outra! Basófias, mulher, basófias!... Repara tu quem é que me vinha aqui aconselhar a bater o pé ao home: a Joana! Ela!... Que aquilo lá em sua casa... — estarei eu a contar-te alguma novidade? — tu sabes bem que na casa dela é pancadaria de criar bicho!... Nem ela sabe onde se há-de meter mal o home lhe arregala mais os olhos!... Olha quem!... Basófias, rapariga, basófias!... O que ela quer é mexericada, é o que é...

— Não se aflija, tia Francisca, que eu não ando com os olhos tapados... Não soubesse eu quem é este traste!... P'ra mim vem ela de carrinho... ora se vem!...

— Pois então já sabes como é. Tu vai pelos conselhos de gente discreta e de quem te quer bem, percebes? É como te ía a dizer, mulher; dá tempo ao tempo, porque isso são amuos de casamento fresco e mais nada. Tem calma — e queres tu um conselho de pessoa crente e temente? — Então arruma com essa vida... sim, mulher, porque isso, aqui muito p'ra nós ambas, não é nada asseado!...

— Mas que mal tem isso, Sr.ª Francisca? Vocemecê não vê que é só p'ra fazer o jeito a essas probes de Cristo?... Que ganho eu?...

Sim, que ganho eu?... É só estas consumições e mais nada!...

— E então por que hás-de tu consumires-te, Josefa, se nada ficas a ganhar?... Se te percebo, cebo!...

— Mas que quer vocemecê? É fadário, é o que é!... É sina minha e é o diabo também!...

— Pois olha que isso não é uma vida limpa, rapariga! E não fiques arrenegada se te disser que o João, sim, o teu home, nesse capito tem muita razão!... Tem, mulher, tem!... Escusas de estar já p'raí a arregalar os olhos que não adiantas nada. Eu não te tenho medo!... É isto que te digo: ele tem razão. Ele não gosta e a coisa não é p'ra menos... Que raio de temor a Deus é esse teu, moça, se andas assim a perder a tua alma?!

— Sabe vocemecê que mais, tia Francisca?... Olhe que o diabo é careca!... Pois vocemecê sabe tudo, sabe que é por môr de aliviar as probes raparigas e sabe ainda mais... Olhe, deixe-me calar que vai ser o melhor...

— Pois cala-te, rapariga, que não sou eu que te obrigo a falar. Mas olha que tu, Josefa... também o melhor é calar-me.

— Diga, diga, Sr.ª Francisca. Então porque não há-de vocemecê dizer o que tem p'ra dizer?...

— O que tenho p'ra dizer é que todo esse mundo murmura muito de ti, sabes?... Enfim, coisas, etc. e tal...

— Coisas?!... Mas que coisas?!... Que raio de coisas é que essa gente terá p'ra dizer de mim? Fale, tia Francisca!

— Tu sabes bem, Josefa! Olha que nós não vivemos guardadas em arcas, sabes? Tudo se conhece neste mundo de Cristo... Tudo se sabe... e quando se não sabe, adivinha-se. Olha com estas línguas vivas, santo Deus! Tu parece que estás a nascer agora!... Oh! mulher! Pois tu acreditas que este povo não saiba que foste amázia do tal clérigo de Lamego?...

— E que bonda isso p'ró caso?...

— Que bonda?!... Boa vai ela! Eu sempre me quer parecer que os teus miolos andam a regular pelos candeeiros da ponte... Que bonda, dizes tu?!... Pois não sabes o que esta gente p'raí diz a tal respeito?... E queres tu que eu te diga uma coisa? Queres? — Pois essas mesmas a quem tu alivias, sim, moça, essas tais... são as piores a falar de ti! Ora toma que é p'ra que saibas!...

— Isso não é verdade, tia Francisca!

— Ai não é? Pois então espera-lhe pela volta e logo verás se é verdade ou se é mentira. Eu te contarei... mas há-de ser com testemunhas e tudo que é p'ra que saibas se sou eu que não falo verdade ou quê...

— Então essas porcalhonas, tia Francisca...

— É isto que te estou a dizer! Umas línguas!... Umas desavergonhadas!... E andas tu, Josefa, metida com essa canalha! Com essa

tropa!... Deixa-te disso... Faz o que te digo, rapariga! E não queres tu que o João tenha aquela sua de escrupo? Pois digo e repito: ele tem muita razão!

— Não me diga tal coisa, tia Francisca! E a faca? E estas nódoas negras pelo corpo? Então vocemecê acha isto justo?...

— Eu não sei nada dessas coisas... E sempre te quero dizer que acho uma aquela muito forte, essa da faca... O João! O João!

E a Sr.ª Francisca acenava, incrédula, com a cabeça.

— Pois fique-se com esta, tia Francisca, e ainda há-de ver o melhor lá p'ra diante... Verá!...

— A gente anda no mundo é p'ra ver coisas, rapariga! E olha que muitas estes olhinhos têm já visto!... Vai embora moça, vai. E faz o que te digo: tempo ao tempo! E limpeza p'ra riba da vida é o que é preciso... estás a ouvir-me?...

— Vocemecê lá sabe...

— Eu é que sei?... Fia-te nisso, Josefa! Tem-me tento nessa cachimónia e verás como passas uma vida regalada, que quem ma desse a mim!... Fora com essas mandrionas — que se amanhem... que se amanhem!... e tu verás, Josefa!...

— Vocemecê lá sabe...

— Pois sei, sei! Vai, rapariga, vai que são horas de tratares da panela. E não te fies nessas cadelas!... Uma corja!... Querem é vergonhas...

A Josefa levava a martelar-lhe na cabeça —a novidade do falatório que as suas protegidas teciam à sua roda.

— Aquilo é que elas são!... Umas porcalhonas! Não querem lá ver o despropósito?... Por bem fazer, mal haver, e é bem verdade!... Deixasse-as, ela as ensinaria! Deixasse-as!... Que as deixasse!... Elas ainda haviam de saber quem era a Josefa! Ora se haviam!...

Entrou em casa.

— Que raio de demora foi essa, mulher? Olha que já fui pondo a panela ao lume com água a ferver... Como assim, sempre adiantava...

— Fizeste bem, home. Topei ali fora com a minha antiga ama — a do Areal, sabes? — e sempre tive de dar-lhe dois dedos de cavaco...

— Pois não tem mal nenhum isso, Josefa; e o senhor doitor está melhorzinho, ou quê?...

— Nem lho préguntei! Olha que cabeça esta minha!...

— Pois fizeste mal, mulher! Sempre lho devias ter préguntado. Sabes bem os favores que se lhe devem... Não seria melhor dares lá uma saltada esta tarde?... Sempre repararão...

— Veremos, João, veremos. Deixa-me mas é ir ao caldo que isto deve estar quase a dar meio-dia, não?...

— Já passou o servo da Matriz p'ra tocar o sino. Deve ser, deve, quase meio-dia...

E mestre João continuou a brunir as viras dum sapato que tinha entalado entre os joelhos. A Josefa, essa, endireitou à cozinha...

*
* *

— ó João! João! — chamou, aflita, a Josefa, da cozinha.

— Que é isso? — E o sapateiro galgou dum pulo a distância que o separava do lugar donde fora chamado.

— Ai, home! Que dor aqui me deu no peito!... E forte!... Nem posso respirar...

— ó mulher, mas que tens tu?... Estás amarela como cera!... Tu afligiste-te com alguma coisa?...

— Ai, João, não sei que seja!... É aqui... aqui... — e colocava a mão sobre a arca do peito.

— Isso não há-de ser nada, Josefa. Verás... Olha que os ralhos dontem já lá vão... Não te amofines, mulher, que não há-de ser nada. Onde tens tu o vinagre? Vou-te esfregar a testa e o peito e ficarás escorreita!...

E pegando da garrafa do vinagre que a Josefa lhe indicou com um ligeiro aceno de cabeça e um volver os olhos na sua direcção, o sapateiro começou a esfregar as fontes da Josefa ao tempo que ía falando:

— Sabes bem que se ralhei foi só p'ró teu bem, Josefinha... Mas isso já passou. Tudo passou, Josefa e vais ver como passaremos a ter uma vida mais sossegada, como dantes...

— Esfrega mais a modos, João!... Até já me está a doer a cabeça!

— Pois sim, Josefa, eu esfrego... Estás mais aliviada?... Sentes melhoras?... Ah! Já estás a ter cor... Isto não é nada... Será flato?... Olha que é flato, Josefa! Queres tu que te faça um chàzinho de folhas de louro?... — tu tens louro cá em casa, pois tens?... Vais ver como ficas nova... Isto já está a passar...

Encostou-a na cama, cobriu-a com uma manta e fechou as portas interiores da janela.

— Vê se dormes um migalho, sim?... Comeremos depois... Verás que em dormindo um nadinha logo ficas boa... Dorme, sim? Eu vou até à loja, mas não faço barulho p'ra poderes descansar...

E aconchegando mais a manta ao corpo da mulher, saíu em bico de pés para abafar o ruído dos passos.

Bateram sonoras e longas, as pancadas do sino grande da Matriz a anunciarem o meio-dia. João encostou um pouco mais a porta da casa para evitar que a ressonância do bronze lhe fosse acordar a companheira. E enquanto dava tempo a que ela pudesse dormitar um pouco mais, entreteve-se a separar os pregos pelos seus diferentes tamanhos — serviço que andava atrasado e que ele aproveitaria para pôr em dia.

Passou um rôr de tempo. Ele amiudadas vezes botava os ouvidos para o lado do quarto, no intuito de ouvir a Josefa a levantar-se. Mas

nada. Nem um zumbido. E o tempo passava. Mestre João foi pé ante-pé espreitar a mulher. Dormia ainda...

— Deixá-la! Come-se depois... Uma vez não são vezes e ela precisa de sossego... Que raio teria sido aquilo?... Coisas de mulheres!... — pensava.

Veio até à porta. Lentamente, como quem não sabe o que fazer, foi-se encaminhando rua abaixo. O sol estava quente. Aos poucos foi andando até dar consigo junto da Igreja. Espraiou os olhos lá para baixo, onde corria bonançoso e lírico o rio prateado. As roupas, a corar, branqueavam nos areais como se fôssem camadas de neve caídas do céu. A verdura, para além, nos campos da outra margem, punha uma nota dominante naquele contraste de beleza. O céu era azul, azul! E até si chegavam os alegres cantares das lavadeiras, que uma brisa amena trazia lá de baixo. Sentou-se a respirar o ar puro. Crianças passavam para a Escola, na folgança divertida da mocidade.

— Por aqui, mestre João?!... Muito me admiro consigo.

— Ah! É o sôr Zé da Mãe?... É verdade... é assim mesmo. Também precisamos de respirar um bocado de ar fresco, não lhe parece? Nem sempre a bater na sola...

— Também me parece que deve ser assim... Claro, nem sempre a bater na sola, diz bem...

— Vocemecê já vem tocar a «garrida?»

— Pois vão sendo horinhas...

Mestre sapateiro levantou-se dum repelão:

— Pois ele que horas são, sôr Zé da Mãe?

— Vai a caminho das três... — informou o servo da Matriz.

— O quê?!... Três horas?!... Boa vai ela! E eu aqui a malandrar como quem não tem nada que fazer!... Até logo, sôr Zé...

E encaminhou-se ràpidamente para casa.

A porta estava encostada tal a deixara. Outra vez pé ante-pé, cuidadosamente, dirigiu-se para o quarto de dormir. A Josefa dormia... Dormia?... Estranha coisa esta!... Abriu mansamente as portadas que fechara há pouco e reparou na palidez cadavérica da mulher. Chamou-a brandamente primeiro, e depois aflitivamente, como quem adivinhava o que nem por sombras quisera que fosse um facto!

— Josefa! Josefa! Josefa!...

E num soluço da alma, num grito lancinante, num gesto desesperado, envolveu-a nos seus braços possantes como quem tenta arrancar ao abismo um corpo desamparado!

— Josefa! Josefa! Josefa!...

Não podia responder. A aneurisma, despejando no coração a camada de sangue represado, abafara aquela vida, a vida daquela Josefa que parecia ter vida para dar e vender...

*

* *

Eu sinto pesar de ter acabado aqui com os dias da Josefa. Mas tenho de contar a história como ela é. E a história é essa. Não invento; não posso criar uma ficção que desviasse o rumo da verdade.

Está viúvo o nosso bondoso sapateiro, o mestre João que só havia sempre sonhado com uma vida vivida no sossego da sua casa e no aconchego calmo da sua companheira.

Para quantos trabalhos estaria ele ainda destinado, ele que sofreu um rudíssimo golpe com a perda da sua Josefa! Queria-lhe bem. Estava convencido que com o tempo ela perderia aquele maldito defeito... E tudo ficaria depois na paz, no sossego, naquele doce viver que era o seu mais alto ideal.

Mas os trabalhos vieram bater-lhe à porta. A visinhança dizia e jurava a pés juntos que fôra o sapateiro quem matara a mulher! Que a matara com pancadas, que a machucara toda, à pobre mulher, porque ela tinha o corpo todo, todinho, a feder do vinagre com que se esfregara!...

A vozearia subia, tomava corpo, e a Justiça chamou a si o caso. Mestre sapateiro foi preso. O processo correu os seus trâmites. Os indícios condenavam o pobre do João. A Snr.ª

Francisca do Canto, a Joana, a Fina, o Zé da Mãe, enfim, tudo e todos contra o desgraçado! Não se ouvia uma voz a seu favor. Tudo se combinava para perder aquele homem bom, aquele sapateiro de rude aspecto mas de alma sensível, bondosa, compassiva! E o João fôra condenado a morrer na fôrca.

Envelhecera. Não havia quem o defendêsse. A Justiça dos homens abandonara-o definitivamente. Suplicava, implorando o perdão e gritando a sua inocência. Ninguém o ouvia!

Pobre João! Não tinha mais ninguém neste mundo que o amparasse! Lembrou-se dos seus velhinhos, dos seus pais adoptivos. Eles estavam no Céu. Estavam perto de Deus. E Deus não deixaria que a iniquidade da Justiça dos homens se opuzesse à Sua Justiça divina! Não deixaria que um crime se cometesse em nome dum crime que não se cometeu!

Ah! Deus havia de defendê-lo! Apelaria para a Sua alta condição de Pai dos humildes e Ele não deixaria que a injustiça se consumasse...

*

* *

E o caso, segundo o povo, passou-se assim:

No dia em que a Justiça ía executar naquele homem o erro tremendo da sua falibilidade, matando um inocente, o sapateiro, alquebrado e velho pelos trabalhos sofridos, apelou então, num arranco de esperança que lhe vinha

do Céu, num vislumbre de Fé sincera que não havia nunca abandonado, chamou os homens da Justiça e gritou:

— Eu môrro inocente! Estou inocente! E para prova desta verdade apelo aqui para a Justiça de Deus! Ele existe, e porque existe, faça aqui com que este galo cante e se levante!

Todos os circunstantes ficaram mudos pela cêna!

E efectivamente, o galo que estava já cozinhado e que havia sido trazido para a última refeição do condenado, levantou-se, sacudiu as asas implumes e atirou para os ares o seu estridente Có-Có-ró-có como se fôra o cântico mais sonoro duma vitória do Céu!

A Justiça da terra, a falível justiça dos homens, curvara-se reverente à Omnipotente Justiça de Deus!

Estava salvo o sapateiro.

A URBANA

(continho)

A senhora D. Fina do Xico — D. Josefina Mendes da Costa, respeitabilíssima esposa do Snr. Francisco Mendes da Costa, comerciante conceituado e secretário perpétuo da Banda musical do lugar — tem uma filha que vai fazer agora pela Páscoa trinta e sete anos gordos, còrados, e repassados de óptimas sestas e folgadas andanças pelas romarias.

Eu digo que a D. Fina tem esta filha, mas não vão os meus amigos julgarem que ela não é igualmente filha do Snr. Francisco! Sim, senhores, é também do Snr. Francisco!

É o enlevo da mãe e a causa do pai não passar lá muito bem da figadeira. O Snr. Francisco andava, e parece que anda ainda, arrenegado por ver a menina a contas com um marido, cujo lhe convinha fosse o seu caixeiro mais categorizado — o Sebastião — que entrara lá para a loja ainda fedelho de cueiros.

Bem via o secretário geral da Banda que a sua rica menina botava para o caixeiro aque-

les olhos languidos, ramelozos e estrábicos com toda a goludisse pelo fruto que se lhe prometia. Mas logo toda se comprometia e alterava dignamente se acaso calhava o Sebastião — todo repleto de intenções boas — lhe passar sorrateiramente e amorosamente com as mãos por aquelas redondas e túmidas maçãzinhas do rosto da cara! Não que não gostasse, mas achava aquilo um pouco nauseabundo porque o Sebastião tinha sempre as mãos sebentas — ou do bacalhau, ou do sabão, ou do azeite.

A D. Josefina, ao primeiro colóquio a nível maribal sobre o assunto, assentara a mão carnuda nas espáduas ressequidas do marido e dissera solenemente:

— A Urbana só casará com um homem!

— Ó raio de mulher! Pois eu quero por acaso casá-la com alguma mulher?! Tu estás escorreita ou quê, Josefina?! Então o Sebastião que é?

D. Josefina fitava-o sobranceiramente, superiormente e provocantemente.

— É isto que te digo Xico! Arranja-lhe marmanjo por outro lado, que por este não topas lura por onde saia o coelho!

O Snr. Francisco estava atónito «Atómico» — como ele dizia. Percebia tanto daquela conversa, como da Banda quando ensaiava a Cavalaria Rusticana! Era matemática para ele, aquilo! Coçou instintivamente as espáduas doridas pelo apoio dextral do conjuge, olhou mais acentuadamente para o semblante da pa-

trôa, viu que o seu olhar dardejava raios e coriscos, e muito medrosamente arriscou a pergunta:

— Pois ó mulher! Então que raio de coisa é o Sebastião senão um homem como se quer p'ra menina? Tu não vês...

E logo a senhora Josefina:

— Não vejo, não! É o viste! toma tento nessa carcassa, homem! Olha que a Urbanazinha do que precisa é dum homem! Tu 'stás a perceber, ou isto é música para ti, Francisco?!

E tremeram os copos e os talheres na mesa, com a pancada da mulher, que desta vez caiu fora do alcance físico do Snr. Francisco.

Naquela noite não se falou mais no caso.

Passavam-se os dias, e, no entretanto, a menina Urbana passava também pela loja para sentir as delícias daquele roçar pelas sais do casaco reluzente de cebo do Sebastião — o prometido e qual outro desejado.

O caixeirote enrodilha o cérebro a matutar na forma delicada de desenrodilhar aquela meada. A D. Josefina rondava... e o Snr. Francisco roncava. A menina Urbana, essa, roçava.

As coisas andavam neste pé coxinho, até que um dia...

Há sempre um dia numa história.

Que seria dos romances e dos contos e dos versos se o mundo não tivesse esta coisa maravilhosa que é a sucessão dos dias e das noites! Já os fabricantes de histórias não podiam ter

esta saída airosa com que metem espectativa na sua matéria-prima, quando dizem: «Mas um dia!...» Esta frase, tão corriqueira e tão banal, tem um poder enorme na surtida dos efeitos. Todo o mundo fica suspenso daquela frase! Todos ficam antegozando o que irá suceder naquele dia anunciado. Um cataclismo, um milagre, a queda da monarquia, todo um imprevisível mundo de imprevistos, enfim, «aquele dia...»

Pois nesta pequenina história também há: um dia!

E que aconteceu nesse dia? A coisa mais espantosa e mais insólita que imaginar se pode. Ora vejam:

As coisas andavam neste pé coxinho, dizia eu, até que um dia, que por sinal era noite, o Snr. Francisco foi, como custumava ir todas as semanas assistir ao ensaio da sua Banda Musical «Bela Harmonia». Por ali se quedava invariàvelmente até à meia noite, ora cabeceando em grande estilo enquanto a harmonia irrompia dos instrumentos soprados, ou discutindo com os colegas o preço duma saída da Banda para as bandas de Celorico que não dera sequer para as despesas do vinho dado aos músicos. Mas naquela noite o Snr. Francisco não encontrou bem acomodados os seus intestinos, que roncavam numa ameaça dos diabos e resolveu regressar inopinadamente a casa.

— Ora bolas! Já sabemos o resto! — dizem V. Ex.as muito convencidos de já saberem o

resto. Pois garanto-lhes que nada sabem. Não, senhores, o Snr. Francisco não veio encontrar a Urbanazinha a derriçar-se com o Sebastião, nem outras trapalhadas bazilianicas que são às vezes o refúgio dos contistas. Nada, não senhores. O Snr. Francisco regressou inopinadamente a casa para ir direitinho à «casinha». Assim é que foi.

Depois de aquietadas as tripas, que conversaram à «tripa forra», o nosso comerciante ainda teve aquela sua de regressar à Banda. Mas mais por isto, e mais por aquilo, entendeu o Snr. Xico que já que estava em casa e estava, então sempre seria melhor procurar o fôfo conchego do leito. E se assim o pensou, melhor o ía fazer. Mas...

Outro parêntesis.

Também há sempre um «mas» em cada livro. Em cada livro e em cada vida. Este «mas» que se introduz geralmente quando se pretende criar ambiente de espectativa, vem sempre a propósito de tudo e às vezes não vem a próposito de nada. É o caso presente.

Como ia a contar, o Snr. Francisco acabou por ter uma lembrança: «Estará o bacalhau no môlho? O Sebastião não se teria esquecido? Como assim, sempre será melhor uma espreitadela...»

Escada abaixo e abre a porta da loja. Reboliço na sacaria! «Diabos dos morganhos que lá andavam a fazer das suas!...» Luz acêsa e... aparece afogueada a D. Fina!

Eu estou agora numa situação deveras delicada.

Agradeço muito a V. Ex.as o grande favor de me desculparem e me ajudarem. Desculparem, por eu lhes ter afirmado que nada haveria de escandaloso a esperar a chegada do nosso Chico a casa, na sua volta inopinada ao lar associativo; e ajudarem-me a dar uma boa desculpa para a presença da D. Fininha ali na loja, às escuras, a horas que nada havia ali que fazer; enfim, V. Ex.as se quiserem e poderem, ajundem-me.

Já sei que não podem. Nem eu. Os factos são os factos e a verdade não pode trair os factos. Tenho, pois, que contar os factos sem falsear a verdade.

— Que dianho fazes aqui, Fina?...

— Deixa-me lá, homem! Não queiras saber a barulhada de rataria que vai nesta loja! Ou acabamos com ela ou não pode uma pessoa dormir socegada nesta casa!

— Mas tu nunca me falaste nisso, mulher!

— Falo-te hoje, porque isto era demais!

A Senhora D. Josefina Mendes da Costa não sabia que voltas dar mais à mioleira para fazer compreender ao marido que a rataria a obrigara a descer à loja...

O Snr. Xico abanava a cabeça em ares de incrédulo, mas se a mulher dizia que era assim, não havia dúvida que era assim mesmo...

— Pois vamos então acabar com eles, Fina.

Alívio da D. Fina. Barulheira nos intestinos da D. Fina.

D. Fina a tratar de empurrar o marido escada acima para irem resolver como exterminar os roedores.

— Pois acaba-se, filha. Vou chamar o «Sabastião». E é para já. Como assim, já que não assisto ao ensaio, vou dar um «ensaio» a esta rataria! Chamo já o «Sabastião».

Os intestinos da D. Josefina gritavam que os levava o diabo! Era um suor que afligia!

— Olha que não é lá muito «político» ir acordar o rapaz; que diabo, compreendes Xico, não são horas de chamar um empregado só lá porque andam ratos na loja... Compreendes, Xico, eu não sei, mas parece-me... claro, eu acho que se não deve...

— Mas não deve, porquê? Não é empregado de portas adentro? Então é para o que calhar e às horas que calhar! Nunca te vi assim com tais «escrupos», mulher!...

— Ó homem! Então tu entendes que deves acordar o rapaz por môr dos ratos? Pensa bem, homem!

— Bom. Que achas então? Vocês, as mulheres, têm umas aquelas que ninguém vos percebe! Andam ratos na loja que não podes dormir com a barulheira que fazem. Vens à loja p'ra matar ratos. Eu resolvo matá-los todos. Não queres! Que queres então, Fina?

— Deixa p'ra amanhã. De dia resolveremos como os dizimar. Acho assim melhor. Vamos p'ra cama que, contigo lá, já nem ouço a barulheira da rataria...

— Pois seja. Isto de mulheres... — resmungava o nosso director da Banda, a subir os degraus.

A D. Josefina respirou fundo. Estava salva a honra do convento.

E não calculam os senhores como eu também respirei fundo, neste momento, ao saber que o Snr. Francisco abandonava a loja, deixando atrás de si o pobre do Sebastião quase a asfixiar debaixo duns fardos de bacalhau, próximo refúgio onde mais ràpidamente pôde ir acomodar o esqueleto.

Não sei no que isto deu. O que posso assegurar a V. Ex.ª é que há pouco tempo ainda viviam tranquilos o Snr. Francisco, a D. Fina, a Urbanazinha e o Sebastião.

O Snr. Xico continua secretário-geral da Banda e todas as semanas vai ao ensaio.

A Snr.ª D. Josefina continua sempre, semanalmente, a ir matar os morganhos para a loja com o Sebastião; a Urbana continua solteira.

Quando a D. Josefina disse ao marido que o que a filha precisava era dum homem! — enganou-se, porque o que ela queria dizer era isto:

— O que a Urbana precisa é doutro homem!

Doutro — entenda-se que não era mais um — mas dum outro, porque aquele estava ocupado.

E assim, para que a D. Fininha tivesse mais outro, ficou a pobre Urbanazinha sem nenhum!

O EMBRULHO ROUBADO

(Continho)

Rodava veloz no seu «pouca terra, pouca terra, pouca terra» o comboio que voltava do Porto.

Num dos compartimentos viajava um sujeito já de certa idade que chamou a atenção dum outro companheiro de viagem pelo cuidado, pelo excessivo cuidado com que encostava a si um pequeno embrulho que transportava. Embrulho pequeno, pelos modos de certo valor, pois o sujeito dedicava-lhe a maior atenção possível.

O companheiro de carruagem não lhe desfitava o menor movimento, sempre na expectativa, suponho eu, de lhe esmifrar o objecto. E, como quem não quer a coisa, foi-se achegando mais para o velhote, na mira de se aproveitar duma mais feliz ocasião...

Entra o comboio no túnel; ainda não estavam as luzes acesas; trepidação violenta da carruagem ao entrar nas agulhas. E o nosso

velhote fica sem o embrulho e sem o companheiro de viagem...

Este apeia-se na próxima estação e rompe rápido para casa. Sobe. Abre o embrulho. E depara com um frasquinho, contendo um líquido amarelado e este rótulo:

D. Micaela Fontes
(urina para dosagem de ureia)

— Ora bolas! Fui no embrulho!

O GATO

À minha filha adoptiva Ana Maria Echelle, da Áustria

Meu pequenino amor:

Nesse tempo saudoso que connosco viveste e que tão meigamente adoçaste o ambiente da nossa casa, lembra-me sempre a cada passo, as histórias que te contava, inventadas — não sei se para te entreter ou se antes para me entreter a mim. Gostavas de todas e para cada uma tinhas sempre o carinho dum beijo com que mas agradecias.

Não te havia contado esta, a do «Gato». Escrevo-a para ti, minha saudade eterna, e agora fico ansioso por receber o beijo com que certamente não deixarás de ma pagar — embora para nosso sofrimento só mo possas enviar numa das tuas doces cartinhas.

Quando o lêres vais sentir mais saudades da nossa casa — e sabes lá tu, querida, como a nossa casa anda cheiínha de saudades tuas! Um beijo dos teus paizinhos. Adeus.

Eu conheço aquele gato em casa de meus Pais há mais de vinte e cinco anos!

— Crédo! Gato tão velho?! — dirão.

— É verdade! — respondo; e senão vejam:

Era eu criança, e criança despreocupada ainda dos meus cuidados escolares, quando ele entrou para a nossa casa. Tem, como os gatos da sua raça, épocas de variados aspectos: ora luzidio, bem lavado, bem tratado; ora escurecido pelo abandono natural e próprio a que por vezes se vota. Representa, realmente, coisa de muita estimação para a família e raras são as vezes que se lhe põe as mãos. Tem um cantinho predilecto onde quase sempre o vejo na mesma posição, metido lá num armário, armário velho da sala de jantar.

Em pequenos, depois dele entrar para casa, gostávamos imenso de brincar com o gato, eu e meus irmãos. Era quasi sempre motivo de algumas vezes arrecadarmos nas nádegas umas sonoras palmatoadas que redundavam numa gritaria ensurdecedora! Eu conto, daqui a nada, a històriazinha do gato, pois é precisamente a isso que me dispuz; mas antes dela, quero relatar uma outra pequena história que se relaciona com a vida do meu pequenino herói.

Num velho guarda-loiça lá da casa, exibia-se a título mèramente de exibição, umas pequenas peças de porcelana antigas a que meus Pais votavam uma estima muito especial. Ora nas nossas cabecitas infantis não havia ma-

neira de entrar a justificação daquele afecto por tais cacos velhos: bules, chávenas e pires com pinturas que nos pareciam chinesas e a que o tempo dera já umas cores macilentas e indefinidas. E sempre que vinha a propósito brincarmos aquelas brincadeiras de criança — aos jantarinhos — era sabido que lá arrancavamos do velho guarda-loiça aquela cangalhada antiga e descòrada, e toca a alinhá-la à mistura com latas velhas, ferrugentas, que serviam de fogões...

Despreocupadíssimos — ai! quantas saudades! — brincávamos com tudo aquilo naquele àvontade que só as crianças não sabem fingir. Tombo para aqui, trambolhão para acolá e verdade seja dita que nunca partimos nada, nem sequer alguma amolgadela em qualquer daquelas maravilhas do velho guarda-loiça.

Um dia...

Ai, um dia! Aquilo foi um desastre! Levamos tareia que parecia um arraial!

Mas eu conto: um dia lá fomos para a velha bricadeira; alinharam-se as latas, desarrumaram-se as peças do secular guarda-loiça, arregaçaram-se as mangas, descascaram-se batatas e começou a brincadeira. Até aqui tudo muito bem. Entramos depois na série dos tombos. O bule chinez, que servia invariàvelmente de pote d'água, voltou-se por efeito dum dos nossos encontrões. Todos à uma, estendemos os braços no intuito natural de lhe amparar a queda, mas este nosso mútuo auxílio foi fatal

para a valiosa peça do serviço oriental. Partiu-se o bico!

Todos pressentíramos a borrasca eminente...; enfiados, como cachorros de rabo entre as pernas, depressa tratamos de arrumar tudo e acabar com a brincadeira.

Mas «aquilo»... descobriu-se! E descobriu-se no mesmo dia. O resto sabemos já: tareia a um, tareia a outro enquanto o velho estribilho se fazia ouvir sem interrupção: «não fui eu! Não fui eu!»...

No dia seguinte, manhã radiosa de Primavera como as não tenho visto nos dias de hoje, passou lá na rua, com o seu característico apito de sete sons, o homem dos guarda-chuvas. E a saltitar, traquinando, felizes como passarinhos, lá fomos ver colocar o «gato» no velho bule chinez — aquele «gato» que conheço há mais de vinte e cinco anos na casa de meus Pais e que tem épocas de ficar luzidio ou escurecido, conforme o esfregão da limpeza vai rondando o velho serviço de porcelana oriental, ao qual naquele tempo eu não ligava importância alguma...

A PEÇA DE PORCELANA

(METEMPSICOSE)

(Continho)

Eu não entendo mesmo nada destas coisas da encarnação, dessa encarnação que tem como base o facto das pessoas terem tido outras vidas, e noutras vidas diferente missão na terra, diferente «personalidade».

De nome, conheci a criada dum amigo meu que estanciou durante os meses calmosos numa das nossas praias nortenhas; a história dela contava-se com umas ligeiras penadas. Dela, Encarnação, entenda-se.

Mas o conto gira à volta das outras tais encarnações e não da mencionada criada, nem daquele bairro garrido que fica lá para as bandas do Aeroporto de Lisboa, mas unicamente do tal fenómeno defendido por tolos que renegam com essa teoria a existencia de Deus ao afirmarem que a encarnação é facto consumado.

Ora da consumação do dito facto é que este continho vai procurar tratar.

O supracitado amigo meu, a quem fiquei a dever uns dias regalados de bom ar marítimo, e patrão da também supracitada Encarnação, é daqueles que defendem a encarnação como coisa certa. É tolo! Em pequeno, companheiro meu do Catecismo e dos magustos de belas castanhas assadas dali derivados, não lhe conheci tendências contraditórias à existência de Deus; a menos que as escondesse com medo de perder a barrigada anual das castanhas, ou receasse algum fracasso na verbosidade da explicação e isso lhe pudesse custar amolgadelas nas costelas quando procurasse impingir a droga...

Passaram-se muitos anos. Somos já grandes, homens feitos; cada um remou para a vida e os barcos distanciaram-se. Reencontramo-nos naquela praia onde ia por horas e fiquei por dias.

Abraços, as perguntas habituais de quem não se vê há anos, as respostas inerentes, convite para jantar e... Encarnação. Aqui, Encarnação criada. Seria ainda cedo demais para estrar no complicado assunto das outras encarnações... Portanto o assunto passou a ser... Encarnação. De como a conheceu, coitada, sem amparo, nova, recheada de carnes e falida de dinheiro; ele, pelo contrário, recheado de dinheiro e falido de carnes.

— Sabes lá tu — dizia-me — como eu

andava magro que nem cão! As noitadas, os serões, a vida de libertinagem, enfim, uma seca!

Como vivia só, precisou de criada. Tomou a Encarnação. Meiga, dócil, carinhosa, dedicada como uma cadela — salvo tal semelhança! — e um arranjo de casa que era um gosto vê-la! Sentia-se outro! No entretanto foram-se trocando os campos dos recheios; só da carne, claro está.

Enquanto que ela agora se apresentava um pouco mais transparente, ele, o meu amigo, assemelhava-se aos bons presuntos de Lamego...

A troca de recheios tinha a sua lógica.

Prometi não contar a história da Encarnação, por desejar tratar sòmente o assunto da outra encarnação, e heis-me a desandar caminho e a falar da Encarnação, deixando para trás a história da encarnação; valha-me Deus!

Reatemos.

No dia seguinte fomos repousar o esqueleto à beira-mar, ociosos, à sombra duma barraca que tinha o pano de boca semi-fechado à laia de enorme pala de boné.

E a conversa da encarnação chegou.

Perguntou-me:

— Tu acreditas na encarnação?

— Livra! — disse eu, arrepiado, desviando o corpo instintivamente um pouco para trás. E pensei: o raio da mulher já lhe foi dizer

alguma coisa daqueles meus olhares oblíquos e mordentes que lhe volvi ontem à noite!... E imediatamente o instinto da defesa:

— Mas tu julgas que eu...

— Não julgo nada, homem! A minha pergunta não é coisa para tamanho espanto! É cá uma ideia que tenho há anos...

— Mas se te não agrada — disse eu a jeito, supondo ainda que se tratava da Encarnação — se te não agrada, que diabo, se tens algumas dúvidas quanto a ela...

— Nada, nada, meu amigo. Não sou eu só que tenho esta ideia. Milhões de pessoas, sabes, milhões! comungam no mesmo ideal. A encarnação...

Eu estava a refazer-me, com imenso prazer, do que supunha ser uma afronta. Mas nada era acerca dos olhares oblíquos. E o meu amigo prosseguia:

— A encarnação é uma coisa dentro da qual eu penetrei profundamente! E de tal modo, e de tal maneira, e de tal jeito que mais dia, menos dia, dá de si.

E entusiasmado:

— Tu não calculas, tu sabes lá como isto vai adiantado! Os homens do progresso, os homens inteligentes, os homens civilizados, os de senso, os de visão, os homens superiores juntam-se todos formando um exército forte em defesa da verdade! E a verdade descobre-se; ela é como azeite: flora à superfície; ela é filha da honestidade; ela é a luz, é a

razão, é a verdade! Que mais queres? Que outras razões queres tu para eu te provar a certeza da encarnação? Não é com olhares oblíquos que se vence a luta; não é falseando a verdade que se consegue a conquista!

Eu suava por todos os poros! O malandro ali estava a referir-se aos olhares... Ele sabia, ele sabia já do que se passou! A dúvida voltava ao meu espírito e martirizava-me; ela falou-lhe, disse-lhe tudo... Maldita hora aquela! Maldita Encarnação aquela! Ah! Mas eu vou-me justificar, vou pedir-lhe desculpa, serenar os ânimos e vou-me embora.

— Ouve Hilário — o meu amigo chama-se Hilário — Ouve meu caro Hilário, eu vou dizer-te uma coisa...

— Tem paciência — dizia-me o Hilário, com entusiasmo — tem paciência que quem primeiro fala, sou eu; eu é quem está de posse da razão e da verdade. Ouve!

— Eu sei, eu compreendo, eu ouço... — gemia, desgraçado, diante daqueles seus braços cabeludos, vermelhos, ferozes, que se agitavam numa convulsão.

— A encarnação existe! Está provado! Está consumado, está consumado! — repetia eloquentemente.

E fito em mim, o olhar esgaseado:

— Tu sabes, tu podes calcular, tu imaginas o que foste na outra encarnação?

Fiquei perplexo! Mas então, a encarnação não era a da casa; era a da mania... Que alívio!

Aclarado, então, o assunto, travamos luta; em defesa da encarnação, o Hilário; no campo oposto, eu.

A discussão foi dura, foi acesa, renhida. As encarnações andavam ali à mistura, maliciosamente da minha parte e sincera e calorosamente por banda do Hilário.

Eu refilava, brincalhão:

— Olha, Hilário, aguenta-te com a que tens a tratar-te do recheio das carnes desta encarnação, que bem boa é, e deixa as outras parlapatices com que apostaram em tirar-te o juizo e a Fé.

— Tu és tolo! — vociferava o Hilário — tu é que não tens o juizo todo! Então imaginas que eu não fui outro ser na passada encarnação? Um boi, uma cabra, um burro?...

— Duvido que tenhas tido esta figura na tal encarnação anterior; nesta me está a parecer que a tens...

Houve umas risadas conciliadoras.

A discussão prosseguiu. Durou até horas do jantar, mas duraria toda a noite, indefinidamente, se eu não rematasse o assunto com razões judiciosas que não bastaram a convencer o Hilário. Aquilo estava arreigado na sua substância orgânica e dificìlmente haveria razões que o demovessem da asneira.

Porém, no dia seguinte, na praia, à hora do banho, das pernas, dos braços, de quase tudo ao léu, lá estávamos na barraca. Assunto: encarnação!

— Pelo amor de Deus, Hilário, larga-me!

Mas ele... é o largas!

Ouvi, ouvi e... moita!

De tarde, na dita barraca, à sombra da pala enorme que lembrava o boné, na frescura da viragem saborosa, o assunto foi... encarnação!

Ouvi, ouvi e... moita!

Aquilo era incurável; tal obcessão jamais conheci.

Na manhã seguinte... perdão; na manhã seguinte não acompanhei o Hilário à praia, alegando razões taambém judiciosas. Tinha de tratar dum assunto: Encarnação!

Ficou tratado.

De tarde andamos apreensivos; a ambos nos preocupava o problema das encarnações...

E o meu amigo, numa teimosia incrível, lá trouxe à baila a sua teoria.

De tal modo se expressou, tão maviosamente procurou rodear o assunto da encarnação (a da mania) que eu, sinceramente envergonhado confesso, que se me formou uma tal confusão que quase o acreditava!

E perante a moleza do meu espírito, o Hilário reforçava:

— Tu não sentes em ti, por vezes, uma grande tristeza quando assistes a cenas desumanas como apedrejar um gato, matar um pássaro, bater num cão? Não sentes uma revolta íntima quando és espectador de cenas bárbaras? Pois fica sabendo que a cena que

mais te emocionar, ou aquela que mais repetidas vezes te emociona, representa, nem mais nem menos, que a voz da tua anterior encarnação! É isso, acredita que é isso mesmo!

E vendo-me com aspecto de rendido (salvo seja):

— Eu — acredita! — a coisa que mais me comove neste mundo é ver deitar pinheiros abaixo! Vê lá tu o que se passa comigo; sempre que observo o corte dum pinheiro, sinto uma comoção tão sincera e tão forte que não posso deixar de ter já concluído: — fui pinheiro! Dei pinhas! Comeram-me em pinhões! E ninguém pode destruir esta minha filosofia que é a verdadeira verdade, a legítima e a insofismável!

E respirou fundo, sorvendo a longos tragos aquela brisa refrescante que nos vinha do mar.

— E menino, — acrescentou — se te comoves quando vês apedrejar um cão — foste cão! Não tenhas dúvidas!...

Fitei-o atónito! A sugestão tomava conta de mim... Eu teria, realmente, sido cão?!...

A verdade é que me parece ter sentido a necessidade de o ferrar! Mas que sarilho: eu, cão?! Haverá, realmente, as tais encarnações?

E a tremer, medroso, acanhado, quase abjecto, tive a ridícula sensação de desejar fazer: ão... ão... ão...

O Hilário olhou-me assombrado.

Fomos andando... Lá em casa, aguardava-nos aquele bocado da Encarnação, o bocado que ele tinha guardado só para si e que eu, para não desmentir a teoria do Hilário, de ter sido cachorro na encarnação passada, ía roubando com a maior sem-cerimónia canina...

... ...
... ...

Abandonei o amigo e a praia e a... Encarnação. Tinha o espírito cansado de coisas confusas; nada fixei do quanto ouvi e pouquíssimo retinha do muito que disse. Saudades, isso sim, tinha-as daquela Encarnação que me deu horas maravilhosas nessa praia onde fui por horas e fiquei por dias.

De volta à terra, recomecei a vida.

Como de costume, lá fui, horas de serão, cavaquear com o velho Laranjeira, o Laranjeira amigo da loja de bric-à-brac.

Aquilo é que ele era um larachão! Supunha-se o homem mais culto da terra. E não era? Então porque ficava babado a ouvi-lo, o Sr. Doutor, que não falhava noite ao seu serão? E o velho Cura, e o farmacêutico, não procuravam todos o seu cavaquear ameno e fértil?

Lá fui ao serão. Encostado ao balcão, da parte exterior, um sujeito tremia, nervoso, olhando desalentado e triste uns cacos partidos no chão, restos do que teria sido uma bela peça de lonça fina.

Avizinhei-me do infeliz e procurei consolá-lo:

— Um grande prejuizo, não há dúvida. Mas não faltam peças iguais que o senhor compre para repor no lugar da que se partiu...

— Não é o prejuizo que conta — disse o sujeito, olhando os cacos. — O que mais me comove neste mundo é ver peças de porcelana partidas!

Fitei-o de repelão! Estava ali a teoria do Hilário! Aquele desgraçado, na outra encarnação, foi com certeza, uma jarra de porcelana!

O CRAVO VERMELHO

(Continho)

Eu sou muito apegado a velhas recordações. Tenho caixotes e gavetas atulhadas de papeis velhos, flores ressequidas, de mil e uma coisas inuteis, simplesmente porque guardo em cada uma a sublime sensação de recordar passagens longínquas do meu tempo de rapaz.

Às vezes remexo essa tralha amarelecida pelos anos e quedo-me tempo infinito a olhá-la. No meu espírito surgem, então, nítidos como se fossem ontem passados, os factos que preencheram os mais felizes instantes da minha vida.

No domingo de Carnaval caiu chuva miuda, enervante, daquela que cai pouca e molha muito. Arreliado, não saí. Fui-me às gavetas e aos caixotes das relíquias da minha saudade e tentei, mais uma vez, arrumar tudo pela melhor ordem. E uma vez ainda ali passei em revista os anos tenros há muito vividos na minha vida e outra vez aprendi a amar, a sentir, a viver

e a chorar — e creio que a detestar também — aquela palavra tão portuguesa: *Saudade!*

*

* *

Revolvi aquela papelada toda. No fundo duma gaveta encontrei, muito ressequido, um cravo que fora vermelho. Só eu posso saber que aquela minúscula bola de pó, sem cor e sem cheiro, teria sido um cravo vermelho, fresco, perfumado, lindo, e que fora uma mensagem de amor!

E que mensagem! E que amor!

Conheço algumas histórias de flores que foram lindas, que traduziram afectos de muita elevação amorosa e que, precisamente por isso, mereceram as mais lindas páginas amorosas.

Mas a sua história é bem diferente da do meu cravo vermelho, deste cravo que encontrei, ressequido e incolor, no fundo da gaveta. Este cravo, quando mo deram, trazia o orvalho quente das lágrimas quentes de quem mo ofertou; ele era perfumado e virtuoso como a virtude, perfumada com a essência dos anjos!

Ai! como era puro e como era grande aquele nosso amor! Que saudades tenho desse tempo, do tempo em que este cravo era perfumado e vermelho, este cravo que no domingo de Carnaval encontrei em pó, sem cor e sem cheiro, no fundo duma gaveta!

Ai! Que saudades!

*

* *

Tinha então dezasseis anos.

Alguns poetas de bom estilo, mas pouco conhecedores do coração humano, afirmam que o amor dos dezasseis anos é um sentimento que provém da função do desmamamento dos indivíduos. Eu não entendo a teoria que atribui aos sujeitos de dezasseis anos a necessidade de se andarem ainda agarrados aos seios das mães a provar de que os corações, naquelas idades, exercem sòmente a função de víscera principal do organismo...

Ora eu tenho muita pena de não poder estar de acordo com esses vates; mas se o amor dos dezasseis anos não é forte como as armas, ousado como os vagalhões do mar e sincero e puro como o amor dos anjos, eu então aos dezasseis anos constitui uma excepção ao género humano; desse género humano concebido pelos poetas, entenda-se.

Reatemos.

Tinha então dezasseis anos. Principiava-me a alma a diluir uns arroubos de fantasia ligeira, arroubos tais que suporavam do cérebro uns versos mal feitos, sem rima e sem medida, uns versos que cantavam em música pobre a beleza da vida, a delícia do amor, a eloquência da alma; uns versos claros e límpi-

dos como se fossem o reflexo puro da alma pura!

Estava na idade da poesia.

Começava o coração a ensaiar os primeiros voos amorosos e neles se lançava de asas abertas a caminho das paixões santificadoras. Era a mocidade radiosa que despontava com o clarão afogueado das manhãs sorridentes da Primavera.

Arrebol da vida, tu és, oh! mocidade! o poema mais cantado e mais amado pelos Poetas — e o mais saudado e chorado dos que não são Poetas!

E pelas alegrias e tristezas que me deparaste, pelo muito que amei, sofri e chorei, por tudo quanto passei — eu te saúdo, mocidade, e bendita sejas mil vezes pela tua feliz passagem na vida de toda a gente.

*

* *

Não tenho jeito nenhum para estas divagações romanescas e cá me estou a embrenhar no seu emaranhado pueril, sem alguma consideração por todos os que esperam a prometida história do cravo vermelho.

Não prometi contá-la, é certo, mas já agora sinto-me nessa obrigação por ter aguçado a curiosidade dos que me lerem, ao ter-lhes dito que a história deste cravo não era igual à de

outras flores que foram também generosas e apaixonadas dádivas de amor.

Vamos, portanto, à historieta.

Por andanças da vida fui parar a terra estranha e distante da minha, onde, por amigos e conhecidos tinha apenas o meu patrão, que o havia sido de meu pai. Para lá fui em mês invernoso, tiritando ao frio agreste que se fazia sentir. Cedo fiquei sem o carinho de mãe; e tinha saudades infindas das brincadeiras com meus irmãos.

Ao balcão da loja, tìmidamente, eu era como que uma mascote a receber os sorrisos e as carícias dos fregueses que engraçavam com os doze anos sorridentes que então contava. Adaptei-me à vida nova; tomei gosto, pelo trabalho e desta forma fàcilmente conquistei, honestamente, as simpatias do Sr. Simões — o patrão — da Sr.ª Ana, sua esposa e da... Aninhas, a filha única do casal.

Aninhas orçava pela minha idade. Brincávamos aquelas brincadeiras louçãs e inocentes dos verdes anos da meninice; mas só em intervalos que pudessem ser esquivos à observação do casal, pois era bravio o seu ralhar se nos topava juntos.

Talvez por nos ser interdita a brincadeira comum, uma arreigada afeição nasceu entre nós. Os anos passavam e não eram cartas que se não escreviam a dizer-nos que nos amávamos. Eram os olhos, intérpretes fiéis da alma, quem transmitiam essas mensagens de amor;

eram as passagens amiudadas e injustificadas da Aninhas pela loja, as muitas, as demasiadas, as quase notadas pelo excesso; era a limpeza em que andava o passeio fronteiro ao estabelecimento, tantas eram as vezes que o varria como paga generosa de estar vendo Aninhas na varanda; era o afogueado do seu rosto, o alvoroçar do seu sangue quando nos deparávamos sós por um momento. Era, finalmente, a força do amor na plenitude da nascente.

Chegámos aos dezasseis anos. O nosso amor tinha a promessa da eternidade: olhos nos olhos, a marejarem, uma madrugada da Quaresma, junto ao altar da Virgem, na missa da obrigação. Não sei como — ainda hoje não sei — a forma de nos termos encontrado ali juntos. E fui eu quem, medrosamente, fixando ardentemente o olhar na Virgem, balbuciei a promessa, tartamudeando palavras de amor, palavras que jamais tinha ouvido mas que o coração ditava alegremente. Aninhas confirmou. Às resistências do pai responderia com o silêncio; às da mãe, com lágrimas. E sob aquele olhar maternal da Virgem, combinámos, inocentemente, uma união sincera e leal.

Como era puro e santo aquele amor!

*

* *

Os casamentos por imposição dos pais eram, naquele tempo, uma forma natural e

convencional. Dispunham dos filhos como mercadoria transaccionável em matéria de negócios efectuados por conveniências, e à distância. Esse costume egoísta já há muito que na generalidade foi banido e a livre escolha dos noivos passou a ser forma ideal de atingir os fins com a racional medida dos meios.

Eu era dessa época. Aninhas devia casar com o filho dum outro comerciante da terra. Herdeiro opulento dos cabedais grangeados pelo progenitor, o Augusto não devia à natureza a gratidão de o ter manipulado com os dotes essenciais a um mancebo apetecível.

Era grotesco e sobre grotesco tinha na cabeça muito farelo a servir de massa encefálica, pelo que dava de si a triste ideia do símbolo da estupidez. Ele tinha talvez, mais quatro anos que nós. Pouco sabia ler. Na escola andou quantos anos foram precisos para se concluir que não adiantava andar outros tantos. Dali, nada mais se podia esperar.

Filho único, amimado com sopas de boroa em leite quente, o Augusto entretinha os seus ócios a castrar frangos.

Ri-se o leitor?

Quanto eu me ri também das muitas vezes que o vi exercitar tal mister!

E tinha jeito, o quasimodesco Augusto!

Naquelas redondezas mais chegadas não havia capão que não tivesse saído da sua habilidade.

Enfim, era este o moço que predestinaram à Aninhas. Ela conhecia-o bem e quantas vezes — quantas, santo Deus! — ela o havia escarnecido e apupado em grupo coral com toda a mocidade do seu tempo.

O enlace preparava-se; aprestavam o enxoval e Aninhas a tudo assistia impávida, sem o mínimo sinal de contentamento ou tristeza. Não se queixava, a pobre, mas figurava-se-lhe nìtidamente ver naquele enxoval a confecção da mortalha.

Falou-lhe a mãe no seu enlace. Respondeu-lhe Aninhas com lágrimas; ao pai respondera com o silêncio.

Intrigados, os pais, procuraram a explicação daquele facto; e não lhes foi difícil encontrar a razão. Eu só dei fé da situação angustiosa quando ao pé de mim, ofegante e vermelho de cólera, o Sr. Simões me esticou a gola do casaco que quase lhe ficou estilhaçada nas mãos papudas e inchadas das frieiras e me atirou violentamente contra uma pilha de sacos de batatas. Da sua boca sairam apóstrofes que eu não entendi. Uma só frase se me gravou ao coração e mo queimava como se fora um cáustico incandescente: — «Ladrão!»...

Fugi aterrorizado! Levava os ouvidos cheios de gritos confusos e fechei-me na alcova, estirado na cama, de borco, qual ébrio, a chorar angustiosamente.

E nos ouvidos um só grito, um uivo lancinante, um eco medonho que enchia todo aquele

quarto como que se uma multidão incontável ali me estivesse a gritar: — «Ladrão! Ladrão! Ladrão!...»

Tudo perdoaria àquele homem rude, boçal, menos aquela palavra infernal com que encheu da maior vergonha a minha vida: — «Ladrão!»

Toda a noite velei a chorar.

Quando os primeiros alvores da madrugada ainda mal se adivinhavam para lá das cristas da montanha, saí surrateiramente, levando ùnicamente como soldadas de quatro anos de labuta, aquela saquita pobre com que havia entrado. Saía pobre, mais pobre do que quando entrara, porque se então eu tinha a riqueza dum destino, hoje levava a extrema miséria da incerteza do almoço daquele dia e do gasalhado da noite próxima!

A minha alma estava embrulhada em panos negros! As lágrimas saíam-me como punhos ao deixar aquela casa onde me ficava a coisa mais cara que possuía: o coração!

Ai! Aninhas, Aninhas! Se pudesses alguma vez ter imaginado quão doloroso me foi esse instante, ter-me-ias cortado o caminho e resolutamente...

— Resolutamente, o quê? — pergunto eu, agora, a mim mesmo, como que espantado daquela ideia!

Éramos duas crianças! Que poderia ela fazer, e que poderia fazer eu? Não havia solução. O que ía acontecer, era precisamente o que só deveria suceder. Fugi. Desci cautelosa-

mente e depressa me vi na rua. Cá fora volvi amorosamente os olhos para as janelas da Aninhas. Um vulto; uma sombra; era ela! Oh! meus Deus! Ela, a Aninhas, o meu amor, essa minha saudade já tão cruel, ali!

Abeirei-me a medo. Acenei-lhe. Disse-lhe adeus. Os seus olhos adivinhava-os eu cravados nos meus. Um pequeno embrulho, uma coisa minúscula senti que me caía aos pés. Peguei-a e fugi. Ao dobrar a esquina, lá ao fundo, o meu olhar ainda foi àquela janela pela derradeira vez, num último adeus, numa saudade infinda, num beijo amantíssimo, numa despedida desesperada!

— Adeus, Aninhas! Adeus meu grande amor!...

E caminhei lentamente, sem destino e sem norte, pela estrada deserta e sem fim...

Os pinheiros, envoltos na macieza fofa do nevoeiro, dormiam mansamente...

A natureza quedava-se no mistério silencioso das noites frias...

E eu caminhava, vagabundo do amor, vagabundo da incompreensão e da maldade dos homens, caminhava — sabe Deus para onde!

Aos primeiros alvores, já quando uma ténue claridade me deixava distinguir os objectos e as coisas, levei a mão ao peito, sob a camisa, onde sentia como que a arder aquele embrulhinho que a Aninhas me dera.

Que sofreguidão, santo Deus!

E abri-o. Rescendente de aromas frescos, vivo e vermelho como um coração a sangrar, aquele cravo lindo ali estava a dizer-me o sinal convencionado: «Vai, querido; eu vou para o Convento».

Quanto o beijei! Sôfregamente, doidamente, repetidamente! Quanto o beijei!...

Era este o cravo perfumado e lindo que no domingo encontrei, sem cor e sem cheiro, no fundo duma gaveta!...

*

* *

Aninhas: se leres isto que para muitos será uma ficção, e se te adivinhares no nome falso que aqui te dou, hás-de rir da nossa loucura de crianças.

Deves estar gorda, anafada, mamã de pimpolhos robustos e vermelhaços, ao lado do esposo que te deram e que acabaste por amar.

Ri-te, Aninhas, que eu também ri muito quando via o teu Augusto, na infância, a capar galos; certamente ainda será hoje a única coisa que saberá fazer, ajuizadamente...

CARTA SEM DESTINO...

(Continho)

Meu querido Amigo:

Escrevo-te deste canto escuro e frio para onde me atiraram delitos que se o não fossem desta idade já meio velha dos meios cabelos brancos, dir-se-ia que o eram da mocidade. E aqui estou, meu Amigo, há já três dias. Como sempre, estou só; só, não, tenho por companheiro um vento que anda também aí por fora praticando distúrbios, empoleirado nas velhíssimas carvalheiras ali daquele rechio para onde deita esta janela com grades. Coitadas! As pobres ficam daqui a nada carecas com as travessuras daquele diabrete! E até eu, velho Amigo, vou sendo sua vítima, pois que me entra neste beco onde não vem gente amiga, pega-me nos papéis e lança-os em curvas caprichosas para este chão húmido e fétido — herança forçada de anteriores desgraçados que partilharam desta espelunca comigo.

Estamos, portanto, os dois.

Deixaram que hoje, não sei porque feriado ou dia santo, eu fizesse uso da caneta. Esta regalia era-me vedada rigorosamente. O primeiro pensamento foi escrever-te, porque agora — nem posso lembrar-me disso! — és tu apenas quem há no mundo a ter pezar dos meus infortúnios e da minha desgraça. Ainda há quatro dias havia mais alguém com quem repartir as minhas alegrias, a minha vida. Eu não queria levar-te nesta carta pensamentos reservados, mas a obsecação do assunto não deixa que outra coisa saia desta pena, em catadupas sucessivas. Sei que te dói este meu querer esquecer o que jamais me sairá da razão; mas se te magoa a ti este meu infortúnio, diz-me, meu Amigo, como posso eu suportar esta dor cruciante que me abala a alma?

Tenho ocasiões de não saber sequer que estou preso; e, ao entrar depois na plena consciência da terrível realidade, sinto umas pancadas na cabeça que me lembra o estalar do cérebro! Sinto terror e sinto febre. A prisão, meu caro, é uma violência incrível que se impõe ao ser humano; e paradoxalmente acho que ela é uma necessidade. Mas estas grades, meu velho Amigo, estas grades e estas correntes e estas paredes viscosas, este cheiro medonho — isto só para bichos maus e ferozes que não fossem capazes da correcção pela inteligência. Mas para nós, os homens, seres por excelência da criação do mundo e das sociedades e das civili-

zações; não! Não devíamos estar sujeitos às mesmas penas, quase às mesmas leis, sempre aos mesmos defeitos e aos mesmos erros!

Perdoa esta advertência. Estou exausto, revoltado, e sinto a razão escurecer-me. Sei que estou a dizer-te tolices, mas a tua piedade há-de amercear-se de mim e compreenderás melhor a minha desdita; eu ía dizer que terias mais compaixão deste desgraçado. E não o serei eu tanto quanto o pode ser um desgraçado, para aqui a revolver-se na dor e no infortúnio?

Triste condição esta do género humano!

Ainda há quatro dias — lembras-te? — ríamos os três sentados na saleta lá de casa: tu, eu e... ela! Ela! Como posso eu proferir esta palavra: Ela! Que mundo de distância nos separa agora; e no entanto todo o meu espírito, e o meu ser estão cheios do seu amor e do seu... drama! Que queres? Eu não posso viver sem ela; eu sinto que toda a minha vida está um imenso vasio com a sua falta! Chamas-me fraco, não é? Pois esta fraqueza é a minha melhor virtude.

Aflige-me imenso, mais que tudo, a incerteza do acontecido. Olho para perguntar, mas a quem?

Aqui, comigo, só o vento que me enregela e que lá fora, no rechio, anda aos saltos pelas carvalheiras a despentear as pobres árvores.

Mais ninguém!

Estamos sòmente os dois.

*

* *

Bateram á porta desta espelunca; bateram, não; empurraram-na, quem quer que seja, de precaução supérflua, como que para afugentar o molosso que nela pudesse habitar. Este abrir de porta aqui, é como um entrar em jaulas Louvado seja Deus! Chego a convencer-me que quem para aqui entra, tem primeiramente de deixar lá fora todas as suas condições naturais de ser humano!

Entrou um homem com cara de mau, aquela perpétua cara de mau que é preciso afivelar nos carcereiros. Era, efectivamente, o carcereiro. Deu-me não sei quais ordens mal pronunciadas e por isso mal compreendidas. Instintivamente — aqui temos dé nos servir muito deste sentido — instintivamente caminhei após si, ao longo dum corredor imenso, lageado, sinistramente escuro. Não sei que misto de sentimentos me atormentaram durante o percurso. O carcereiro levava na minha frente uma música infernal naquele entrechocar de chaves que era horrendo! Aqui e ali havia uns reflexos de frouxa luz, coada por umas gateiras que davam certamente para a rua, e que vinham esborrachar-se de encontro à parede oposta. Senti medo; medo nem eu sei de quê! Mas era medo concerteza aquela opressão que me inva-

dia o peito e me dificultava o respirar. Digo-te, Amigo, que se ao fundo do sinistro corredor encontrasse um instrumento de justiça capital, a impressão não devia alterar o meu estado de alma. Era medo, era, o que eu sentia.

Acabou o corredor. Entramos num quarto. Luz, luxo, comodidade, vida! Uma secretária, um doutor. Sei que é doutor — e tu conhece-lo também — pois muitas vezes connosco tomou café e fumou em comum os nossos cigarros. Senti um imenso alívio, como que uma protecção naquela figura familiar. Depressa, porém, achei o êrro. Não era a pessoa conhecida do café; não era o sócio dos cigarros: era a lei! Os seus olhos frios, fitando-me como objecto desconhecido, brilharam numa cara inflexível. Morreu naquele mesmo instante a esperança que me sorrira com a luz daquele quarto. Estavamos ainda em silêncio, um minuto, uma hora, sei eu lá quanto tempo havia passado. No meu cérebro era impossível operar-se o paralelo do tempo. Depois falou-me. Falou, falou, falou.

Que disse? Não sei, meu Amigo. O que me lembra é de sentir que as lágrimas corriam quentes por esta cara onde ainda ninguém as vira correr.

Eu não sabia de que chorava. De alegria? De tristeza? De saudade ou de amor? De medo ou de terror? Chorar por chorar? Implorando clemência?

De hipocrisia não era certamente.

Eu não sabia, sinceramente, porque chorava.

Saí daquele quarto sem ter pronunciado a mais pequena palavra. Mas sentia-me aliviado. Sentia-me novamente dentro da comunidade humana.

De novo no corredor, com o carcereiro na minha frente até à espelunca. Lá ía o molho das chaves no tilintar lúgubre, a blafesmar do silêncio. Dei por mim encostado às grades frias da janela a olhar para as carvalheiras quase despidas pelas brincadeiras do velhaquíssimo vento.

Sentei-me a escrever-te. Neste fétido recinto há um silêncio de morte. Só o vento me diz coisas que não entendo. E é pena, porque ele, irreverente às leis e às exigências sociais, é o unico que pode aqui entrar.

Estamos os dois, sempre sós.

*

* *

Hoje quase que me sinto alegre. Alegre!

Que blasfémia, Santo Deus! Mas é verdade.

É este o oitavo dia de prisão. Dizem-me que é o último e que posso receber visitas. Sei que dentro em breve me virás cair nos braços. Não admiro o teu esquecimento por não poderes cá vir. Mas o homem das chaves, aquele cara-mau, disse-me que já desde ontem poderia receber visitas e fiquei assustado com a tua ausência. Que se passará? Porque não vens?

E agora me lembro: para quê esta carta, se dentro em pouco te direi tudo? Deixá-lo, embora; dar-ta-ei e riremos ambos ou choraremos os dois destes momentos que aqui tenho vivido.

Já soube que ela não morreu e me perdoou. Soube-o por aquele doutor. Não calculas o alívio que foi dentro de mim! E no entanto o terror daquele espectáculo ao vê-la ir de roldão pela escada abaixo, toma-me a sensibilidade toda. Quis sair logo, procurá-la, cair-lhe nos braços e amá-la mais ainda do que com todo este imenso amor que lhe tenho.

Que saudade. meu Amigo, que saudades!

Perdoo-lhe tudo — perdoo-lhe a infidelidade.

Amo-a acima dessas mesquinhas coisas da carne. Saio amanhã. Correrei loucamente para os seus beijos e para o perdão recíproco. Quero que no meu perdão ela sinta a grandeza desta alma onde só ela vive e onde só há espaço para ela.

Já não me lembro como fui preso... ou talvez, sim, já me lembro. Fui eu quem me entreguei. Eu julguei-a morta no fundo da escada. Para que me servia a liberdade se ficava ali morta a minha própria vida? Para que queria eu a vida se ali, no fundo daquela escada, eu deixava toda a minha liberdade?

Depois... depois, meu Amigo, esta espelunca!

E para aqui tenho estado a ver desfazer-se

uma a uma todas aquelas quimeras da felicidade sonhada.

Mas agora, agora tudo é diferente. Vou sair, estou livre, vou para a nossa casinha viver o amor do meu lar. Quero viver para ela, porque ela vive. O homem mau que a perverteu — que nos ía matando aos dois — há-de ter remorsos do que fez e sentir asco de si próprio. E ela, tu sabe-lo bem, há-de odiá-lo profundamente até ao mais recôndito da sua alma.

Eu sei, meu fiel Amigo, eu sei que compartilhas connosco do ódio que temos a esse maroto. Mas esqueçamos tudo porque ela vive! Eu vou ser novamente livre — e a nossa vida regressará à ventura que por momentos cuidei perdida para sempre. Se os teus afazeres o permitirem vai lá jantar connosco amanhã. Sabes quanto te queremos e toda aquela nossa casinha é tua também. Vai. Ela estará de cama, doente, a pobrezinha?

A tua companhia far-nos-á bem. Vai meu Amigo. Vai.

Eu quero aberta esta porta. Eu quero procurar a vida da minha vida! Por que se não abre esta grade já, já!?

Ah! meu Amigo! Que suavidade celestial teria neste instante para mim aquele chocalhar das chaves do carcereiro! Como elas me soariam como um hino de liberdade! Mas não as ouço, não vem aqui ninguém tirar-me deste suplício infando! Só o vento me diz coisas e me

afaga. Olho daqui as carvalheiras que aquele maroto tem quase completamente carecas. E que boa companhia me tem ele feito! Há oito dias que nós dois temos estado sòzinhos...

*

* *

Esta carta fica debaixo da sua porta. Por ela, ao menos, saberá melhor avaliar a sua canalhice.

Você é um pulha! Um irracional! O mais ínfimo e abjecto ser da bicharada! Sei tudo, porque tudo me contou a velha criada que foi minha ama e minha mãe. Ela viu as cartas sob o colchão. Sim, aquelas cartas ignóbeis, miseráveis, que só um miserável da sua espécie poderia ter escrito. Li-as. Sei tudo, tudo! Você é um infame! Pagou bem — e de que modo! — a hospitalidade da nossa casa. Vocês hão-de regressar um dia; regressar cheios da lepra do opróbio e roidos de remorsos; hão-de ver bem a baixeza a que desceram. Não tenho mais que lhe diga. Refuto-o miserável em extremo para merecer a pena deste tempo. Saiba ser infame até ao fim; arraste-a bem por esses caminhos de lama para onde a levou; e quando se fartar —sim, quando se fartar, vilão! — entregue-a nos alcances sociais da última escaleira, onde o seu corpo será vendido a troco de poucas moedas para matar a fome! Saiba ser indigno e saiba ser miserável; perca-a, à perdida, enrodi-

lhe-se com ela no lôdo imundo onde cairam, e asfixiem-se de miséria ambos, porque a ambos dou por esmola o asco imenso que me inspiram, o desprezo com que se olha para coisas nojentas, o ódio infinito gerado por todo o meu ser. Que a vossa vida seja o mais horroroso inferno e que se tornem, perante a humanidade, replentes como as cobras.

O AMIGO SIMÃO

(Continho)

Eu conheci o Simão naqueles tempos difíceis quando rolava pelo mundo a segunda grande guerra. As nações andavam todas, ou quasi todas, aos murros umas às outras no mais formidável combate que ainda assistimos no rinque grandioso que é este globo terráqueo onde nascemos, e onde vivemos, por mal dos pecados que todos cometemos. Enquanto a pancadaria grassava lá pelos montados e pelas charnecas, emagreciam os povos à míngua das gorduras substânciais que engrossam as nádegas e roliçam as pernas e os braços. Enfim, o povo passava fome. E quer fôsse postar-se nas «bichas» durante longas horas, quer se deixasse ficar na quietude esfomeada da sua casa, a verdade é que passava fome da mesma maneira. Foi por esta altura que conheci o Simão.

Coitado do Simão! Eu gostava de o apresentar a vocês; mas olhem que o Simão não

pode ser apresentado a ninguém. E sabem porquê? Eu lhes digo:

O Simão apareceu-me um dia a exibir um cartão que lhe deram de apresentação para o...

Estas reticências não fui eu quem as colocou aqui. O Simão foi que rodeou o assunto dum tal misterioso segredo, chegando mesmo a fazer suspense, à imitação do mestre Hitshcoque. Chamou-me de parte (não estava mais ninguém connosco: mas como as paredes também dizem ter ouvidos, o Simão, receou os ouvidos das paredes e chamou-me à parte, dirigindo uns olhares desconfiados em seu redor, dando ao momento e ao assunto um ambiente de verdadeiro tango, quando se apagam as luzes e fica só o piloto vermelho a fingir que ninguém está às escuras) chamou-me de parte, dizia eu, e mostrou-me o cartão. Era de apresentação para a pessoa mais importante da ocasião: — o merceeiro. Um merceeiro conhecido dum conhecido seu, que era amigo dum outro amigo do conhecido que era amigo do Simão. Complicado, mas certo. O merceeiro era o Barata, um tal Barata a quem o vulgo chamava o Baratinha, e tinha de seu nome legítimo, como assinava, Bento Barata Bandeira. Possuía um B a maior do que a Brigite; e se acontece começar por Dês, teria sido o mais formidável mata-moscas e mosquitos que ainda a humanidade conhecera!

Apareceu-me, pois, o Simão com o cartão que era o «Abre-te Cézamo» da mercearia do Baratinha. Estavamos na rua, mas havia por

ali um cheiro nauseabundo de cano de esgoto rebentado e eu fui puxando o Simão pela rua acima porque a minha pituitária me estava a admoestar incrìvelmente, como só o sabe fazer a sogra de cada um. O assunto do Simão era moroso e não obstante a rua ser comprida, o cheiro, aquele maldito cheirete, ía connosco, no nosso passeio e na nossa conversa. Nada! Não me estava mesmo a agradar nada ficarmos por ali a conversar. E convidei o amigo Simão a irmos continuar o bate-papo para minha casa — minha é modo de falar, porque ela é da Snr.ª D. Rita Almeida a quem pago mensalmente o melhor de seiscentos mil réis fortes. Acomodamo-nos numa salita a que chamo de visitas (esta maldita mania das grandezas!...) e propuzemo-nos continuar. De repente — mas que é isto, meu Deus! — de repente invade-me o nariz aquele horrível cheiro da rua! Corro às janelas e fecho-as. Não obstante, o cheiro lá ficou. Fedia que nem uma récua de porcos mortos há semanas! Não aguentei mais e prometi ao Simão ouvi-lo no dia seguinte no meu escritório, à rua das Laranjeiras, 67-4.º Esquerdo.

Tomei banho, purifiquei o ar e comecei a respirar. Bom. O cheiro foi-se. Assim a coisa tinha outro aspecto. Mas... mas o pior veio a seguir. A minha família íntima começou a andar de nariz no ar e a olhar-me com ares misteriosos. Que diabo! Ali andava tramoia, fosse lá qual fosse. Iniciei imediatamente um

longo interrogatório e um inquérito demorado, igual àqueles que a C. P. costuma fazer depois que um desastre dos seus comboios mata uma data de passageiros. Conclusão: cheirava mal. Revista aos sapatos, às calças, ao resto, e verificou-se que tudo estava em situação normal. Ainda bem. Então tudo vinha cheirar à rua, tudo começou a meter o nariz na minha casa (minha... cá está a mania das grandezas...) desatou toda a gente a meter o nariz no meu viver e eu não tive outro remédio que não metesse tudo na regra do bom viver, isto é, tudo na ordem. A rua estava limpa. Não havia cheiro, nem brecha nos esgotos, nem o diabo! Verdade seja que cismei naquilo, mas acabei por admitir que fosse «ilusão de óptica» do meu nariz.

No dia seguinte...

Vou abrir aqui um ligeiro parêntesis para dirigir a todos vós um aviso prévio com o intuito de aclarar que não há aldrabice nisto; nem de pequeno, nem de grande quilate. A verdade tem que estar sempre à altura da solenidade dos factos.

Avante.

No dia seguinte o velho amigo Simão não pôde ir à Rua das Laranjeiras, 67-4.º Esquerdo. Telefonou-me. E caso curioso: enquanto eu o ouvia, lá na outra ponta do cobre, começou à minha roda a formar-se uma atmosfera fedorenta!

Acabei tão abruptamente com a conversação, que até pareceu ter sido um daqueles cortes que as meninas da rede fazem sem mais tir-te nem guar-te!

Pousei o aparelho acústico nas costas do supracitado que lhe serve de encosto.

Esperei atónito e vi, assombrado, que o cheiro desaparecera!

Nesse dia, ao sair, fui visitar, como costumava fazer algumas vezes, o meu amigo Bastos.

— Já sabes o que aconteceu ao Baratinha? — perguntou-me logo de entrada.

Eu sabia lá o que havia acontecido ao Baratinha!

— Há dias surgiu de repente a fiscalização na sua mercearia. Como sabes, estes fiscais dos comestíveis são uns sujeitos que trabalham mais à base do nariz do que com outros aparelhos detectores da putrefacção dos géneros. E meu amigo, aquilo foi um raio que lhe caiu em casa!

Entraram, taparam logo os narizes com todas as duas mãos, puseram na rua o Baratinha e mais um amigo dele que estava lá na ocasião, fecharam as portas, lacraram as mesmas, o diabo!

Baratinha preso, incomunicável; processo, advogados, toda a máquina judiciária em movimento.

No dia seguinte, exame à mercearia.

— Exame à mercearia? — disse eu. Então não são só os adultos?

— Homem, não! Exame, mas sanitário! Queres ouvir o resto ou fico-me por aqui?...

Bastos não gostou da minha intervenção.

— Conta que sou todo ouvidos.

E o amigo Bastos prosseguindo:

— No dia seguinte, exame à mercearia. Tudo a postos; máscaras anti-gazes, tapulhos para os narizes e toca a deslacrar os lacres das portas. Pé ante pé, foram penetrando receosos da asfixia. E cheiro?! Nada. Diabo! aqui anda marosea! — diziam os judiciários. Máscaras fora, tapumes p'ró chão e vá de cheirar a olho nú.

Tudo foi revistado. Bacalhau por bacalhau, grão a grão, lata por lata, saco por saco, garrafa por garrafa, arrozeiro por arrozeiro — e nada!

A fiscalização estava abismada!

— Hom'essa! — dizia um fiscal. Mas isto ontem fedia tudo que era um cano de esgoto!

Nesta altura fez-se uma luz brilhante na cachimónia do Baratinha e berrou um «Ah!» do tamanho da Torre dos Clérigos! Parecia o Arquimedes quando disse o seu Eureka célebre! E voltando-se para os circunstantes, assim falou: meus senhores; (todos começaram a coçar no couro cabeludo julgando que ia haver discurso) — meus senhores, eu exijo, para minha legítima defesa, que seja aqui trazido imediatamente o meu amigo que estava comigo ontem, quando entraram na minha casa os senhores fiscais da fiscalização que anda a

fiscalizar, pois sòmente com a presença do seu corpo presente se pode achar a explicação de toda esta trapalhada, sim, de tudo isto que se passou, desde que me fecharam os buracos da minha loja.

O Baratinha suave as estopinhas!

A morada do amigo; um enviado especial e extraordinário em sua cata, e expectativa! Silêncio! Suspense! Parecia um retiro de fados!

Olhares cobiçosos para os bacalhauzitos que assistiam, ressequidos e impávidos, à cena. Baratinha a perceber o jogo mas a fazer que não percebia... Pudera! Ai não!

Nisto chega a caravana. E então, sabes quem era o amigo do merceeiro? O Simão! Oh! rapazes, aquilo tudo fugiu! Que cheirete! Que fedor!

Aquele maroto — disse-me o Bastos — não se lavava há dezoito anos e há quinze dos mesmos que trazia calçados, e com elas dormia, umas peúgas sem côr e sem biqueira!

Por isso eu não quis apresentar a vocês o meu amigo Simão...

RECORDAÇÕES

(Continho)

Eu tenho pela ilha do Faial uma grande afeição. Nela passei os anos mais felizes da minha mocidade e todo o meu ser está repleto das mais gratas recordações desse tempo. Não deixo apezar disso, de sentir pela minha terra natal a mais extremada ternura, conquanto para o Faial reserve uma grande parcela do meu coração como homenagem muito sincera pelos encantos com que encheu alguns dos anos da minha juventude. Esta manifestação de simpatia e amizade pelo Faial exterioriza-se por toda a minha humilde casa; todos os dias se recorda essa ilha linda, esse altar grandioso que emarge como que por magia das profundezas do Atlântico e nos encanta os olhos com a sua beleza! E fala-se do Faial constantemente, porque na minha casa, e a suavisar as agruras do mundo, tenho a companheira da minha vida — a mais terna e a mais feliz recordação que me prende indissoluvelmente ao Faial.

Recorda-se uma Pescaria...

Nunca logrei escrever um dos muitos episódios que me povoam a memória e que todos não são mais do que uma recordação muito grata do tempo que vivi no Faial. Sempre que me afoito à experiência ela sai-me confusa e desajeitada pela superabundância dos factos então ocorridos, os quais se entrechocam no meu espírito, do que resulta invariàvelmente sair uma miscelânia sem princípio e sem fim. E sem meio também.

Vou tentar uma vez mais repetir a proeza; e verei se desta feita consigo desenvencilhar a meada e apartar de entre os mais um desses episódios que os meus leitores(!) decerto gostarão de ler.

Um destes dias de Fevereiro, com frio mordente, geadas causticantes arrastadas das bandas da Espanha pelo soprar da nortada, serras brancas de neve a rebrilhar ao sol mortiço do inverno, tive, mais que de costume, saudades do Faial. É que recordei, de forma especial, os banhos que tomavamos no mar, praias de Portolim ou Conceição. Entravamos nestes principais meses de invernia, aí pelas por aquele Atlântico dentro como quem se metia em convidativa e cómoda banheira de água quente!

Tinhamos todos nós aqueles vint'anos viçosos e escaldantes, aqueles vint'anos que nunca mais voltam porque só os fazemos uma vez na vida. Parece-me suficientemente elequente esta razão da idade para me dispensar de outras supérfluas explicações acerca dos banhos no mar, em Janeiro... Já lá vão, bem puxadas, duas décadas sobre o tempo veraneante nas salsas vagas, e Graças a Deus ainda me não bateu à porta aquele reumatismo tolhediço para os membros motores que a gente idosa agoirava, quando nos observava de terra, arripiada e trémula à conta de nos ver folgar na água, despreocupados e felizes.

Acabado o banho, demandávamos o Quartel após uma "massagem" bem puxada, tal era a carga de acelerado com que galgávamos as ladeiras do percurso; e claro está que de volta à Caserna lá mudávamos a camisola onde se podia espremer a úmidade em que ficava transformado o reumatismo previsto pelas velhotas...

Já que iniciei a crónica de higiene, que tais são também banhos de mar, vem a propósito recordar outros exercícios natatórios, de recheadas peripécias, que bem merecem descrição. Cá está a baralhada de factos. Valha-me Deus! Verei se consigo escapar ao enredo e dar continuidade a este. Eu conto:

Éramos talvez dez os que ignorávamos as regras de nos auto transportarmos na água. Explico: eramos dez os que não sabiamos na-

dar. Empenhavamo-nos em aprender e um dia a ocasião deparou-se. Munimo-nos de grossa corda que enlaçavamos no peito, pelos sovacos, e cada um por sua vez se atirava para o Oceano, seguro de terra pelos restantes. O resultado era eficaz. O local desta aprendizagem situava-se na costa da Feteira, ali pela "Laginha", com os seus rochêdos ásperos e mordentes, lambidos continuadamente pela ressaca.

Estancíavamos ali em diligencia, numa missão de sondarmos os horizontes à cata de navegação suspeita. Rondava no Mundo, tristemente, a segunda guerra.

Os primeiros passos, ou melhor dizendo, as primeiras braçadas (assim é que era), não me sairam desajeitadas de todo; outros camadas arriscavam já, pelo terceiro dia de aulas, um "vôo" experimental mais largo e quantos deles, os mais afoitos, dispensavam agora o auxílio da corda.

Eu, não. Eu queria corda e penêdos pela beira; aquele pedaço de linha que me tinha seguro à terra e à vida, esse era eu o único que o não dispensava... Sempre que experimentava ainda que momentâneamente fazê-lo, à laia de ensaio para outra proeza mais avantajada, era o minuto do juizo final! Que mar enorme era aquele, meu Deus! Começava por sentir calor debaixo de água, e o escasso metro que me distanciava das pedras parecia-me então uma lonjura enorme, como que, se do ponto

onde me encontrava, eu estivesse lobrigando a terra com um binóculo colocado ao contrario... Os embaraços na respiração eram tais e tantos que se me afigurava a asfixia iminente! Confundia os movimentos que deveria executar sincronizados com os membros superiores e inferiores, bebia água, berrava, esperucava, — o diabo! Só içado é que aportava.

Uma ocasião, manhã cedo, como de costume, lá fomos para a "lição". Chegados à Laginha toca de prender a corda (era utilizada agora só para mim), tomar ar, calcular o salto e... saltar. Meus senhores: (não vou fazer discurso algum), mas meus senhores, eu não sei o que aquilo foi e como aquilo aconteceu! Foi um reboliço! A corda, quando saltei para o dorso do Atlântico, ou por muito folgada ou por esticada demasiado enrolou-se-me nas pernas. À medida que eu fazia esforços para me libertar das malditas laçadas, mais laçadas me prendiam os movimentos. Tinha as pernas atadas; um braço entrou por uma das folgas da corda e ficou também fora de combate. Creio que amarelecí, ou esverdeei, ou talvez ambas as coisas ao mesmo tempo, como a bandeira do Brasil, porque havia também estrelas à mistura. A situação era o mais crítica que imaginar se pode e o meu batalhar com o líquido imenso foi notado; o naufrágio foi descoberto e senti que me puxavam. Lá me içaram pelas pernas, meio afogado, enrolado

na corda, a tremer defrio e de susto — creio que mais de susto que de frio.

Não fiz figura muito bonita, verdade seja, mas também ficaram por ali as "lições" natatórias quanto a mim, pois para servir de "pescaria" aos companheiros entendi eu que teria bastado aquela ocasião.

Apontamentos Teatrais

EPISÓDIO POLICIAL

Pode-se representá-lo no teatro ou no circo ambulante; vale na mesma.

Como é da praxe, ouvem-se entre cenas os apitos estridentes dos assobios policiais e a sirene enervante duma ambulância. Podem pôr-se outros ruídos e alguns gritos. Dá-lhe ambiente...

I Cena

Um gabinete. Uma secretária. Um telefone. Um arquivo. Algumas cadeiras. Quadros pendurados nas paredes com as figuras do Zé do Telhado, do Arsene Lupin e de outros beneméritos quejandos tais da sociedade. Retine o telefone.

INSPECTOR
(atendendo)

— Estou... estou... está lá? Estou... *(àparte)* Que raio de brincadeira será esta!?

(ao telefone) Está? Está?... Ah! até que enfim! Sim, senhor, é do detective privado Esmigalha! Como? Um crime? Mas onde? Nas águas furtadas do Barão Esticado? Não é esticado? Ah! esticado está o Barão nas águas-furtadas? Como? Na Rua das Águas-Furtadas é que está o Barão esticado? *(àparte)* Não percebo nada! *(ao telefone)* Quem é que fala? Quem? Está lá?... Está lá?... *(àparte)* Cortaram a ligação! E esta? *(ao telefone)* Está ou não está? Ah! já está outra vez! Diga-me uma coisa meu caro informador: quem é que fala? O criado particular do Barão esticado? Oh! diabo! Então somos colegas! Eu também sou detective particular! O que é que você diz?!... Que não me dá essa confiança?!... Que não é da minha igualha?!... Olhe que eu rebento-o mesmo pelo telefone, seu ventas de pepino! Veja lá como é que fala para um detective, heim?!... Não me tem medo? Que está você p'raí a dizer, seu miserável?!... Que me faz o que fez ao Barão?! Ah! seu assassino! Seu cadastrado!... Seu vigarista!... Já descobri o matador do Barão! Considere-se preso que eu vou já aí buscá-lo. Olhe que não saia enquanto eu não chegar aí, ouviu?

(Desliga bruscamente o telefone)

— Sou um campião! Pelo telefone descubro e prendo um assassino!

(chamando para fora)

— ó Presumido?! Presumido?!... Onde raio se terá metido este meu ajudante? Que polícia este! Que grandessíssima besta!

ó Pre-su-mi-do?!...

II Cena

Esmigalha e depois Presumido. O mesmo gabinete. Tudo igual. Não muda nada, nem o arquivo.

PRESUMIDO

(entrando ofegante)

— Há novidade, patrão? Sabe uma coisa? Acabei agora de experimentar a nova extensão telefónica! Falei com o Chefe!

ESMIGALHA

— Falaste comigo?! Comigo? Quando e de onde?

PRESUMIDO

— Mesmo, mesmo agora! quando imitei ser o criado do Barão!...

(o pano cai com uma guita do raio!)

RECORTES TEATRAIS
DE REVISTA «PÃO COM QUEIJO»
(que não foi à cena)

I ACTO — I CENA — I QUADRO

(A acção passa-se no Largo do Apoio — Barcelos — com cenário próprio do local) muita luz. Momento coreográfico — Grupo de girls...

CORISTA PRINCIPAL

Barcelos, flor formosa,
Flor cheia de carinho,
És a mais linda
Do Minho.

CORO

És a mais linda
Do Minho.

CORISTA PRINCIPAL

De pequena no tamanho
Tão grande és tu, na História,
Com teus feitos
De glória.

CÔRO

Com teus feitos
De glória.

CORISTA PRINCIPAL

És terra de pergaminhos,
És berço de fidalguia
Do teu bravo
Alcaide de Faria!

CÔRO

Do teu bravo
Alcaide de Faria!

CORISTA PRINCIPAL

Tuas muralhas antigas
A relembrar o passado
Falam do esforço
Ignorado!

CÔRO

Falam do esforço
Ignorado!

CORISTA PRINCIPAL

Além, no Monte sagrado,
Há os restos dum Castelo
Onde se fez
Um gesto belo!

CÔRO

Onde se fez
Um gesto belo!

CORISTA PRINCIPAL

Nos teus jardins floridos
— Um tapete sempre novo —
Anda a alegria
Do povo!

CORO

Anda a alegria
Do povo!

CORISTA PRINCIPAL

Sempre a correr a teus pés,
Submisso a adorar-te,
Tens o Cávado
A beijar-te!

CORO

Tens o Cávado
A beijar-te!

CORISTA PRINCIPAL

Quem te visita, Barcelos,
Leva de recordação
Uma saudade
No coração!

CORO

Uma saudade
No coração!

(Cortina lenta)

COMPÈRE *(Trinca-Espinhas)*

(Tentando agarrar uma «girl» que fica retardatária a encobrir-se pela cortina) Que pena ter chegado atrazado!... Ah! pombas brancas da «catrina»! Quem me dera andar no vosso bando a arrulhar... a arrulhar... assim com uma asa de rasto!... Mas de maneira que não ficasse com a asa partida, claro!...

Ainda há disto na minha terra! Bandos de pombas de asas alegremente abertas por sôbre o casarío de Barcelos! Ah! Barcelos, Barcelos! Tu continuas a ser cidade de pombas e de pardais, de pássaros, passarões e outras coisas mais! Tu és terra de frescura e de perfumes desde a Avenida Nun'Álvares até à Alameda do Pecegal! Terra de melodias; de música nas Avenidas e de descantes populares, desde as cabines sonoras aos rádios particulares!

Cidade que tens um rio a dividir-te em duas partes distintas; e quando a gente se farta duma, vai para a outra banda!

Terra de feiras garridas, alegres e cantantes, onde agora se não vende aquilo que se comprava dantes!

Jardins cheios de cor e bem floridos, e ruas onde os «perfumes» têm vários sortidos!

Rio poético, lindo e bricalhão, onde se «brinca» muito e muito, p'ra se chegar a Fão!

Enfim, terra onde se faz do progresso um armazém de sarilhos, p'ra que nada haja de novo p'ró tempo dos nossos filhos!

Cidade pacata, serena, onde a polícia não tem que fazer, a não ser... *(ouve-se gritaria entre cenas)*... a não ser que haja sarilho, que é o que estou a ver! *(espreita)*...

I ACTO — I QUADRO — II CENA

Cenário anterior. Largo da Calçada. Ouve-se perto vozearia popular; o Compére (o Trinca-Espinhas) coloca-se em atitude de observador. Entra em cena um rapaz novo, não muito mal vestido, o cabelo em desalinho, boné na mão, e parece procurar refúgio pelos gestos em que denota vir fugido.

Voz (fora de cena)

— Agarra! Agarra! Agarra que é ladrão!

RAPAZ

(em atitude quase suplicante)

— Largue! Deixe-me! pelo Amor de Deus! Não sou ladrão!...

COMPÈRE

— Pois sim, mas espere. *(Para o Polícia que entra, esbaforido)*. Que é que há com este homem?

POLÍCIA

(agarrando o rapaz e com atitude agressiva)

— É ladrão! Roubou! Estás preso!

RAPAZ

(humilde)

— Sr. guarda: se roubar um pão para matar a fome é delito que valha a pena de prisão e a vergonha desta cena, melhor será então deixar morrer para aí nos cantos do entulho todos os desgraçados que não têm pão! Eu não roubei, sr. guarda!

POLÍCIA

— Chiu! Nem mais um pio! Gatuno! Anda o mundo à mercê desta nuvem de malandrins... *(Para o Compère)* Ainda quer dar leis, o maroto!...

COMPÈRE

— Mas, afinal, que roubou ele?

RAPAZ

— Eu nada roubei! Pedi...

POLÍCIA

— Caluda! Já te disse que não tens o direito de falar. Falarás na esquadra...

COMPÈRE

— Mas, afinal, que fez este homem?

POLÍCIA

— Que trabalhe. Olhe para o corpo. Braços fortes e as mãos... as mãos que as habitue ao trabalho honrado! *(Para o rapaz)* Vamos lá embora... e quietinho, heim?!...

RAPAZ

(em súplica)

— Sr. guarda! Poupe-me a esta vergonha!

POLÍCIA

— Quem te dá direito a falar?

RAPAZ

(levantando resolutamente a cabeça e fixando o olhar no Polícia)

— Direito a falar? A minha inocência!

COMPÈRE

(para o Polícia)

— Mas que fez este homem?

RAPAZ

— Pedi! Pedi... Não mo deram *(num choro)* Não mo quiseram dar! Eu não sei roubar! *(num soluço)* Eu não sei roubar!...

POLÍCIA

— Vamos lá de choradeira! *(Para o Trinca-Espinhas)* Ali, na Padaria, entrou e... zás! Pão para o bolso! Gatuno!

COMPÈRE

— Mas ele diz que pediu...

RAPAZ

(Numa convulsão)

— Pedi, pedi, sim! Eu não roubava se não tivesse fome!

POLÍCIA

— Caluda! *(para o Compère)* Agora faz teatro! Já os conheço... são sempre assim...

COMPÈRE

(Numa tentativa de persuação)

— Diabo! Mas se ele pediu... Compreende, Snr. Guarda, pedir... que diabo, pedir... é pedir. Deixe ir o homem em paz!

POLÍCIA

— Hom'essa! Então este não é ladrão?

RAPAZ

— Foi p'ra comer...

POLÍCIA

— Cala-te!

COMPÈRE

— Calar, não, Snr. Guarda. Estas coisas não se julgam assim pela violência. Deixe-o falar...

POLÍCIA

— Qual falar? Quem lhe dá direito a falar?

COMPÈRE

— A sua reabilitação! A sua vergonha! E quem sabe se a sua inocência?

POLÍCIA

— Filosofia, cavalheiro, filosofia...

COMPÈRE

— Um homem que roubou um pão por ter fome, não quer dizer que roube se a não tiver...

POLÍCIA

— Moralidades, cavalheiro, moralidades falsas...

COMPÈRE

— De moralidades falsas, Snr. Guarda...

POLÍCIA

(para o rapaz)

— Vamos embora. Cumpro o meu dever.

RAPAZ

— Senhor guarda: poupe aos meus filhos a vergonha de saberem que o pão que hoje lhes matou um pouco da sua fome foi um pão roubado pelo pai! O Snr. não tem coração!...

POLÍCIA

(não se deixando comover)

— Tenho! Mas ruído pelas ingratidões e maldade dos homens. Choram com esta cara de inocentes e no fim... no fim são sempre os mesmos patifes! *(e assoou ruidosamente o nariz).*

COMPÈRE

— A liberdade deste homem! A liberdade dum homem que pede com lágrimas a honra dos filhos! Haja faternidade nos corações dos homens. Snr. guarda...

POLÍCIA

— Não pode ser. Roubou! É ladrão e os ladrões castigam-se...

COMPÈRE

— Que roubou ele, afinal? Um pão! A quem? A um padeiro! Dê liberdade ao homem! Tanto roubo se comete por aí à luz do dia, sem que os ladrões sejam... ladrões! Na solenidade de uma casaca e na fidalguia de um chapéu de côco... Enfim, Snr. guarda, não queira tirar a liberdade a um homem que tem filhos a quem dar de comer. Pediu, não lho deram. Roubou... não se diz roubou a um homem, Snr. guarda, que pegou *(sublinha esta última palavra)* que pegou num pão para ir calar a boca aos filhos que choravam com fome! Olhe que um pai até pensa que ouve os filhos a chorar com fome, mesmo que se encontrem longe! É um grito permanente que lhe entontece o espírito, lhe entra no coração e lhe lacera a alma. E num momento, o desvario é certo, é cego e mouco. Pede, chora e... rouba! Rouba?...

POLÍCIA

— Mas este roubou!

COMPÈRE

— Como eu, como você, como toda a gente pode roubar em identicas circunstâncias. Roubou para sustentar vícios? Não! Roubou porque não quer trabalhar? Não! Roubou por instinto de roubar? Não!

RAPAZ

— Eu procuro trabalho...

POLÍCIA

— Mas roubou! É ladrão!

COMPÈRE

— A lei inexorável! Sempre o mesmo: é ladrão, é ladrão! *(Num lamento)*. É ladrão, sabe porquê? Porque é desgraçado. E toda a gente diz ao desgraçado: és um ladrão! O que ninguém diz é que roubou por ser pai e por ver os filhos com fome, e por ter fome também! É malandro, não quer trabalhar, porque é um desgraçado a quem a sociedade não dá o lugar que lhe compete no seio dos homens! Vai malandro, vai ladrão, vai vadio! E quase sempre isto é dito por aqueles que lhe negaram o trabalho e o pão! Snr. guarda: dê a liberdade ao homem que...

POLÍCIA

— Qual liberdade? Quem é que manda ao Snr. meter-se nos assuntos da autoridade? O homem vai preso porque roubou! (*para o rapaz*) Vamos lá embora...

RAPAZ

— Snr. guarda, deixe-me dizer-lhe...

POLÍCIA

— Não dizes nada! Na esquadra falarás... Já te disse que não tens o direito a falar.

COMPÈRE

— O direito que lhe quer negar é o próprio direito que a sua dignidade e a sua liberdade lhe assistem. O Sr. guarda é que lhe rouba indevidamente uma coisa sagrada a todo o homem: a liberdade da justificação pelos actos que comete.

POLÍCIA

(Num olhar arrogante ao Trinca-Espinhas e para o Rapaz)

— Anda depressinha, anda!. *(saem)*

COMPÈRE

— Roubou! Que roubou ele, afinal? Um pão a um padeiro! Onde está o ladrão? Oh! meu Deus! Onde estará o ladrão! Triste fado da vida é este. Fado que nunca mais acabará enquanto que a verdadeira fraternidade não inundar profundamente o coração humano. Fado, fado, que nunca acabarás mais! E por falar em fado, palavra de honra, ouvia agora um fadinho daqueles que entram na alma da gente. Ah! Fado, fado! Tu ainda compreendes bem a alma dos portugueses.!

(Entra a cantadeira, de chaile traçado tìpicamente. Ouvem-se guitarras entre cênas)

CANTADEIRA

I

O amor são dados
Na mesa a rolar
Num impulso forte,
E ao coração
Eles eles vão ditar
Qual a sua sorte.

E se essa jogada
Sair bem fadada
Na sorte e no jeito.
No teu coração
O amor então
Será bem perfeito

Mas aí! se a desgraça
Te houver destinado
P'ra vida do mal,
Não poderás fugir
Ao jogo marcado
No dado fatal!

Refrain:

Bis

Por isso é pedir
Sempre em nossas Orações
Que Deus faça dos corações
Pequenas Igrejas, lindos altares...
Onde a sorrir,
Viva o amor inocente,
Aquele amor muito ardente,
Que dá felicidade aos lares.

II

E outros destinos
O jôgo terá
Para o teu amor;
Mas no pano verde
O dado dirá
Qual o seu valor

Se for de amargura,
Se for de ventura
Mas sem ter pecado —
Dá-te por feliz
Que o Destino quis
Fosse abençoado.

Porque ai! se a desgraça
Te houvesse fadado
P'rá vida do mal,
Não podias fugir
Ao jogo marcado
No dado fatal.
E terias, tôda a vida,
A dôce ilusão delida
De nunca sêres,
Entre as mulheres,
Mulher perdida!

Refrain:

Por isso é pedir
Etc. Etc.

(Cantadeira sai)

COMPÈRE
(cantarolando)

— O amor são dados, lá ri lá ri lá... na mesa a rolar num impulso forte, lá ri, lá, ri, lá lá... e chamam a isto, descaradamente, a canção nacional, lá, ri, lá, lá...

I ACTO — II QUADRO — II CENA

Local: Um largo de Barcelos.

COMPÈRE *(Trinca-Espinhas)*

Ainda no final da cena anterior, cantarolando...

— O amor são dados, na mesa a rolar,

num impulso forte... *(Entra o Personagem, figura do velho Mestre-Escola, que vem à cidade. Traz guarda-chuva no braço e uma bengala).*

PERSONAGEM

(Com familiaridade)

Faz-me um favor, ó cavalheiro?

COMPÈRE

— Um favor faz-se a qualquer burro... *(gesto do Mestre-Escola)* Ora com que então diga lá, Sr. Mestre-Escola? Parece que vamos ter hoje grossa lição de caligrafia... sim, a julgar pela caneta... *(aponta a bengala).*

PERSONAGEM

— Pedia-lhe eu o favor de me indicar onde fica a Câmara Municipal?

COMPÈRE

— Então o senhor não sabe onde é a Câmara Municipal? Ora esta! Essa é de cabo de esquadra! Pelos vistos vocemecê não paga contribuições... senão já devia ter o caminho decorado...

PERSONAGEM

— Olhe, senhor... senhor... — pode dar-me a sua graça?

COMPÈRE

— A minha graça não tem graça nenhuma! Sou o Trinca-Espinhas, para o servir.

PERSONAGEM

— Pois acho bem engraçada essa graça. Sim, Sr. Trinca-Espinhas, ia dizer eu que pertenço cá ao concelho, mas como há muito tempo que não venho à cidade e encontro enormes transformações — espantosas mesmo! — receei que já não soubesse o caminho a tomar...

COMPÈRE
(atalhando)

— Pois o Senhor a respeito de tomar, não toma mesmo nada. Pelo menos que eu pague. Entendeu? *(gesto do Personagem)* Agora vou ensinar-lhe o caminho por onde deve trotar *(gesto do Personagem)* até às Câmaras. Olhe, repare vocemecê com os olhos todos abertos até ao fundo das orelhas: se quiser, vai mesmo por aqui até ao largo do Apoio. Para isso terá de passar por aquele muito antigo mictório histórico que está no largo do também histórico e antigo teatro cá do vulgo; desanda depois por aquela mesmíssima rua que era dantes a do Quartel e é hoje a do quart... teirão das casas demolidas há muitíssimo tempo e dando depois lá em baixo aquela voltinha p'rá sua canhota, estará nas Câmaras. Percebeu?

PERSONAGEM

— Sim, Senhor. E agradecido pela noticiazinha.

COMPÈRE

— Então o Senhor nem pela planta seria agora capaz de conhecer a nova cidade?

PERSONAGEM

— Olhe que realmente, não! Nem pela planta nem pelas sementes...

COMPÈRE

— Sementes o quê?

PERSONAGEM

— Nunca, não senhor.

COMPÈRE

— Nunca o quê?

PERSONAGEM

— Dizia eu na minha aquela que a respeito de plantar, nunca plantei nada...

COMPÈRE

— Não é de plantar, homenzinho. Falava-lhe da planta da cidade, do mapa, compreende

vocemecê? Quer vê-la? *(pega-lhe na bengala e dirige-se ao pano de fundo onde desceu um cenário com a planta da cidade de Barcelos)* Veja! *(apontando)*

Aqui tem vocemecê
Uma cidade moderna...
Parque, jardins, pensões
Hoteis e muita taberna!

Aqui, neste mesmo ponto,
Defronte ao campo da Feira,
Era onde havia dantes
O casarão da Bagoeira.

(Ao Personagem)

Isso agora não existe,
Embora nos deixe a cismar
Que um cheiro que lá havia
Inda ande por aí a passear...

(Apontando)

E seguindo esta linha
Que aqui vê em diagonal,
Vamos dar em dois segundos
Ao Estádio Municipal!

(Ao Personagem)

Por enquanto não vê nada...
Mas já cá está na Planta!
A não ser que isto seja
Um desabafo... Garganta!...

(Apontando)

E ao lado é onde acaba
(Por acaso de bom critério)
Aquela Avenida que vem
Da Estação ao Cemitério!...

É uma obra de vulto,
De grandes envergaduras.
Mas por enquanto só podem
Lá passar... cavalgaduras...

E seguindo a mesma rota
Por nos ficar mais à mão,
Vamos dar — aqui já nota! —
À nossa nova Estação!

É claro, por enquanto,
Só é nova aqui na Planta...
Mas pode ser que não seja
O tal desabafo... garganta!

Metendo nestas ruélas
— Caminhos um tanto tortos —
Vamos ter ao Dispensário,
À Escola e à... feira dos porcos.

Temos aqui outra artéria
Que é grande como se prova,
Pois nasce nesta Avenida
E morre à Cidade Nova...

PERSONAGEM

— Então ela vai morrer?

— Não Snr. porque morreu ao nascer...

(Apontando)

Veja aqui o nosso Parque!
O novo Parque da cidade!
Também era de justiça
Haver por cá comodidade!

Parque infantil... lagos..
Espelho d'água... luzes...
E olhe lá o corêto
Pr'ra Banda tocar nas «cruzes»...

Temos o «Jardim das Obras»
Onde há «obra» às colheres;
Apesar de não faltar...
... para homens e mulheres!...

Se descermos por aqui,
Encostadinhos à banda,
Vamos respirar ar puro
Na Alameda Miguel Miranda!

Depois de chegar ao fundo,
À Praia artificial,
É onde temos — um luxo! —
O Retiro do Pecegal!

E esta linha direita
Que vai por aqui a fio,
Representa a Avenida
Que se fez à beira-rio...

PERSONAGEM

— Mas eu não vejo nada!...

COMPÈRE

— Pois claro que nem você nem ninguém vê lá nada!...

(Apontando)

Aqui fica um Miradouro
De se tirar a cartola!...
Para a gente ver o rio,
Deitou-se abaixo a Escola!

Porém a ideia é boa
E nada tem de rídicula,
Pois assim podemos ver
Os rapazes da Escola-Agrícola...

Repare nestas construções
Retiradas da cidade...
Sabe o que é? — É o Eirôgo —
Em grandiosa actividade!

Termas de grande valor,
De fama e de boas notas
Mas quem quizer ir pr'a lá
Tem que ir de casa às costas!

Estes pontos de várias cores
Que dão à terra vivacidade,
São as cabines telefónicas
Espalhadas pela cidade!...

(Ao Personagem)

E como vê, muito progresso
Ampliou esta Planta:
Avenidas, Parques, muita coisa
Que não passou de... garganta!

(Cortina)

II ACTO — I QUADRO — III CENA

— «*A Pátria!*»

(Na cena está uma casa em construção e é circundada pela vedação típica de madeira quase coberta com cartazes publicitários.

Há operários nos andaimes a trabalhar, e ouve-se o ruído das ferramentas).

TIO BENTO

— Vamos embora, rapazes! Está quase o dia a findar e a obra no mesmo sítio...

UM TRABALHADOR

(Que fala pausadamente, sem desviar os olhos do trabalho)

— Depressa e bem, há pouco quem!...

CAIADOR

(Para baixo)

— Traz água, rapaz!... Estás aqui estás a beber com um tijolo na pinha! Ai, estás, estás!...

TIO BENTO

(A colocar tijolos)

— É preciso aproveitarmos este tempo seco, porque em pegando a chover...

UM TRABALHADOR

— Fevereiro quente, traz o diabo no ventre!

CAIADOR

— Isto vai, tio Bento! Tempo ao tempo, tio Bento, que diabo! Isto não é sangria desatada...

COMPÈRE

(Que entra)

— Eh! camaradas! Isso é que tem sido dar-lhe, sim, senhores! Ainda há um mês a obra estava como está hoje, e já hoje está como estava há um mês! Raio! A coisa por esse caminho acaba por não acabar, ou começa por começar quando já devia estar a acabar!...

TIO BENTO

— O trabalho é assim, sôr Trinca-Espinhas! Tudo cresce na ordem do trabalho que se faz. Também vocemecê está como parece que estava há um ano, e no entanto a mioleira já não está segura como estava! Isto é o trabalho. E onde está o trabalho está o progresso...

UM TRABALHADOR

— «Honra sem proveito, faz mal ao peito».

COMPÈRE

— Sim, tio Bento. Vocemecê também é filósofo. Já se vê que o trabalho é o trabalho. Ele é fonte de alegria e de riqueza!

CAIADOR

— Moço! Então essa água? Ai bebes, bebes...

TIO BENTO

(Para o Compère)

— Vocemecê, sôr Trinca-Espinhas, é que está como quer! Boa vida, boa cama e da melhor mesa, heim?!

CAIADOR

— Nasceu num fòlinho, o sôr Trinca-Espinhas...

COMPÈRE

— Também já trabalhei muito e muito lutei pela vida, rapazes.

TIO BENTO

— Lutou até conseguir o emprego que tem agora, não foi assim? Não há nada que chegue ao emprego de marido de professora...

UM TRABALHADOR

— «Debaixo dos pés se arranjam os trabalhos»...

CAIADOR

— Então o trabalhar é estar sentado no café?

COMPÈRE

— Cala-te lá, ó Zé Mula! É melhor estar no café a ler o jornal que ir para a tasca beber em vinho o pão dos filhos...

UM TRABALHADOR

— «Apanha com o cajado, quem se mete onde não é chamado»...

COMPÈRE

— Então eu não dou ao trabalho a minha cota-parte?

TIO BENTO

— Eu não me lembra de o ter visto trabalhar, sôr Trinca-Espinhas... Que faz agora?

CAIADOR

— O que fez sempre: nada!

COMPÈRE

— Agora? Agora, vejo trabalhar! Ou vocês julgam que isto duma pessoa vir até cá para estimular o vosso trabalho, com a presença de quem sabe dar valor ao trabalho, não é trabalho? É, sim, senhores, é trabalho!

UM TRABALHADOR

— «Bem faz o mandrião, que manda trabalhar o patrão!»...

TIO BENTO

— Pois a gente dispensa bem esse seu trabalho. Ajudas dessas, t'arrenego!

CAIADOR

— Ó moço! Essa água? Raios me partam se não buberes hoje pela medida grande! Ó raio de rapaz! Há que rôr de tempo te peço água? Ai bebes, bebes!...

UMA VOZ

— Já vai «ti Zé Mula», já vai...

COMPÈRE
(para um trabalhador)

— Vocemecê é que não diz mais que esses estribilhos populares...

UM TRABALHADOR

— «Se neste mundo queres gozar, é ver, ouvir e calar»...

TIO BENTO
(para baixo)

— Traz tijolos, rapaz!

UMA VOZ

— Já estão a ir, Tio Bento...

COMPÈRE

— Quando acaba a casa, Tio Bento?

UM TRABALHADOR

— Quem pergunta, quer comprar»...

TIO BENTO

— Isto agora é mais dia, menos dia...

COMPÈRE

— Mais ano, menos ano, não é Tio Bento?

TIO BENTO

— O sôr Trinca-Espinhos o que quer é cantiga!

UM TRABALHADOR

— «Quem canta, seu mal espanta»...

CAIADOR
(para baixo)

— Ai vais beber, vais, môço!

COMPÈRE

— Novidades, Tio Bento?

UM TRABALHADOR

— «Novidades, são casamentos»...

TIO BENTO

— A respeito de notícias novas, quem as pode dar é vocemecê, que anda por aí a ouvi-las...

UM RAPAZ

(que aparece subindo pela escada com um carregamento de tijolos)

— Aqui tem tijolos, tio Bento. *(coloca-os no andaime)* Agora vou-me à água, «ti Zé»...

CAIADOR

— Patife! Já cá devia estar há muito! Tu vais ver se não bebes hoje! Ai bebes, bebes...

RAPAZ

— Olha p'ra ele, Tio Bento! Então o «maneta» ainda não veio do recado, e eu hei-de fazer tudo? Isto não é máquina, «Ti Zé», isto não é máquina *(desaparece a descer a escada)*.

COMPÈRE

— Novidades, novidades, não sei; mas... é como o outro que diz...

UM TRABALHADOR

— «Boa fama granjeia, quem não diz mal da vida alheia»...

TIO BENTO

— Olha que com isso acertaste, ó «Ceboleiro»!

COMPÈRE

— Vai um cigarro ou quê, Tio Bento?

TIO BENTO

— Não há-de ir porquê? Venha ele!

CAIADOR

— E cá p'ro rapaz, sôr Trinca-Espinhas?

UM TRABALHADOR

— «Da borôa do teu compadre, grande fatia p'ró meu afilhado»...

COMPÈRE
(distribuindo cigarros)

— Cá vai uma cigarrada, rapazes. E para ti também, ó dos ditados! *(procura fósforos que não encontra)* E lumes? Diabo, que não tenho lumes!

CAIADOR

— Eu só compro lumes ao Domingo.

TIO BENTO

— É p'ra alumiares o caminho da casa, à noite, quando levas a piéla do costume...

UM TRABALHADOR

— «Ora bebe p'ra matar a sêde!»...

COMPÈRE

— Tem lumes, Tio Bento?

TIO BENTO

— Não gasto. *(para baixo)* Ó João! João! Anda cá rapaz p'ra ires à tasca. *(para o Compère)* O moço vai à loja mercá-los.

UMA VOZ

— Já vou Tio Bento.

CAIADOR

— Anda, que agora é que vais beber! Está a ver Tio Bento? Há uma hora a pedir água, e nada de água?! Mas raios me partam se não beberes! Ai bebes, bebes...

COMPÈRE
(para o Caiador)

— Então quando te casas, ó Zé Mula?

CAIADOR

— Casar? Quem as tiver...

UM TRABALHADOR

— «Da laranja e da mulher, o que ela der»...

COMPÈRE
(para um trabalhador)

— Você é um autêntico Almanaque, ó sôr Ceboleiro! Feche o raio do livro, homem!

UM TRABALHADOR

— «Cada um é que sabe onde lhe aperta o sapato»...

COMPÈRE

— Feche aquele Almanaque, Tio Bento!

TIO BENTO
(para baixo)

— ó raio de rapaz! Então vens ou quê?...

UMA VOZ

— Tio Bento?

TIO BENTO

— Vai à loja e traz uma caixa de fósforos. Olha que é dos Pátria, ouviste? Pátria!

UMA VOZ

— Pátria? A Pátria?!

TIO BENTO

— Sim, moço, Pátria.

COMPÈRE

— Qualquer marca, Tio Bento. Tudo são lumes.

TIO BENTO

— Estes ardem melhor. Teem mais lume, mais chama.

COMPÈRE

— Ora bolas! Mais chama! Olhe, tio Bento, quem precisa de mais lume é ali o Almanaque...

UM TRABALHADOR

— «Deus dá a barba a uns, e a vergonha a outros».

COMPÈRE

— Está a ver, ó Tio Bento? Lá continua o seringador. Ó Ceboleiro! — dá saudades à tia e à prima e recomenda-me à sopeira...

(Começa a ouvir-se ao longe o rufar de tambores e o som de clarins. Os operários voltam-se para o lado donde vem o som e todos se mostram curiosos)

CAIADOR

— Temos tropa...

TIO BENTO

— É uma força. Será festa?

(o som aproxima-se)

COMPÈRE
(que tem subido a um escadote para olhar o que se passa)

— Hum!... Isto é novidade!... Tropa por aqui hoje?!...

TIO BENTO
(olhando para baixo)

— O raio do rapaz vem esbaforido! Eh! João? Que é isso?

RAPAZ

(no cimo da escada, de boina na mão, com entusiasmo)

— Eh! Tio Bento! Eh! Rapazes! Cá vem a Pátria! Cá está a nossa Pátria!

(Por entre o tapamento começam a surgir as baionetas das espingardas e entre elas a Bandeira Nacional. O ruído dos tambores é agora nítido e os clarins tocam a Marcha de Continências)

TIO BENTO

(Descobrindo-se, assim como todos)

— Oh! Rapaz! Eu mandei-te buscar fósforos Pátria. Tu trouxeste a nossa Pátria, o nosso Portugal, a terra de todos nós! Rapazes! Vai a passar Portugal! O Gigante das conquistas, o Herói das Caravelas, a Pátria muito amada, do céu azul e do sol brilhante! Rapazes! É a Pátria que passa! Saudêmo-la com todo o respeito e gritemos todos: Viva Portugal!

(O Compère tinha saído para ver o desfile do lado da casa, por onde se veem as baionetas a passar.

(Cortina rápida)

UMA TRAGÉDIA

(Em um prólogo e um acto abominável)

PRÓLOGO

Todos os personagens sentados. São perto de 45. Um está deitado. Não fala, não ouve, não compartilha da alegria geral; está morto. Um outro (dos sentados) conta anedotas muito estúpidas e até muito obscenas. Há 20 que se riem; 21 que não riem; 2 que falam entre si; aquele que prefaz a conta dos 45, já sabemos que não faz coisíssima nenhuma. De repente ouve-se uma valentíssima bofetada!

Foi o caso que um dos dois que falavam entre si (sexos diferentes) e que era o rapaz, também queria fazer qualquer coisa e como não sabia o que havia de ser, fez mesmo. A rapariga entendeu que não devia deixar que ele fizesse, e vai daí manda-lhe semelhante «bilhete-postal» que o rapaz deixou mesmo de fazer! As anedotas pararam e os olhares todos voltaram-se para o local onde se desenrolava a tragédia. O único que

continuou impassível e a não ligar mesmo nada ao acontecimento, foi o da posição horizontal.

Acaba aqui o Prólogo. Não há cortina, não há pano de boca, não há intervalo, não há nada. Tudo na mesma. Quem quiser fumar, não fume.

Acto único — Cena única (e chega)

Personagens:

Ele — o da conversa—tipo nova-vaga.

Ela — a da chapada—tipo escafandro.

ELE

(Levantando-se)

— Levaste agora esta e ainda levarás mais quando casarmos.

ELA

(Toda apalermada, como convém para o seu tipo)

— Não querem lá ver o tipo, heim? Então não sou eu quem lhe ferra uma lamparina nestas ventas e por cima julga que a deu? Ah! Ah! Deixem-me rir!

ELE

(desenrugando o casaco)

— E ficas ainda a saber outra coisa: — Só voltarás a repetir essa proeza quando eu estiver como aquele! *(e aponta, tràgicamente o morto)*; Todos ficam petrificados. Ela fica mais escafrandizada que nunca. O morto continua irremediàvelmente morto).

O pano cai aflitíssimo.

APOTEOSE FINAL
DA REVISTA «VAI DE RIJO!»

(Levada à cena)

Música da Opereta «Nazaré»

Belo Faial,
CÔRO — *Belo Faial*
És um jardim
CÔRO — *És um jardim.*
Que a natureza
Te fez assim
De graça e beleza!
Belo Faial,
CÔRO — *Belo Faial,*
Tu és um ninho,
Sedutor,
Feito de arminho.
CÔRO — *Feito de arminho*
Com terno amor!
E todo ufano,
CÔRO — *E todo ufano*
De lés a lés,
De belo que és,
O oceano
CÔRO — *O oceano*
Te beija os pés!

(repete)

RECORTE TEATRAL

(DA REVISTA «PIADA À VISTA!...)

(Que não foi à cena)

II ACTO — III CENA

(O pano de fundo representa algumas figuras conhecidas da política internacional, equipadas de desportistas, tentando disputar uma bola representada pelo globo)

COMPÈRE (*Zé Banana*)

...Sim, porque a gente nem sempre vai em futebois!... E demais a mais vocemecê deve ver que isso é um jogo onde se dá e se recebe muito coice, com licença de vossoria que, pelos modos, também já deve ter apanhado alguns...

PERSONAGEM

...É que eu só gosto de ver!

COMPÈRE

— Pois eu cá só gosto de ouvir... mas só de vez em quando. Isto da gente estar a ouvir falar da bola é coisa que dá cabo da bola... (olhando para trás, com intenção) Olhe, olhe... aí tem vocemecê o compadre. Com ele é que pode discutir essa coisada da bola, porque eu de bolas, estou como o outro que diz: ora bolas!

JOGADOR

(que entra equipado de futebolista com equipa às riscas verdes-vermelhas e calção amarelo. Tem uma bola de futebol parecida com o globo)

— Pelos vistos falavam de mim...

COMPÈRE

— Não, senhor. Falávamos da sua bola.

PERSONAGEM

(para o jogador)

— Quer-me parecer que o senhor é o tal que...

COMPÈRE

(interrompendo)

— Claro que é ele! Nem há porque duvidar. Basta olhar para a cor... para o tipo... etc.

JOGADOR

— Mas eu sou quem?

PERSONAGEM

— Sim, vocemecê é o...

COMPÈRE

— Pois claro que vocemecê é êle! E cá o nosso amigo quer que lhe explique essa dos futebóis da bola...

JOGADOR

— Ah! o jogo?!

COMPÈRE

— Isso, isso. O jogo!

JOGADOR

— Sabe, eu tenho tido variadíssimas partidas. Tenho feito cada partida de raio! Até ando mesmo admirado como é que ainda não parti! Já me andaram a preparar o jogo de despedida... mas têm-no adiado de época para época, à espera de melhor época... Sabe, o meu público gosta de me ver jogar! Gosta de me ver no campo...

PERSONAGEM

— Pois claro! Vocemecê é o heroi... o... enfim...

COMPÈRE

— Cá o nosso compadre quer dizer que vocemecê é o... sem fim!

JOGADOR

— Às vezes, sabem, tenho saudades do meu primeiro jogo, do meu primeiro encontro!

COMPÈRE

— Esse é que eu gostava de o ver!

PERSONAGEM

— Eu tenho ouvido várias vezes dizer...

COMPÈRE

— Caladinho, heim?! Vocemecê, de jogo, à beira deste internacional, só percebe do jogo do pau!

PERSONAGEM
(Com dignidade)

— Perdão! Eu sei disto!

JOGADOR

— Cuidado, amigos. Este jogo tem que se lhe diga! É claro que nem toda a gente mo percebe. Eu jogo-o duma maneira muito especial, de modo a que a assistência mo perceba...

COMPÈRE

— Então vocemecê só faz para a assistência?...

JOGADOR

— Não, senhor. Eu faço para toda a gente. O meu jogo é percebido por toda a gente, queria eu dizer... Não há rodeios... não há truques... e olhe que quando entrei pela primeira vez em campo, aquilo era uma autêntica revolução! Tudo mandava, minha gente, e não mandava ninguém! Fui preparando o meu jogo, enquanto a polícia serenava os ânimos cá por fora. A equipa não estava lá o que se diga um mimo, mas fui-a treinando aos poucos e no entretanto eu ia jogando em vários lugares até preparar os jogadores para eles. E não queiram saber o jogão que aquilo foi!

COMPÈRE

— E ganhou?

JOGADOR

— Pois claro! Jogamos muitíssimo bem. Jogamos muito mais que o adversário. Comecei então a treinar o grupo para o jogo internacional...

PERSONAGEM

— E quem ganhou?

JOGADOR

— Por enquanto... ganhamos nós. Mas a coisa anda duvidosa, porque a Secretaria ainda não decidiu do recurso...

COMPÈRE

— Mas o jogo já acabou!

JOGADOR

— Acabou, no campo. Mas a gente anda com receio que a partida se venha a repetir...

PERSONAGEM

— O que admira é o senhor estar assim tão limpinho, tão asseado e sem ferimentos, depois de jogo tão duro!

JOGADOR

— Mas é que eu não joguei! Estive a suplente. Quase que entrava, mas, enfim, não chegou a ser preciso. Mas olhe que tive de estar com uma atenção doida! Foi uma partida grossa!

COMPÈRE

— Eu faço ideia, faço ideia... Nós todos fazemos ideia!...

PERSONAGEM

— E que tal se comportou a assistência?

JOGADOR

— Ora, a assistência!

COMPÈRE

— Nós fazemos ideia!...

JOGADOR

— Aquilo era uma gritaria dos demónios!...

COMPÈRE

— Nós fazemos ideia!...

JOGADOR

— Só visto! Aquilo só visto!

COMPÈRE

— Nós todos fazemos uma ideia!...

JOGADOR

— Andava lá um jogador — dos contrários — de cabelo russo — aquilo é que fez um jogão! Muito gostava dele a assistência!

PERSONAGEM

— Estamos a fazer uma ideia!...

JOGADOR

— Toda a assistência não queiram lá saber! — toda a assistência o aplaudia! «Ó russo! atira-te! Mete-te! Chuta! Passa!»... E ele, era o passas! Andava lá também um outro — o loiro! — que não atinava lá muito bem com o jogo do russo... Mas mesmo assim, foi uma grande partida, sim, senhores! O loiro fazia jogo de toda a forma: era por cima, era por baixo, era por todos os lados!... Acrobata, não haja dúvida! Por cima, sobretudo, era de um artista! Jogo alto, pelo alto é que era o seu forte! Não lhe passava nada!...

PERSONAGEM

— E vocemecê a ver!

JOGADOR

— Eu a ver, sim, senhor. E a assistência sempre: «Eh! lá, ó do charuto!» — o do charuto também era um jogador de alto lá com o charuto! — «Eh! charuto! Dá-lhes das tuas! Atira! Esmaga!» E ele...

COMPÈRE

— E ele?

JOGADOR

— E ele, esmagava! Mas era com calma, muita calma! Se magoava — era logo uma mesura! Eram tudo mesuras... mas esmagava! Ora se não!

COMPÈRE

— A gente faz uma ideia!...

PERSONAGEM

— E agora, onde vai o senhor?

JOGADOR

— Ao treino. Treino todos os dias.

COMPÈRE

— Mas p'ra que raio serve agora o treino?

JOGADOR

— Temos de estar preparados. Se vem outro jogo? Não se pode estar desprevenidos...

PERSONAGEM

— Pois acho bem. Muito treino é que é preciso!

JOGADOR

— Não tenha dúvidas. Isto lá por estar em estado de novo, nunca fiando, sabe? Nunca fiando...

COMPÈRE

— Todas as camisolas são assim?

JOGADOR

— Mais ou menos iguais. De vez em quando pensam em pôr-lhes mais uma lista, mas a gente tem ganho sempre com a mesma lista — a única! — e já agora... E vou-me. Já lá devo estar a fazer falta, porque quando eu lá não estou...

COMPÈRE

— Que é que acontece?

JOGADOR
(A sair)

— Nunca se sabe! Nunca se sabe!...

(Sai)

II ACTO — III CENA

Entra a Miss Barcelos, vestida segundo o estudo

MISS
(para o Compère que não a espera)

— Quem sois, cidadão?...

COMPÈRE
(Bastante atrapalhado, de chapéu na mão)

— Eu... eu sou o «Trinca-Espinhas», filho da grande Pátria dos portugueses, maior, revacinado e Graças a Deus, solteiro.

MISS

— Ainda bem que sois solteiro...

COMPÈRE

— Pois quem é que vai nisso com estes tempos que correm?...

MISS

— Pensais bem. Não me conheceis?

COMPÈRE

— Ainda não, ainda não...

MISS

— Eu sou a «Miss Barcelos», a Rainha do Cávado, meu marido.

COMPÈRE
(num desalento)

— Ah! Sois casada...

MISS

— Sim, sou casada, mas pela Mitologia.

COMPÈRE
(mais animado)

— Ah! Não casaste ainda pela Igreja nem pelo Registo? Vou dizer ao Dr. Gonçalo...

MISS

— Tu não sabes o que isto quer dizer. Casada pela Mitologia é mais uma Lenda, ou por outra, uma simples praxe...

COMPÈRE

(correndo para a Miss e procurando segurar-lhe as mãos)

— Eu também sou da praxe, Miss... Case comigo que sou da praxe...

MISS

(fugindo ao afago)

— Bem vejo que não passas dum bruto.

COMPÈRE

— Pois mesmo para não ser bruto é que eu quero ir na praxe...

MISS

— Não sejas tôlo. Eu, muito embora te pareça uma mulher, não o sou. Represento o símbolo duma terra e dum povo. Eu sou a cidade, sou Barcelos, sou as suas ruas, as suas belezas, as suas alegrias e as suas tristezas. Sou a cidade...

COMPÈRE

— És o quê?! Um símbolo? Pois serve-me mesmo o símbolo. *(tenta de novo agarrar-lhe as mãos)*

MISS

(fugindo novamente)

— Escuta, espírito rude. Eu venho apenas mostrar-te um pouco das minhas grandezas de outrora que guardo no meu seio.

COMPÈRE

(àparte)

— Ai! Vai mostrar-me o seio!...

MISS

— Grandezas disse eu, mas mais que grandezas, são as Glórias que me engrandeceram, pequenina terra que sou, e que me encheram de dignidade. Recordar o que foi bom é sentir o passado que se viveu e revive-lo novamente com o mesmo entusiasmo. Trazer a Memória dos que já foram, à memória dos que ainda por cá andam é dever duma mãe que se orgulha dos seus filhos e que não os esquece nunca. Vou recordar-te uma vida, um corpo do meu corpo. Ainda estou a ve-lo, agora como há anos, quando as minhas ruas se encheram de flores para celebrar as Bodas de oiro da sua Obra, ou como quando elas se encheram de lágrimas para vê-lo passar a caminho da eternidade.

(em declamação-

Homem bom de Barcelos, dos nossos dias! Arrebatado pela fogueira da vida, Ele deixou entre nós uma Obra que nenhum fogo destruirá. Com um punhado de rapazes valentes, criados à sua inteligente maneira de construir esteios de defesa à Humanidade, quantas vidas, quantos haveres e quantas situações difíceis. Ele arrancou à Parca, sem que no seu peito outro orgulho bastasse a engrandecê-lo senão o da satisfação própria de quem pratica o Bem. Para Ele, as fúrias dos elementos nada eram. Noites de tempestade ou noites calmas de Estio; manhãs de nevoeiro ou cheias de sol, tardes de chuva ou de calor, tudo para Ele era a mesma coisa desde que um sino chamasse ao perigo ou algum grito apavorante clamasse socorro. As chamas para Ele eram sempre chamas; ou roessem o rico palacete ou o tegúrio do pobre, Ele lá estava, e com Ele, fieis, cumpridores, submissos, os seus valentes, aqueles valentes que vemos todos os dias cruzarem as minhas ruas, em busca do perigo, em demanda da salvação dos semelhantes! Ele lá estava, olhos postos na tragédia, atento, vigilante! As labaredas saiam em línguas pelas janelas, uma vida ía ser pasto do monstro! Um salto, um olhar seguro, um gesto apenas e o lume já não queimava aquela vida.

Como podes tu ter morrido, se sempre que os sinos chamam os teus Homens, se sempre

que um carro de Bombeiros passa, o teu nome vai com eles e fica connosco?!

Como podes tu ter morrido se o teu nome passa com eles e passa sempre que uma farda de Paz cruza o nosso olhar?!

O teu nome é nosso, como nossa é a tua Obra e como nosso ficou para sempre naquela Casa, para todo o sempre, o teu Valor, o teu Espírito e a tua Raça!

Soldado de Paz entre a ruina do fogo, tu és o Fogo que ilumina os soldados de Paz da tua Terra! Um grito, um alarme, um incêndio e lá estás tu Comandante Esteves!

Corre a cortina. Uma luz vermelha ilumina um busto do Comandante Esteves, emoldurado por escadas de gancho, de lanço, mangueiras, machados e um capaeete de Bombeiro.

De quando em quando uma ligeira nuvem de fumo envolve este conjunto que os focos vermelhos dão um aspecto afogueado. O fundo é muito iluminado, predominando a luz vermelha. Durante a declamação, a orquestra executa o Hino dos Bombeiros de Barcelos.

Ao fundo, uma casa em chamas. A cena é atravessada por Bombeiros que passam rápidos.

HOMENAGENS

(Corre a cortina)

MISS

(depois da cortina correr)

— Ainda não ficam por aqui os meus filhos ilustres. Muitos há ainda que por mim

tanto lutaram e o meu povo parece querer esquecê-los. Eu não os olvido, porque no meu peito não morrerá nunca aquele afecto profundo que dedico aos que me são fiéis, a todos que me engrandeceram.

Há quanto tempo lá vão as minhas festas de gala, aquelas Festas das Cruzes que até mim traziam, vindos de todos os lados, milhares, milhares de forasteiros. Toda eu engrinaldada, atraente, os copinhos a tremularem cheios de luz que as alvoradas viam morrer, aquelas Feiras imponentes e francas que me davam a vida alegre dos trajes garridos, aquele alarido da multidão que assistia entusiasmada às grandiosas Paradas Agrícolas onde o meu concelho desafiava todas as terras do País que não conseguiam igualar-me! Onde tudo isso já vai! Quem era o braço? Quem era a força? Quem era a alma? Aquele que roubava vidas à morte, aquele que aos pobres levava o remédio e a cura, aquele que por Barcelos lutou até ao último dia: o Dr. Miguel Fonseca!

Depois, vamos ouvir esses desgraçados que a Justiça chamava a contas, por pecados que muitas vezes a fome levava a cometer; vamos ouvir essas centenas de pobre famintos, de faces maceradas pela fome e pela doença e com pedaços de corpo a espreitarem pelas fendas da roupa esfarrapada; vamos ouvir essas famílias que a vergonha retinha em casa nas agruras da fome; quem era essa Providência dos desgraçados arrancados por ele aos

ferros da prisão, reconduzidos ao trabalho e à família? Quem era essa Providência dos pobres esfarrapados a quem a sua Bondade cobria e matava a fome? Quem era a Providência dessas famílias encarceradas pela vergonha? Quem era? Um Amigo da sua terra; historiador das minhas antiguidades: Amigo da Franqueira e do Castelo; Barcelense que eu chorei saudosa da sua vida, da sua mão sempre aberta, do seu coração generoso e espírito de bem-fazer: Dr. Teotónio da Fonseca!

Recordo também um meu filho adoptivo que tanto orgulho e vaidade me deu por se considerar meu filho e por mim fazer o que um verdadeiro filho faz por sua mãe.

Tendo exercido os mais altos cargos políticos neste distrito, levando o meu nome suspenso das suas obras sempre relevantes, fazendo de mim uma terra de crescente progresso, essa obra fica obscurecida, no entanto, pela de filantropia com que encheu tantas vezes de sol as casas mais humildes dos humildes. Era médico e como médico ele tão orgulhoso se sentia ao subir as opolentas escadarias dos ricos de onde saía com os seus honorários do trabalho, como quando descia à choupana fétida e húmida do pobre trabalhador,

onde ainda deixava aquelas moedas que trouxera do palacete rico!

Alma generosa e pura! Chamemo-lhes barcelense e dêmo-nos por felizes e orgulhosos ao chamar barcelense a um Homem que foi em vida o

Dr. Matos Graça!

(Corre a cortina e, a meia cena, estão terês medalhões, emoldurados pela bandeira de Barcelos, dos homenageados).

APOTEóSE FINAL

A cena representa um monte onde abundam os pinheiros.

O Alcaide de Faria é prisioneiro dos inimigos, que o rodeiam armados de lanças. O seu trajo é dos guerreiros daquele tempo.

UM GUERREIRO

(para o Alcaide e em tom autoritário)

— É por aqui o caminho para o vosso Castelo?

ALCAIDE

— Estamos quasi chegados, senhores!

UM GUERREIRO

— Não nos enganeis, heim? A vossa vida responderá pelos acontecimentos. A vossa liberdade e um pôsto de grandeza, será o prémio que vos dará o grande Rei de Castela pelo vosso feito nobre, honrado e leal.

ALCAIDE

— Eu falei uma vez só! Em chegados ao Castelo, que está sendo guardado por meu filho, uma ordem minha vos deporá nas mãos essas muralhas. Em breve seremos com ele.

GUERREIRO

— E se ele se recusar às vossas ordens?

ALCAIDE

— Um filho de Nuno Gonçalves e um servo de El-Rei D. Fernando não desobedece nunca às ordens do velho Alcaide!

GUERREIRO
(com riso)

El-Rei D. Fernando... Aqui não há Fernandos a reinar. O, dentro em breve, Senhor deste bocado de terra, será o teu e meu Senhor El-Rei de Hespanha!

ALCAIDE

— E não estareis enganado?...

GUERREIRO

— Qual enganado? E praza a Deus que tal não aconteça, pois com a victória de Castela sereis também um grande...

ALCAIDE

— Se mesmo nesta hora em que me acho acorrentado à vossa ordem, me fôsse dado escolher posição e terra, eu responderia em brados altos e peito alegre: Antes ser pobre e servo de El-Rei de Portugal que grande e rico fidalgo do Rei de Castela!

UM GUERREIRO

— Fora que é asmo! Vai-nos trair, esse cão! Uma corda p'ra esse miserável!

GUERREIRO

— Silêncio! *(para o Alcaide)* Diz aos meus homens que és honrado e fiel. Dize-lhes que o Alcaide de Faria não trai ninguém, nem mesmo os que julga seus inimigos.

ALCAIDE

— A minha resposta será em breve, junto aos muros do velho Castelo, onde ouvireis as ordens que darei ao meu filho. Ali me julgareis...

GUERREIRO
(para os seus homens)

— Vêde. Apreciai a honestidade deste homem que será amanhã o vosso chefe. Ali ainda corre sangue hespanhol...

ALCAIDE

— Se tal acontecesse seria vosso o Castelo antes de lá chegarmos... mas como o meu sangue é sòmente portuguez, urge, que para vos ser entregue o Castelo, lá tenha que chegar convosco.

GUERREIRO

— Não compreendo a vossa vaidade no sangue, Alcaide...

ALCAIDE

— Nem há necessidade de a compreenderdes *(apontando o caminho)* Seguimos?...

GUERREIRO

— Sim. Avante! A caminho da victória!

ALCAIDE

(riso de triunfo)

— Sim. Avante! A caminho da liberdade!...

(põem-se em marcha, monte acima)

A cêna do fundo representa o Castelo de Faria, no seu aspecto primitivo, e nas suas ameias vêem-se soldados de sentinela, armados de lanças. À proximação do grupo que conduz o Alcaide uma das sentinelas faz o «brado às armas» e logo as ameias se enchem de soldados.

(Chega o grupo junto das muralhas)

GUERREIRO

— É este o vosso Castelo?

ALCAIDE

— É este o meu Castelo, o Castelo de El-Rei D. Fernando de Portugal!

GUERREIRO

— Manda então que as portas nos sejam abertas.

ALCAIDE

— De vagar, senhor, mais devagar. Para se entrar nos Castelos de Portugal, não basta só que as portas nos sejam abertas; é preciso saber abri-las...

GUERREIRO

— Pois quê?!... Acaso a tua ordem não nos abrirá este Castelo?

ALCAIDE

— Vou mandar chamar meu filho.

UM GUERREIRO

— Pois isso que seja breve, que estamos cansados e queremos descansar...

ALCAIDE

— Descansareis, descansareis à sombra destas pedras que são padrão de lealdade e de Fé. Castelo da minha guarda! Quando o inimigo ousar dormir na paz da tua sombra e outra Bandeira se erga nesse mastro que não seja a de Portugal, praza a Deus que as tuas pedras caiam umas sobre as outras e que de ti só reste para todo o sempre um montão de ruínas!

GUERREIRO

— Que querem dizer as tuas palavras?

ALCAIDE

— Estas palavras, são palavras dum velho Alcaide do Castelo de Faria!

GUERREIRO

E a ordem? Sabes que morrerás se acaso nos traires?

ALCAIDE

— Não trairei *(para um soldado de sentinela ao Castelo)* Eh! lá! soldado de D. Fernando! Sabeis quem sou? Pois dizei a meu filho que lhe quero falar!

(Surge a uma janela o filho do Alcaide)

FILHO

— Meu pai! Vós, acorrentado pelo inimigo! Eu vou ordenar aos nossos homens que saiam a defendê-lo!...

ALCAIDE

— Tal não é preciso. Sabes de quem é esse Castelo à tua guarda?...

FILHO

— Sei, sim, meu Pai! É de Nosso Senhor D. Fernando, Rei de Portugal!

ALCAIDE

— Pois se sabes, cumpre o teu dever! Maldito sejas tu no inferno e todos os teus, se os que entrarem nesse Castelo, não o fizerem sem primeiro passarem por cima do teu cadáver!

GUERREIRO

— Traição! Traição! Morra!

(todos ao mesmo tempo)

TODOS

— Traição! Morra! Morra

(O Alcaide é varado por lanças; ao cair, ainda brada:)

ALCAIDE

— Filho! Defende-te! Defende-te Alcaide!

(Cai o Pano)

Versalhada

O MINHO

(maus versos)

Eu sou das terras do Minho,
Desse Minho sem rival;
A ele os Poetas chamam
O Jardim de Portugal!

Eu sou das terras do Minho,
Onde o Sol, em oiro, brilha;
Dele a Natureza fez
Verdadeira maravilha!

Eu sou das terras do Minho,
Do Minho cheio d'encantos;
Olhai e vêde as belezas
Que se ostentam pelos campos!

Eu sou das terras do Minho,
Dêsse Minho, dêsse amor!
Tudo no Minho é criado
Com a Graça do Senhor!

Eu sou das terras do Minho,
Onde tudo são folias;
Ai! que saudades eu tenho
Das Festas e Romarias!

Eu sou das terras do Minho,
Quem me dera lá voltar!
Ouvir os doces gorgeios
Das Aves sempre a cantar!

VERSOS

Os teus olhos, entre tantos,
São dois verdadeiros santos
Que me apetece adorar!
Metidos nos seus altares,
A dirigir tais olhares
Que são um gosto admirar!

Quando os estou a fixar
Parece ouvir murmurar,
Baixinho, com raiva, os meus!
— Isto é que nos faz tristeza,
Porque foi que a natureza
Não nos fez iguais aos teus?! ...

*
* *

Há beijos que são maldade,
Há beijos que são Ternura;
Há-os também de Saudade.
E outros que são Ventura.

QUADRAS

Balões... Fogueiras... Nós dois
Fomos p'ra roda; aos abraços
Andamos rodopiando. Depois...
...Cá tenho um filho nos braços!...

Fogueirinhas que brilhais
Em noite de S. João;
— Sois a alegria dos mais,
Oh! noite do meu coração!

O passado — qual fogueira
De pequeno clarão —
Que ilumina a vida inteira
Cá dentro, o meu coração.

Saudades? É o passado
Que se foi numa ilusão,
Mas sempre fica gravado
No fundo do coração.

Se quiseres morrer casada
Não deixes ficar p'ra tarde...
— Olha que lenha molhada,
Só faz fumo e nunca arde!

SONETO

(Sátira)

Quando a gente tem um fato
Muito usado, já velhinho,
É mister dar-lhe aparato
P'ra durar mais um «aninho»...

E que fazemos, então?
Tratamos de o voltar!
E, feita esta operação,
Hei-lo de novo a ficar!

Quantas vezes, com o fim,
De andarem a agradar,
Muitas mulheres são assim...

Porque em chegando a altura
De mudarem de... figura
Precisam de se... virar!

ORAÇÃO

Bendito seja o Sol de todo o ano,
Bendito o seu calor e a sua luz
Bendita seja a fonte que dá água;
Bendito seja o name de Jesus.

Benditos sejam rio, mar e monte;
Bendita seja a terra que dá o pão;
Bendita seja a árvore que dá fruto
E que dá sombra no calor de Verão.

Bendita muitas vezes seja a chuva;
E bendita seja a erva dos caminhos
Que aos pobres animais vale também;

Bendito seja tudo que há na terra,
Mas bendito, para sempre, também seja
Aquele nome doce que diz: MÃE!

SÚPLICA!

Soprava rija a ventania. O Mar
Era um cão em fúria desabrida!
Abóbada do Céu escurecida!
Em terra mãos erguidas a rezar!

Mas havia ainda um barco por entrar;
Sua vela era já desaparecida;
Em cada boca a prece mais sentida
E em cada coração mais palpitar!

Perdido, então, o rumo além da vela,
Absorta toda, alma em sentinela,
Coração anciado, olhar profundo,

Assim soltava, a pobre, este lamento:
— Mar bom! Meu mar! Dá-mo em salva-
[mento!
É toda a minha vida — é o meu mundo!

A UNIÃO

Certo dia, um velhote de coragem
Vendo chegada a hora da viagem,
Com paixão,
Chamou seus filhos queridos.
Vendo-os ali, todos reunidos,
Cheio de satisfação,
Disse-lhes que pretendia falar.
Mandou-os pôr de roda e sentar;
E, com dedicação,
O velho, com toda a pausa,
Falou-lhes sobre esta causa:
— A união.
— Filhos — disse — atendei e escutai,
Pois que ninguém melhor que vosso pai,
Com inteira razão,
Vos pode falar com sinceridade.
Mostrem-se, portanto, com vontade
E atenção —
Para me ouvir. E assim falando,
As frases vai procurando
De compreensão,
Para bem explicar,
E aos filhos fazer fixar,
Na imaginação,
Esta bem boa e proveitosa
(E há muito para ele ansiosa)
Lição:

— Certo homem, chegada a morte,
Querendo saber a sorte
Que então
Teriam seus filhos (disse o velho)
Chamou-os e deu este conselho:
«— Com satisfação
Vos vejo juntos — união querida! —
E é assim que por toda a vossa vida
Andarão
Como se um só fosseis. Porém,
Para que jamais alguém,
Com maldição,
Vos tente um dia separar,
Eu quero-vos implorar
Nesta ocasião
Que junteis todos as mãos
E como bons e leais irmãos,
Me dirão,
Que por todo o tempo que durem
— Mas imponho que mo jurem! —
Que não
Vos separais». Os filhos prometeram
E ali unidos, receberam
A bênção
Que o pai, já mesmo a expirar,
Lhes pôde ainda dar.
E então,

Unidos, fortes, firmes e leais
Foram valentes como não os houve mais!
... ...
... ...

Comovidos, os filhos escutaram;
E, de mãos dadas, também ao pai juraram
União.
E o velho, alegre e a chorar,
Olhou os filhos e deu-lhes a beijar
A mão
Que eles apertaram com amor,
Enquanto Deus — Nosso Senhor,
— A salvação! —
Lhe levava como um troféu
A alma para o Céu!
... ...
... ...

O segredo mais recôndito e profundo
É o da união que deve unir o Mundo.

O MAR!

Pela praia, à volta dos rochêdos,
— Quais barquinhos alvos lá na barra! —
Andam as crianças nos brinquêdos
Correndo e saltando em algazarra.

Brinca o Mar também. Dolentemente
Vem estender-se, manso, ao areal,
Beijando enternecido, humildemente,
A Terra que o vencera: — Portugal!

Lá fora, lá longe, lá distante,
Cheios de sol quente e rutilante,
Os barcos na faina do pescado;

E como sinto orgulho p'los arrais
Que seriam outros Gamas e Cabrais
Se mais mundo houvera ignorado!

VOLFRAMISTAS!...

(Sátira)

Certo «graxa» a vida agenciava
Lustrando cabedais a quem calçava
De tal coiro, botas ou sapatos;
Pobremente assim ia vivendo,
Vestindo do pior e só comendo
Dos géneros comestíveis mais baratos.

Um dia, porém, a roda desandou;
Em cata do volfrâmio aventurou
Nova e promissora actividade...
Pão-de-ló comia, agora, como brôa,
Fartura no vestir, dinheiro à tôa,
Riqueza tola, enfim, em liberdade!

Uma manhã apareceu rouco, afónico,
Ingerindo aguardente como tónico
E ao criado do café explicou:

— Durmo sempre c'o «Pijame» grená;
Pois esta noite mudei p'ró cardiná
E olha p'ra isto, agora, como estou! ...

SÁTIRA

De aspecto simiês, curvado o peito,
Grotesco no geral, certo sujeito
Só entretinha as horas do seu ócio
Dizendo mal e criticando o sócio.

Mais por caridade que por zelo
(Sentindo, embora, ganas de fazê-lo)
Nunca o gozado lhe dera a tal lição
De lhe marcar na cara a sua mão.

Como «aquilo» já ia além da norma
Resolveu pôr-lhe termo, desta forma
(Aliaz de sentido muito lógico):

Agarra o «Quasimodo» pela gola
E aos apupos leva-o em charola
A exibi-lo no Jardim Zoológico!

CANÇÃO

(Pode adaptar-se a música)

I

Da minha janela
Vejo toda a minha terra
E os encantos que ela encerra
De peregrina beleza!
Os jardins floridos,
Vistos da minha janela,
São a mais linda aguarela
Pintada pela natureza!

(côro-refrain)

Vejo o rio prateado
E o casario caiado
Da minha terra formosa;
Vejo daqui a Franqueira
E o Castelo, lá à beira,
De tradição muito honrosa!

Vejo o sol a levantar
Quando começa a beijar
Este ridente jardim;
Vejo da minha janela
Toda esta paisagem bela
Que se estende sem ter fim!

II

Da minha janela
Vejo-te sorrir, Barcelos,
Com esses sorrisos belos
Duma jovem namorada;
E fico orgulhosa
De te ver tão sorridente
Que não caibo de contente
Oh! terra minha abençoada!

(Refrain)

Vejo o rio prateado
etc.

Jornalismo

SOBRE CAMILO

(Bosquejo)

Almocei há dias em Vermoim, freguesia da circunvisinhança de Seide, onde por largos anos viveu e onde veio a falecer, o maior génio do romance português. Do lugar onde me sentava avistei, na minha frente, aquele monte pedrogoso conhecido pelo «Castelo» e logo o meu espírito se repovoou de episódios camilianos, tantos e tais que por ali os há, que instintivamente sentimos, como eu naquele momento, a feliz sensação de revivermos toda a vasta Obra do Mestre, a maior parte da qual, ou uma grande parte, aqui escreveu por mal dos seus pecados.

Olhando fitamente o «Castelo», onde o Meirinho foi em busca das moedas que o sovina do velho pedreiro manhosamente dissera tê-las ali enterrado, mais uma vez me senti arrebatado pela Obra de Camilo. E sòzinho com o meu espírito, longe e bem longe do convívio de quantos comigo tomavam parte no repasto,

novamente rendi homenagem ao Mestre, àquele eminente sábio das Letras Lusíadas que a dois passos dali, num dia distante de 1890, puzera têrmo ao drama que foi da sua vida, metendo no cérebro privilegiado a bala homicida duma homicida pistola. Galvanizado por essa lembrança, o meu pensamento errou numa peregrinação sentimental, calcurriando esses sítios ali tão chegados a mim, a dois passos que seriam, por onde tantas vezes andara o Mestre — ou fugindo de si mesmo durante as tremendas insónias das suas longas noites, ou buscando o filho incendiário e louco que foi a cruz mais pesada do calvário da sua vida. Personagens que povoam a sua Obra, tantos ali vizinhos: — os caminhos, os lugares, os soutos, os montes, as Igrejas, o Péle, Landim, o «Castelo», a Terra Negra; o Meirinho, o Melro, o Cego — sei lá eu quanto que nessa terra toda imortalizou e tornou grata aos olhos dos camilianistas, ali estavam familiarizados comigo, comigo camilianista convicto e sincero.

Grato já disse eu que estou ao Mestre; grato como português ao Homem que na minha doce língua escreveu livros de alcance universal, elevando a grande altura o prestígio da Literatura Lusíada; e grato por me ter ensinado a ler, a escrever, como só ele será capaz! Cada livro seu é muito mais que um romance apenas: é um manancial porventura inexgotável de ensinamentos, cujo sumo se multiplica como se fôra aquele peixe e aquele pão que nas mãos

do Divino Cristo deu para alimentar toda a multidão faminta e sedenta! Cada Obra de Camilo é um milagre também; milagre de linguagem, do estilo, dos assuntos e milagre ainda da imaginação humana.

Camilo foi um romancista por excelência. A sua vida, toda ela, foi a essência do romance. Em cada dia vivido, deixava para traz um romance que se a sua pena prodigiosa não vertia ao papel, a sua alma grande guardava na profundeza da sensibilidade do grandioso Artista que foi.

Tenho lido de Camilo o muito que o próprio Camilo escreveu de si e o muito que sôbre Camilo os outros têm escrito. Dir-se-á que acerca do Mártir de Seide tudo foi dito e tudo se esgotou já. Nada mais errado e nada mais falso.

Eu tenho opinião oposta — embora não seja neste simples bosquejo que tal assunto possa ser esplanado. Rebuscada a sua vida toda, desde a morte do Pai *(início da verdadeira caminhada para a vida)* até ao momento do tiro na Casa de Seide *(quando inicia a caminhada da celebridade)*, tudo parece ter sido procurado, devassando, menosprezado algumas vezes e outras tantas deturpado. Alguns têm sido os colegiais do seu Colégio, os próprios mordomos da sua irmandade que lhe enegrecem por vezes a sua vida, pondo-a mais negra ainda do que ela foi realmente. Poderia, de entre outros de somenos projecção, referir-me ao

«Romance de Camilo» de Aquilino Ribeiro, onde por muitos passos nos surge um Camilo «chulo», alcaiote, um Camilo esfarrapado de corpo e alma. Mas eu sinto-me, mesmo assim, mais na obrigação de prestar aqui uma Homenagem ao Escritor, Neto do grande Tomaz Ribeiro, do que ao camilianista que foi. Para o outro efeito, para lhe ter rebatido — e com que grandeza de génio o fez! — a muita sujidade que deixou naquela Obra, lá tivemos Sousa Costa com o seu Camilo no Drama da Sua Vida onde a traços indeléveis e documentado até aos dentes colocou todas as coisas nos seus devidos lugares, de forma a não poder ficar a mais leve dúvida sôbre a vida do grande Mestre. Mas dizia eu que desde a morte do Pai, todos os Autores que se preocupam em construir ou aperfeiçoar as Camilianas — quantos! — outra coisa afinal não têm feito que se copiarem, reproduzirem e caírem nos lugar-comuns da vida e da Obra de Camilo Castelo Branco. Procuram, isso é verdade, mais por aqui e mais por ali, tirar algum partido com evidente pouco proveito, de fantaziosas suposições sôbre este e mais aquele episódio camiliano que tenha sido ainda pouco explorado. Mas no fundo todos eles afinal reconhecem que o assunto da vida do Mestre se esgotou em biografias que pecam pela semelhança e que pouco se distinguem, salvo o estilo em que nenhuma se confunde.

A mais vasta biografia do Gigante das letras pátrias, escreveu-a ele mesmo quando

criou figuras, tipos e situações que outra coisa não foram que a sua própria figura.

Retratou-se em muitas delas; e se bem atentarmos na leitura da Obra imortal não será difícil descortiná-lo através de nomes que a sua ficção imaginou.

Alberto Pimentel, contemporâneo, discípulo e Amigo do Mestre foi quem nos legou a maior documentação da vida do Visconde. Toda a sua Obra sôbre Camilo é hoje, e sempre o foi, a fonte mais cristalina onde todos beberam e bebem o que se escreveu e pretende escrever acerca do Mestre. Nele se contém o mais precioso do culto camiliano. E para os estudiosos da sua causa não se pode recomendar outra biblioteca Camiliana que não seja realmente a sua.

Camilo viveu numa época que se pode e deve considerar a época aurea da Literatura portuguesa. Se cada um dos seus contemporâneos — Mestres que foram também da nossa Língua — se situassem fora do tempo de Camilo, cada qual de per si teria marcado uma época distinta nas nossas Letras.

Para se avaliar bem do valor e da grandeza de Camilo, não pode deixar de se analizar primeiro a grandeza e o valor de cada um dos seus contemporâneos. E contudo todos eles, unânimemente, lealmente, nobremente, o consideraram o padroeiro da irmandade — o maior dos maiores! E considere-se ainda que tendo sido Camilo um grande, um imenso naquele mar

infindo de grandes Escritores, não ofoscou algum deles! Facto realmente que merece um apontamento especial.

A título de curiosidade que não de pretensa cultura, veja-se alguns nomes que constituiram essa pleiade de gigantes da Literatura da época, todos eles que da morte se libertaram.

Alexandre Herculano — Guerra Junqueiro — Tomaz Ribeiro — João de Deus — António Feliciano de Castilho — Almeida Garret — Antero de Quental — Ramalho Ortigão — Eça de Queiroz — Júlio Diniz — Alberto Pimentel — Augusto Cézar Machado — Fialho de Almeida — Teófilo Braga — Francisco Martins Sarmento — e outros mais que a memória me tarda a recordar.

Note-se que para um Escritor poder sobressair de entre esta nobilíssima Tertúlia de Mestres, era preciso na verdade ser um Mestre entre os próprios Mestres! E porque Camilo o foi realmente, por todos foi respeitado e por eles estimado.

* * *

Camilo Castelo Branco não foi médico, mas estudou anatomia; não foi Padre, embora houvesse frequentado o seminário; não foi funcionário público ainda que tivesse sido escriturário no Governo Civil de Vila Real e anteriormente uma espécie de ajudante notarial em Ribeira da Pena. Camilo não poderia nunca

ter sido outra coisa que não fosse Escritor. Qualquer ocupação diferente teria sido errada, forçada, deslocada; teria sido uma traição à força do Génio, como que o desviar do curso dum rio, porque em Camilo havia, acima de tudo e até do próprio conceito em que o tinha a sociedade do seu tempo, havia nele a vocação nata do Poeta, do Romancista, do Dramaturgo — havia o Génio. E o Génio, meus senhores, outra coisa não é que aquela costela de ouro de Apolo, aquilo que se não compra e não se vende! Porque se a essa divindade a que Camilo pertence pudesse ascender o dinheiro, então a Mitologia outra coisa não era que um imenso tremedal de leigos e de tolos!

* * *

Camilo foi volúvel. Foi exageradamente volúvel. Mas essa volubilidade, como aliás sabemos, custou-lhe dissabores os mais tremendos. Acima de todos está o imenso Drama da sua vida inteira. Mas que fazer? Ele era o Génio — e o Génio é assim mesmo! A volubilidade em Camilo foi coisa superior a si próprio. A mudança brusca de ideias, a viragem repentina que se operava a seguir a uma resolução, não eram filhas, não, duma loucura que nele não seria para estranhar; eram próprias daquele cérebro privilegiado onde o Génio fervilhava como môsto em lagar!

O casamento efectuado no alvor da sua

mocidade com a Quinita Pereira, lá para Fiume, breve esquecida e abandonada mais a filha do casal, ambas mortas no coração do Mestre muito antes de mortas para o mundo; a união escandalosa com Patrícia Emília, união que foi motivo para muitas arrelias e para a sua primeira prisão; a sacrílega aventura com a Freira do Avé-Maria; a Augusta do Candal, tudo isto, enfim, foram sintomas evidentes e clarividentes dessa volubilidade de Camilo. A inconstância nele identificava-se perfeitamente com a de tantos outros Escritores célebres. Para quê, citar nomes? Desbobinando-se algumas biografias que a História contém, lá os encontramos com tópicos idênticos e idênticas circunstâncias, com pormenores tão exactos e tão comuns que poderiamos atribuí-los à força da heriditariedade do Génio!

Tinha também repentes de alucinação. Que admira! Oriundo duma geração de doidos em nada se podia estranhar que tivesse dado à posteridade uma descendência de doidos. Jorge sofreu — pobre dele! — essa terrível tara. E o próprio Nuno, noutro aspecto, foi também muito atingido por ela. Que outra coisa nele poderia ter sido aquelas manias da nobreza e dos cavalos e do jogo, e a dissipação em que levou toda uma fortuna herdade da mulher, que não fosse uma loucura?

Um episódio distinto da vida de Camilo dá-nos a medida exacta e a noção precisa daquela volubilidade que o dominou: fugido do

Porto em busca do remanso familiar (atrás de si o espectro terrível da cadeia) e chegado à Régua onde o esperava um criado, logo retrocede em direcção ao ponto de partida, sem descavalgar. E à pergunta aflita do atónito criado — «que diria ele à família?» — logo Camilo, sem desviar a montada do já trilhado caminho, responde:

— Que me deixaste doido! Que fiquei doido!

E regressa novamente ao Porto, a êsse Porto onde tinha ficado Ana Plácido. E para Camilo o mundo, a vida, toda a razão da existência estava circunscrita ao lugar onde estivesse Ana Augusta!

«Que fiquei doido! Que me deixaste doido!» Verdadeiro, exacto, justo na resposta. Camilo era um doido. Doido de amor, doido dos sentidos. Do cérebro, ai! desse não! Porque desse cérebro prodigioso sairam as mais belas e imortais páginas da nossa Literatura! E não era dum cérebro queimado que podiam nascer aqueles romances maravilhosos com que Camilo tanto enriqueceu as nossas Letras e a nossa Língua. Desse cérebro, não; não era Camilo doido!

* * *

Foi um amoroso, Camilo. Admiramo-nos todos por se conhecerem tão poucas e dizem que tão feias mulheres na sua vida. A única que a todas sobrelevou em beleza, em dotes corporais e intelectuais, foi Ana Plácido. Mas Ana

Plácido foi o instrumento com o qual o Destino se serviu para zurzir bem zurzido aquele esburacado da cara, o picado do génio e das bexigas. Tendo sido a sua verdadeira «mulher-fatal», foi Ana Augusta também a fatalidade da sua vida. Desde aquele encontro da «Mãe d'água» no Bom Jesus do Monte, até à tarde fatídica de Seide, todo esse lapso de tempo — longo e doloroso! — se transformou na via simosa do Mestre. Eu sou dos poucos que me convenço, apesar de todas as aparências e factos, que Camilo não amou Ana Plácido. Depois do baile da Assembleia, onde Ana Augusta se lhe deparou qual anjo envolto naquela brancura de beleza, os sentidos de Camilo ficaram abalados. Isso foi verdade. E o mesmo coração que se alvorotava por qualquer manequim com saias, também se ressentiu ante a visão angélica da menina de dezoito anos, sacrificada à fealdade de Pinheiro Alves, o magnate dos oitenta contos em Bancos. Logo Camilo se sentiu dominado pelo romance. E logo a paixão; e logo o desejo. E o fatalismo depois.

«Digo-te que é aquela a minha mulher-fatal» — confidenciava o Mártir a um amigo. E foi. E até que ponto! E de que forma! Mas foi-o unicamente porque Ana Plácido estava para ser imolada à fealdade de «Hermenegildo Barrosas» — como ele havia de vir a apelidar Pinheiro Alves em «Os Brilhantes do Brasileiro»! Só por isso, quanto a mim. Se Ana Augusta fosse uma rapariga sem êsse problema, como

tantas outras que como ela teriam frequentado aquele mesmo baile, certamente o espírito de Camilo não se teria preso ao semblante fresco da autora de «Luz Coada por Ferros». Mas esse pormenor terá concorrido sobretudo para que Ana Augusta Plácido viesse a ser, como foi, a fatalidade da vida do Escritor. E amou-a por isso. Amou-a muito por essa razão. Mordido pelos ciumes, movido pelo orgulho (não tivesse ele por Pai aquele orgulhoso Manuel Botelho!) e os sentidos a latejarem pelo esporão do amor-próprio, Camilo amou-a com o desejo da posse — e pela loucura do génio.

Depois... depois os acontecimentos impuseram-lhe um dever moral. Não pelo escândalo de que a sociedade portuense o acusou. Essa causa não movia Camilo. A sociedade, essa, nunca foi para Camilo outra coisa do que um grémio de sujeitos sem cotação na bolsa social que ele a cada passo aproveitava para ridicularizar. A sociedade! Mas que era isso para o Mestre? Nem na prisão Camilo lhe reconheceu alguma vez direitos sobre ele!

Ria dela. Riu sempre. Rachava-a de alto a baixo e passava por ela, depois, altivo e solene sobre as tamancas doiradas onde o seu espantoso génio o colocou.

Passeava higièmicamente pelas ruas do Porto, estando preso. E o Porto indignava-se, escandalizava-se; e o Porto melindrava-se e ofendia-se! E ele nas tintas para o Porto! E passeava sempre, indiferente e alheio—... En-

trava nas lojas e fazia compras. E descia depois a calçada de Santo António trazendo nas mãos, por embrulhar, umas pantufas femininas de quarto para Ana Plácido!...

Isso era espantoso! Era o cúmulo! Era inacreditável! Um escândalo! Um acinte!...

Mas era Camilo!

* * *

Quanto podia dizer mais sobre Camilo! Mas tenho de volver à realidade e ao almoço onde me encontro. Nesta janela, donde lobrigo aquele monte denominado «Castelo», sinto-me bem. Recordo o Mestre, porque recordo lugares de Camilo.

Correm aí fora, a dois passos de mim, os caminhos que foram os seus caminhos. Tudo aqui à roda está povoado da sua gigantesca Obra. E ali perto, ali em Seide, lá está a Casa onde se guardam uns restos da sua intimidade, da sua vida e da sua portentosa criação. Pode o tempo destruir os objectos; mas o que jamais conseguirá apagar é o eco, o eco daquele estampido horrendo que na tarde de 1 de Junho de 1890 se repercutiu por toda a terra portuguesa a levar a infausta notícia do desaparecimento d'Aquele que tanto fizera chorar e rir através das páginas gloriosas da sua Obra imortal.

Esse eco, a lembrar uma tragédia que tanto ferira a sensibilidade da nossa gente através das gerações, por ali anda ainda nas quebradas

daqueles montes, e sempre andará pelos séculos sem fim, enquanto na terra perdurar vivo o espírito desse Gigante das Letras nacionais que se chamou Camilo Castelo Branco!

*

* *

SENHORA! NÓS VOS ACLAMAMOS!

(Por ocasião da visita da Senhora Peregrina a Barcelos).

(Em «O Barcelense»).

A peregrinar por esse mundo fora, descendo montes, passando vales, atravessando mares, conquistando fronteiras, percorrendo terras, de estrada em estrada, de rua em rua, anda a Imagem da Virgem de Fátima a distribuir Bênção e Graças num manancial exuberante e misericordioso de Amor Materno, desse Amor puríssimo que a Virgem Imaculada por todos reparte.

Ela aí vai chegar até nós, a espalhar o Seu singular sorriso de Bondade que a todos acarinha, aquele sorriso divino que põe Fé nos corações sem Fé, que dá Esperança às almas sem Esperança, que acalenta os atribulados, que acorda afectos onde se geram ódios, que a todos alivia, que a todos remedeia, que a todos enche de alegria e Paz!

Ela aí vem! Aí vem a Rainha dos Céus e da Terra, Saúde dos Enfermos, Alegria dos Tristes. Refúgio dos Desamparados!

Vem aí Nossa Senhora e Nossa Mãe que a todos agasalha no Seu Manto divino como Mãe Carinhosa, como Mãe Bendita, como Mãe Eterna!

E todos Lhe tributamos as maiores honras da nossa Fé pelo muito que Lhe devemos e havemos de dever.

Honra sublime foi essa que Nossa Senhora nos deu ao escolher o solo lusitano para nele se mostrar a uns pobres pastorinhos de almas cândidas e corpos sãos, e por eles enviar aos povos o pregão da Sua Mensagem de Paz, Mensagem de Amor, verdadeira Mensagem de Mãe, a aconselhar seus filhos a uma vida pura para salvar o mundo!

E a Mensagem ecoou por toda a Terra; a Mensagem de Fátima é o caminho da Luz, é o caminho da Verdade, é o caminho da Salvação! A Mensagem de Fátima entrou no coração dos Povos!

Saiu de Fátima esse grandioso grito de Redenção; dum pedacito de terra portuguesa inabitada, por três boquitas infantis, mas de almas fortalecidas pela Graça de Nossa Senhora, saiu de todo o mundo essa Grandiosa Peregrinação de Fé que reabilitaria a espécie humana do flagelo infernal que parecia querer afogar a Terra!

Que grandiosa Honra, Senhora, deste a Portugal!

E a peregrinar de terra em terra, descendo montes e passando vales, eis que vindes

visitar todos os Vossos filhos, sendo portadora daquela magnífica Mensagem que será a nossa Salvação e a nossa Paz!

Nós Vos esperamos de joelhos em terra e de mãos erguidas, nesta posição de humilde pecadores para recebermos a Vossa Benção e o Vosso Maternal Perdão e pedir-Vos, Senhora de Fátima, que encheis de abundante Fé os corações de todos aqueles filhos que andam transviados!

Senhora! Sêde Benvinda a esta Vossa Terra!

Senhora! Nós Vos aclamamos!

*

* *

MONUMENTO AO BOMBEIRO

(Em «O Barcelense»)

Retardou-se a publicação deste despretencioso artigo porque o pouco espaço de «O Barcelense» não permite, sempre que se quer, dar urgente expansão a coisas que se relacionam com a sua Terra. E ainda bem que o artigo sofreu atraso porque urgiu imprimir-lhe modificações que mais logo seriam descabidas — ou não justificavam novo regresso a um assunto que aqui desejamos dar por concluído. Não por completo, verdade seja, o assunto do monu-

mento ao Bombeiro, que ele é fonte inesgotável de recursos para quem queira e saiba vertê-lo em prosa continuada na certeza de que terá assunto para dar lições, não diremos apenas de bairrismo, mas de uns tantos sentimentos onde por certo o da Gratidão ocupará destacado lugar. Já a Imprensa quase geral do País— a grande e a pequena — dispensou o melhor dos carinhos à iniciativa barcelense — orgulho nosso e certamente das futuras gerações — que ergue em praça pública um bronze a perpetuar o leal e abnegado sacrifício do voluntariado português em prol da sempre viva e sempre urgente Causa da Humanidade.

A ideia, e logo a Obra, teve apoteótica recepção em todos os cantos do País; e das nações amigas, para lá dos mares, chegaram ofertas, chegaram estímulos e vieram amplexos que bem demonstram a ternura que desfruta a ideia filha de Barcelos, e os Bombeiros — os nossos e os de toda a parte, que são nossos também.

Vai, portanto, erguer-se uma estátua ao Soldado da Paz; e este caso, naturalmente discutível como tantos outros, pode vir a originar opiniões rebeldes contra as quais se levantará o partido mais forte e o melhor: o do bom senso. Ele aí estará velando pela sublimidade da iniciativa, destruindo categòricamente insinuações de somenos alcance prático que porventura apareçam com demasiado e deslocado sabor «filosófico»...

Não sou e julgo mesmo não haver quem seja contra a construção de Monumentos a Homens Bons de Barcelos aos seus verdadeiros Beneméritos que sempre os houve em todas as épocas e os há na presente; defenda-se até o princípio e a doutrina. Mas por certo não serão os Bombeiros a levantarem a iniciativa alheia à sua Causa, como me não consta que tenham sido estranhos a levantarem o Monumento ao seu Heroi. Organizem-se as comissões, esmolem o serviço uns dos outros e cada círculo respectivo erga o bronze do seu Heroi, que com isso todos lucramos — e a Terra também. Mas para se defender esse princípio não precisamos visar estranhos alvos, tabelando erradamente pelo Monumento ao Bombeiro cuja Obra, por ser grandemente superior a questiunculas dos homens, não pode nem deve ser por homens livremente julgada, ou impunemente citada para fins diferentes. Subamos para o estrado da oratória com a necessária firmeza de carácter para atacar ou defender; mas jamais culpemos em abono de outras, as Obras que encerram verdadeira beleza moral, e garantem uma nítida compreensão dos que deram muita alma a esta Obra; e respeitem-se, independentemente pelo que são de grande na Religião e na Sociedade.

* * *

Vai, pois, em breves meses, numa Terra — em Barcelos — prestar-se a mais alta Homena-

gem ao Heroismo, à Intrepidez, ao Sacrifício abnegado, ao Serviço incondicional, à dádiva de Vidas por Amor de Vidas, à Virtude de servir os outros abandonando os seus, finalmente ergue-se na nossa Terra um Monumento em que a Humanidade diz o *Muito Obrigado* ao Bombeiro Voluntário Português.

*

* *

ÍNDIA PORTUGUESA

(Nossa Terra e nossa Gente)

(Em «O Barcelense)

O brado de repulsa que ecoou pela Terra portuguesa e se repercutiu para além fronteiras contra a infame agressão de que foi vítima uma parcela do nosso território na índia, prova uma vez mais o já provado e definido carácter português que não transige com exigências de qualquer espécie, quando não estejam dentro dos moldes construtivos da nossa organização política, venham donde vierem e como vierem, mesmo que se apresentem carregadas de violência — como agora acontece.

Não cedemos perante o que possa parecer o medo das armas; e se forem estas a decidir a posição futura desses territórios portugueses no Oriente, por certo que os soldados que des-

cendem de Nuno Álvares Pereira saberão novamente escrever com o seu sangue, na História de Portugal, mais uma gloriosa página das suas façanhas guerreiras.

A Índia portuguesa, orgulho nosso e nosso Pendão de glórias para lá, no Oriente, onde perdura uma civilização lusitana que levou séculos a consolidar e onde a acção sublime dos nossos Missionários deu galas de Mártires a muitos Santos — dentre os quais avulta a Figura amantíssima de S. Francisco Xavier — não podia hoje, como não pode jamais desligar-se do torrão português, seja à custa de que espécie de sacrifícios fôr na sua defesa até ao último arquejar, até ao último alento, até à **Morte!**

Não admitimos, sob qualquer forma, o render da nacionalidade naquelas ou noutras paragens do nosso território; contra tudo e contra todos, firmes como em Aljubarrota, esperaremos o inimigo com aquela mesma força e coragem herdadas dos de Antanho e haveremos de dizimá-los totalmente, inexoràvelmente, aos gritos de «S. Tiago», seguros que estaremos das Graças do Céu, porque lutaremos pela conservação da Terra de Portugal e de Santa Maria da Vitória.

Não nos envergonha as faces nem nos empeçonha o sangue o facto de vermos aparecer hoje por lá na Índia, como há vinte séculos em Jerusálem a vender o Mestre, outro Judas ou outro Miguel de Vasconcelos. Eles — os

traidores, os infames, os vendilhões, esses canalhas sem vergonha, sem honra, para quem a honra dos outros pouco vale e onde a gratidão não encontrou terreno para frutificar — são de todas as épocas, são de todos os dias, são de todos os tempos. Aparecem em edições sucessivas, ora disfarçados em patriotas e logo traidores, ora em serviçais curvados em mezuras mas procurando expedir dali a nada o golpe traiçoeiro que mata. São de ontem, são de hoje sê-lo-ão de amanhã. Pouco importa o nome, ou sejam Migueis de Vasconcelos ou Mascarenhas; nada diz o nome e pouco ou nada o nome importa; o que deveras interessa, porém, é estarmos de atalaia e precavermo-nos contra eles, pois de cada esquina nos surgem Mascarenhas reeditados na figura sinistra e satânica de Judas — espécie que não está extinta na terra e há-de ser eterna na história das Raças e das Nações. Portugueses:

Pela Índia Portuguesa!
Por Portugal!
Pelo Estado Novo!

* * *

Anos depois deste artigo publicado, infelizmente a nossa índia caíu em poder da União Indiana, mesmo sem acção militar, ou quase nula, não havendo possibilidade de engrandecer

a Pátria com uma grande façanha à altura das suas tradições.

A História julgará, a seu tempo, este desaire das nossas armas.

* *
*

DE VEZ EM QUANDO

(Em «O Barcelense»)

De longa data, do dealbar da lusitanidade, a História do mundo tem vindo a enriquecer-se com os feitos grandiosos e épicos de Portugal. Ora conquistando e descobrindo: — repovoando, evangelizando e dilatando; ora alargando os então acanhados horizontes da terra: — rasgando caminhos novos e seguros no mar e no céu, e ora valorizando os seus domínios, dando-lhes positivamente características bem portuguesas, tem sido assim que Portugal se vem impondo ao mundo como Nação geradora de nações e de povo admirado e respeitado.

Por tão nobre passado onde não cabe lugar para desonras, não admira que, mau grado a sobreposição dos séculos, as gerações tenham herdado o mesmo espírito de conservação e o mesmo ideal da indestrutibilidade da Pátria.

Sair destes princípios — traindo-os! — não direi já que fosse uma vilania que português algum seria capaz de cometer, mas pode-

ria dar de si o triste sinal da degeneração duma Raça, o que, felizmente, se não vislumbra. A prova segura e insofismável desta afirmação dá-no-la, em primeiro lugar, a firme determinação do Governo de Salazar perante as ameaças por demais conhecidas dos comunistas sobre os nossos territórios separados pelo mar, mantendo uma posição irrevogável acerca da política ultramarina que os mantém na legítima administração do povo a que pertencem. Como se esta prova não bastasse a dizer ao mundo, qual a disposição duma Raça que nunca temeu o bulício da fusilaria quando na defesa legítima dos seus direitos e posses, o povo todo de Portugal, em Lisboa como na Guiné, em Angola como em Moçambique, na mais unida, sincera e expontânea manifestação patriótica que ainda o mundo admirou, foi afirmar ao Governo que a declaração feita por Salazar em 12 de Agosto, traduzia fielmente o desejo de todos quantos se orgulham dela e de Portugal.

Lição sublime foi ela na grandeza dos sentimentos que só a sabe e pode dar um povo e uma Nação com a estrutura dos portugueses e da sua Pátria!

Estrutura ela feita da argamassa do muito sangue generosamente derramado por gerações sucessivas, tingindo a terra lusíada onde quer que ela esteja no mundo e regando-a promissoramente para que o fruto ali produzido não possa jamais ser outro que o tremular constante e orgulhoso da Bandeira de Portugal!

sabe ainda! — que Salazar, o Condestável do nosso tempo, como alguém lhe chamou já com inteira propriedade, organizou o quadrado para uma nova Aljubarrota e que toda a Terra portuguesa dentro dele o saberá defender contra tudo e contra todos, mantendo inalterável o Ideal comum e sagrado de continuar Portugal uno e indivisível!

Agora, como então, o inimigo sairá desbaratado.

Que a voz autorizada, serena e firme de Salazar continue a fazer-se ouvir pela terra inteira — como palavra de ordem, como ordem de comando, como comando de forças e como força galvanizadora dum povo que quer como ele quer e pensa como ele pensa e que de nenhum modo deseja outra coisa que não seja para a sua Pátria o sossego e a Paz que a cobiça estrangeira pretende roubar-lhe.

Se continuarmos unidos com Salazar nesta Velada de Armas pela Pátria, teremos conseguido a perdurabilidade da independência nacional em todas as suas parcelas pelo mundo.

*

* *

O NATAL

(Em «O Barcelense»).

Cá estamos vizinhos da quadra do Natal.

Iluminam-se as cidades em ar de festa e o mundo vive em alegrias intensas a época

lindíssima em que Jesus nasceu. Canta o povo hossanas em louvor do Menino-Deus e armam-se os Presepes, mais ou menos ricos ou mais ou menos pobres — aqueles com mais aparato de pompa, e estes, os pobrezinhos e humildes, sempre humildes e mais pobrezinhos.

Em cada um deles, porém, a transposição da cena do nascimento do Menino é igual e por igual modo Jesus se representa nascido nas palhinhas bíblicas, quer estas sejam mais reluzentes por efeito da imaginação comercial, quer sejam palhinhas naturais, o Menino-Jesus ali está em cada lar dando ao Mundo a lição sublime do Seu nascimento humilde. E quanta mais singeleza houver na representação do Presepe, tanto mais ele se assemelha ao cenário nú, despido de quaisquer grandezas ou confortos que tinha a gruta de Belém onde nasceu o verdadeiro enviado do Pai, o Rei dos reis, o Salvador e Redentor do Mundo.

Para quantos padecimentos e para quais torturas estava destinada aquela pequenina vida ali nascida nas tristes palhas! E também para qual sublime destino, para que sacrossanta missão e para que Obra Redentora vinha ao Mundo aquele Jesus inocente que trinta e três anos depois, no mais odioso e ignóbil instrumento de morte, que seria também a mais sublime relíquia que ainda os povos respeitaram, redimiria com o seu sacrifício supremo, a Humanidade inteira de toda uma vida vegetativa e terrena, para o Reino luminoso e glorioso do Céu!

E em todos os anos, desde então, a quadra do Natal é festejada pelos povos cristãos.

E é curioso notar como o tempo, que tudo envelhece e tudo derruba com a sua inexorável lei, ao invez de produzir o seu efeito corrosivo em contrariar ou mesmo anular a Obra de Cristo, antes A actualiza e fortalece no sentido de A tornar em cada dia, em cada século e em cada milénio ainda mais verdadeira, mais evidente e mais gloriosa!

As palhas pobrezinhas sobre que Jesus nasceu e a Cruz ignominiosa onde expirou por mandato dum sumaríssimo e iníquo processo, tornaram-se deste modo (e mesmo que os homens o não desejassem), em símbolos de grandeza espiritual e em alicerces da mais sólida estrutura onde viria a assentar indestrutìvelmente a Igreja de Pedro — barca que tem atravessado incólume os mais desfeitos vendavais e sempre vai singrando ovante para honra e glória da Verdade e da Justiça.

* * *

Iluminam-se, pois, as cidades nesta quadra festiva e repicam alegremente sinos nas Catedrais, nas Igrejas e nas Ermidinhas. Tudo ressume um ar de alegria sã e a própria natureza se associa ao grandioso festival, derramando por sobre a terra as suas flores brancas de neve, adornando-a e enfeitando-a no jeito de quem estende mimosamente colgaduras para

passar Jesus. Toda a cristandade se prepara para o grande aniversário e o vai festejar com aquela mesma ânsia de louvores e de graças.

É Natal! É o Natal do Menino-Deus!

Há no céu miríades de luzes a resplandecer nessa noite linda e santa. Desce das Alturas o Hino da Paz, da Concórdia, da solidariedade humana, da fraternidade entre os povos. Vem de Roma uma palavra de ansiedade que exorta ao Amor comum. A lição de Jesus, desse Jesus pequenino que nasceu em Belém, convida os homens a amarem-se e a amarem o próximo como a si mesmos. Mas o Mundo e os povos e os homens permanecem de ouvidos moucos e de corações empedrenidos para este clamar incessante e por vezes angustioso. As armas cruzam-se em lutas fratricidas num desafio desvairado à Omnipotência do Céu; as nações degladiam-se em ódios movidos por questões estéreis; as vidas vivem-se em permanentes desejos ignorados. O homem, na sua caminhada insatisfeita para o progresso, não respeita os meios para atingir os fins; as civilizações são ameaçadas pela avalanche dos vícios que conduzem à corrupção; a liberdade dos indivíduos é coarctada pela imposição defeituosa que o poder das armas dão aos que se julgam senhores da terra toda; o passado grandioso das nações — a sua História, o seu esforço de séculos pela dilatação da Fé, a sua missão evangelizadora — já não merecem o respeito, sequer a consideração dos outros

povos que se aproveitaram das suas obras para caminharem hoje seguros ao longo das estradas e dos caminhos então abertos nos mares e nas terras. É isto uma caminhada de loucos, um mundo louco, esquecido de Deus! É o homem transformado numa fúria selvática que ignora a lição sublime daquele Jesus inocente que um dia veio à terra para o salvar, para o remir e para lhe dar a suprema ventura duma vida imortal através uma alma que precisa salvar!

E o homem anda arredado dessa senda; o homem anda fugido dessa verdade; o homem permanece perdido nessa floresta densa onde não quer que entre a lição de Cristo!

Oh! Jesus pequenino do Natal! Oh! Jesus que foste o Salvador do Mundo! — que esse teu sorriso bondoso e esse teu olhar misericordioso e divino sejam nesta hora cruciante, o raio de luz a abrir uma clareira de humanidade entre os homens, a iluminá-los e a encaminhá-los para a tua imensa Verdade e lhes encha os corações, tão carecidos de paz e de justiça, da tua exuberante ansiedade de Paz e da tua infinita sede de Justiça!

É Natal! É a vinda do Messias prometido! É a época da glorificação do homem pelo Homem. Tocam festivamente os sinos; iluminam-se as cidades em ar de festa; toda a cristandade se prepara para entoar Hossanas em louvor do Menino-Deus.

Que esse repicar alegre dos sinos, que

essa grande festa que a terra festeja em honra do Senhor, seja, Jesus, apanágio de Boa-Vontade, de Verdade e de puro sentimento fraternal, a levar os homens, os povos e os condutores de povos, para a tua Doutrina e para o remanso de Paz que a tua sacrossanta Lição trouxe ao Mundo.

*

* *

RECORDANDO UMA DATA

(Publicado em «O Telégrafo», Horta, em Dezembro de 1957)

Este acontecimento, por si e pelas razões históricas que o motivaram, bem merecia que os Homens o fizessem reviver na lonjura dos tempos, dando-lhe algo mais duradoiro que a simples recordação sentimental, sujeita a morrer como morrem com a matéria todos os afectos . . .

Neste mesmo dia de há dezassete anos — 18 de Outubro de 1940 — chegou ao Faial em patriótica missão de Soberania o Batalhão de Infantaria 66, que foi, dum vasto contingente expedicionário aos Açores, o primeiro grupo a demandar o Arquipélago.

A toda a hora a nossa saudade relembra aquela madrugada cinzenta e fresca em que surgiu, ante o nosso olhar sôfrego por paisa-

gens novas e cobiçoso de terra firme, a Ilha linda, com o altar grandioso da sua capital incrustado no tom magnífico de tão decantada flora. O espectáculo sublime que apreciávamos, a beleza nova a que os nossos olhos ainda mal se acostumavam, toda essa visão soberba que o Faial dá espontaneamente a quem chega, encheu-nos de comoção, o olhar absorto, a irrequietude dos nossos vinte anos dòcilmente subjugada! A cada momento — oh! quantas vezes, quantas! — relembramos saudosamente o romper dessa manhã longínqua... O Pico, a Ilha de encantos sempre novos — qual Gigante de Lenda e Musa de Poetas — acendeu-se por magia do Sol deliciando-nos com uma visão de surpreendente efeito! Depois o Faial, já banhada de luz, mostra-se na plenitude da sua beleza, esbelta e senhoril, de linhas graciosas que riscam no Céu silhuetas de encantar! E acariciadoramente, na sofreguidão imensa dum imenso amor, o Mar — seu noivo eterno — beijava-a com transportes de ternura, envolvendo-a em montões de arminho e tecendo-lhe a própria renda de noivado, branca de anil, que depunha a seus pés, submisso, vencido!... E galgando encosta acima, o seu casario garrido trepava no geito de quem se atropela mutuamente na disputa dum lugar na crista distante, lá muito em cima, onde alegremente outras casitas já corriam às cavaleiras da natureza! Um silêncio leve, suave, que o acordar da terra quebrou lentamente, pairava ao redor das

coisas e das pessoas pondo uma expressão de artifício nesse quadro maravilhoso. O ressoar estridente dum clarim desfez o nosso sonho de fantasia... Como eras linda, Faial, nessa manhã distante em que os nossos olhos te viram pela primeira vez! E como ficaste assim linda para sempre, através dos anos, gravada no nosso coração onde despertaste um sentimento profundo, verdadeiro, real! E ainda hoje, passadas quase duas décadas, temos a noção exacta da sensação de surpresa que nos proporcionou o espectáculo dessa alvorada, tão indelével foi a impressão que nos deixou para a vida. E, se nos detemos mais atentamente nas reminiscências desse momento — e de tantos outros, santo Deus! — encontramos esta expressão vulgar como que a justificar a rapidez de tão longa caminhada: — Como o tempo voa! E realmente como é triste e amargo vê-lo fugir tão veloz!... Desembarcamos. Em sentido inverso, serenamente, rumo ao Dever — irmãos nossos em Missão augusta — uma força militar local deixava a Ilha. E a Ilha, como que sentindo já aquela ausência longa, carpia-se de saudade precoce. Mas mesmo assim, olhos ainda por enxugar, coração pela barra fora na esteira dos filhos e dos Pais e dos maridos, a sua gente hospitaleira e boa ainda teve sorrisos para nos sorrir e algum afecto que nos deu e que tanto suavisou a nossa mocidade longe de carinhos maternos...

Festejava Portugal o Ano Aureo dos Cen-

tenários e essa comemoração contrastava, infelizmente, com o estado de Guerra que envolvia o Mundo. Os ares andavam carregados de cores sinistras e a fome e o luto atormentavam as populações. E o Deus misericordioso e Bom — o Deus que nunca abandonou a gente lusíada — quis que nesse Mundo em Guerra tivéssemos uma missão de Paz. E foi realmente em Paz sublime que vivemos no remanso desta encantadora Ilha, vendo os dias e os anos passarem suavemente, enquanto lá fora, ao longe, a procela rugia mais ameaçadora e feroz, cavando abismos sobre abismos, multiplicando a orfandade e a viuvez, subdividindo as famílias, exterminando ideais, acossando ódios, enfraquecendo as Raças e ferindo, numa alucinação; dizimando, numa inclemência; arrazando, numa violência! Era o pecado dos homens sem Deus, a sua ambição e a sua maldade, a sua tirania e a sua Guerra, a Guerra, esse inferno vivo da Guerra que fazia o Mundo revolver-se nas agruras desse terrível flagelo! Mas no teu regaço, Faial, embalados pelo carinho que tão pròdigamente nos deste, foi-nos muito agradável cumprir essa missão de Paz que Deus nos confiou, sem a qual não viríamos nessa madrugada cinzenta e fresca de há dezassete anos, recordada hoje com saudade, aportar ao teu seio Amigo e sentir o coração magnânimo da tua gente caridosa e sã. E se é verdade, Faial, que nos amaste muito; se no teu peito acalentaste as mais doces ilusões da nossa juventude; se

connosco partilhaste os melhores dias da nossa existência; se sofreste as nossas alegrias — se tudo tivemos assim tão comum e tão íntimo — oh! terra nossa pelo coração! como não havíamos, pois, de te amar imensamente, com toda a nossa alma, se este AMOR com que te queremos preenche a mais grada parcela da nossa vida!

* *
*

UM PENSAMENTO

A experiência é o princípio do fim.

*
* *

Passatempos

ADIVINHA (1)

Mil e tantas filhas que tem ela
Cumprindo todas bem sua missão,
Embora triste vida seja a dela
De ter que andar de rasto pelo chão.

Algumas filhas fogem; e assim
Fica enfraquecida a união,
E a pobre, no têrmo do seu fim
Não é mais que apenas um bordão.

* *
*

ANEDOTA

Era preciso avisar a pobre dama
Que ficara viúva de repente.
— Mas como?! — dos amigos, um exclama,
Receoso de falhar no expediente.

— É simples! — diz um outro mais afoito:
— P'ra que o recado não seja muito amargo
Eu sugiro que o leve, dentre os oito,
O Zeca, que tem vantagem de ser gago!

ANEDOTA

Conhecido careca, certo dia,
Entra ofegante na Barbearia
Ordenando ao fígaro, muito à pressa:
— Pretendo que me faça, mas com jeito,
Uma barba total, bem a preceito,
Do pescoço ao fundo da cabeça.

Fita-o o barbeiro, de repente,
E vendo aquela bola reluzente
Não consegue mais que exclamar:
— Se Vossa Senhoria arranjava
Mais duas como esta, já jogava
Uma rica partida de bilhar!...

*
* *

ADIVINHA (2)

É fado seu desalojar
Aquilo que lá está no seu lugar;
Fére, latripa, rasga na procura
De ter a sua prêsa bem segura.
E sai depois com ela de rompante
Provocando ruído bem sonante.

ADIVINHA (3)

Aparece depois da mãe desaparecer
E fica então a rebrilhar, contente,
Sem saber que um dia há-de morrer
Nas guélas de muito boa gente.

Mas se errares o uso da pitada,
Então adeus, que já não quero nada!

*
* *

ANEDOTA

Surgindo de repente na cozinha
E vendo a criada descuidada
Bebendo pela garrafa, do seu vinho,
Lhe despede, a ama, mui zangada: —

— Parece incrível, Maria, que você
Fôsse assim capaz de me enganar!
— «Hom'essa! anganada foi ê,
Porque fazia a siôra a passeiar!»...

ADIVINHA (4)

Entra e sai; sai e entra
E ao sair vem a pingar;
Deixa dentro muitos sêres
Que ele pretende matar.

É bem bom para entreter
A quem o põe a mexer;
Se fores malicioso, então
Não terás a solução.

*
* *

ENIGMA (1)

(Por Letras)

Tirando a prima que é prima,
Fica acirrada a senhora;
Mas retirando a segunda
Então a criança chora.

Se fizermos ao avêsso,
Do mesmo jeito de agora,
Na mesma a criança chora
E fica acirrada a senhora.

ADIVINHA (5)

Leva pancada de fartar
De todas que há no lugar;
Pisam-no e até o furam
Todos as que o procuram.

Tem por dentro escura côr,
Mas por fóra é diferente o fato;
Sem ser máquina de filmar
A tudo tira o retrato.

Depois de dar o que tem
Já não serve mais ninguém;
Mas se lhe puseres o dêdo
Não o farás em segrêdo!

*
* *

ANEDOTA

De óculos na ponto do nariz,
Olhar vêsgo, cansado e velho,
O professor chamando o Zeca, diz:
— «Qual a utilidade da pele do coelho?»...

E ladino, arisco, espertalhão,
O Zéquita responde, entre rizinhos:
— «Sem a pele, professor, como era então
Que se vestiam os tais animaizinhos?!...

ADIVINHA (6)

Não sou cão, mas certamente
A ele sou semelhante
Sendo a própria Natureza
Que dele me tem distante.

* * *

ENIGMA (2)

(Por Sílabas)

A primeira fica quarta
Dum grupo que conhecemos,
Mas quando junta à segunda
Nunca segredo teremos.

Daquele tal grupo, a terceira,
É seu digno comandante
E combinado com primeira
Em Portugal é galante.

Juntando segunda e terça
Um ângulo fica formado
E assim temos o todo
Num caso já arrumado.

* * *

ADIVINHA (7)

Abro a boca me ma abres
E fecho-a se ma fechares,
E a comida que me dás
É para tu trabalhares.

ADIVINHA (8)

Eu não vomito o que cômo
E ando sempre a vomitar,
E sou da Rosa dos Ventos
Preciosa auxiliar...

Sem mim não sei que seria
De quem tem obrigação
De me deitar na barriga
A minha sustentação!...

*
* *

ADIVINHA (9)

Sete veus — qual Salomé —
Tem o seu corpo a cobrir
E despe-se até ao pé
Sòmente p'ra nos servir.

Ao vê-la, ninguém dirá,
Que com tal ar inocente,
Possui a condição má
De pôr a chorar muita gente!

ENIGMA (3)

(Por Sílabas)

Sem têres as duas primeiras
Não verás duas restantes,
Pois que todas são precisas
P'ra conheceres os farsantes.

Mas se preferires finalmente,
Ler as primeiras p'ra traz,
Quando chegares às do fim
À «malha» tu jogarás.

*

* *

ADIVINHA (10)

Sem mim não pode haver mal
E nunca o mundo existiria;
Para marcar eu diria,
Nunca marca, mas sinal.
A Virgem seria Virgem,
Mas com nome bem diferente;
Não seria, como dizem,
Maria Omnipotente;
Até sem mêdo de errar,
Eu vou dizer a vocês,
Esta coisa de espantar!
— Nem Mãe sequer haveria
E o ano não tinha um mês
E a Morte jamais viria!

ADIVINHA (11)

Tem muitos irmãos diferentes,
Uns que falam, outros não;
Todos são independentes
Mas têm igual missão.

Se lhe dá p'ra mandriar,
Mente como cesta rota
E quem nele se fiar
Bate com o nariz na porta.

Cada jornada que faz
(Levando seus passos certos)
Deixa sempre para traz
Filhas, netos e bisnetos.

Não mates muito a cabeça
Que não há quem o não conheça!

ADIVINHA (12)

P'ra lhe pagar o valor
Não há no mundo com quê
E, no entanto, o Senhor
Dá-o de graça a você!

Haja, contudo, cuidado
Que isso é coisa de matar!...
Se fôr muita — estás tramado
E tramas-te se não chegar!

Nunca volve onde nasceu
Por não ter que lá fazer;
A mãe jamais conheceu
Mas vai ao pai, p'ra morrer.

Pedras, ferros, tudo engole,
E coisa muito original:
Não traga a madeira mole
Mas corta o papel, por sinal!

Indice

DEDICATÓRIA 7

AO JEITO DE PREFÁCIO 9

SONETO 13

CONTINHOS

O Galo 17

A Urbana 69

O Embrulho Roubado... 77

O Gato 79

A Peça de Porcelana 83

O Cravo Vermelho 93

Carta sem Destino 105

O Amigo Simão 115

Recordações 123

APONTAMENTOS TEATRAIS

Episódio Policial 131

Recortes Teatrais *(da Revista «Pão com Queijo»)* 134

Uma Tragédia 170

Apoteose Final *(da Revista «Vai de Rijo»)* 173

Recorte Teatral *(da Revista «Piada à Vista»)* 174

VERSALHADA

O Minho 203
Versos 204
Quadras 205
Soneto 206
Oração 207
Súplica 208
A União 209
O Mar 212
Volframistas 213
Sátira 214
Canção 215

JORNALISMO

Sobre Camilo 219
Senhora, Nós Vos Aclamamos! 231
Monumento ao Bombeiro 233
Índia Portuguesa 236
De Vez em Quando 239
O Natal 241
Recordando uma Data 246

PASSATEMPOS

Soluções

Adivinhas: N.º 1 ... ... *(Vassoura)*
» 2 ... ... *(Saca-Rolhas)*
» 3 ... ... *(Sal)*
» 4 ... ... *(Anzol)*
» 5 ... ... *(Papel-químico)*
» 6 ... ... *(Cadela)*
» 7 ... ... *(Tesoura)*
» 8 ... ... *(Chaminé)*
» 9 ... ... *(Cebola)*
» 10 ... ... *(Letra M)*
» 11 ... ... *(Relógio)*
» 12 ... ... *(Água)*

Enigmas: N.º 1 ... ... *(Ama)*
» 2 ... ... *(Falado)*
» 3 ... ... *(Comédia)*

biblioteca
municipal
barcelos
6394
Saco de papel velho